

LARISSA SIRIANI

As
Bruixas
de
Oxford

2ª EDIÇÃO

Iterata

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Recomeçar é Preciso

Dizem que a vida só te dá uma chance. E que, a escolha que você faz quando tem essa chance, repercute para o resto de tua vida.

É o que dizem. Mas há sempre aquelas raras ocasiões em que ela te oferece uma segunda chance, pra reparar uma escolha errada do passado. E, quando isso acontece, é um erro deixar que ela passe. A segunda chance costuma ser a última. É nosso dever pegá-la se possível.

Essa é a razão pela qual eu e a minha família estávamos enfiados em um carro naquele momento, deixando nossa cidade natal para trás. Melhor dizendo, não era bem um carro. Era uma minivan. Pequena o bastante pra não ser muito chamativa, grande o suficiente pra comportar nove pessoas.

É, a minha família é bem grande. Meu pai, Dave, e a minha mãe, Milla, tiveram um grande sucesso no sonho de ter uma família grande e feliz, embora este último adjetivo não se encaixe perfeitamente entre nós ultimamente. Sete filhos. Seis garotos, uma moça. Eu.

Adam, o meu irmão mais velho, nasceu quando meus pais ainda tinham apenas 17 anos e moravam no Kansas, um estado que está mais ou menos no meio dos Estados Unidos. Então, eles se formaram no colegial, se casaram e papai conseguiu um emprego em outra cidade quando mamãe já estava grávida de novo. Eles se mudaram pra Oklahoma City, no estado de mesmo nome, e lá, o Bryan nasceu.

A família não parou de crescer depois disso. No dia do seu aniversário de 19 anos, mamãe deu à luz ao terceiro garoto da casa, Colin. Foi a partir daí que surgiu a ideia de colocar todos os nomes em ordem alfabética. Claro que, na hora, nem ela nem meu pai faziam ideia de que chegariam tão longe no alfabeto. Quase um ano depois, eles já alcançavam a letra D, quando meu irmão Dylan nasceu.

Meus pais entraram em desespero quando, aos 21 anos, mamãe engravidou pela quinta vez e meu irmão Eric nasceu. Ainda sofrendo das dores do parto, mamãe entrou em cirurgia para cortar as trompas e parar de engravidar. Não adiantou. Aos 23, já carregava o sexto filho homem, Freddy, consigo.

Mesmo tomando todas as precauções possíveis, eles não puderam evitar que uma sétima gravidez viesse. Já estavam esgotados e cheios de prática em tratamentos com bebês quando eu nasci, e mamãe resolveu quebrar a tradição dos nomes me batizando de Malena ainda na mesa de parto. Meu pai teve a brilhante idéia de consertar em parte aquele erro me registrando como Malena Georgina, o que nunca me ajudou em absolutamente nada na escola, para ser sincera.

E foi aí que a família parou de aumentar. Meus pais já tinham 24 anos e sete filhos pra criar. Nos mudamos para uma casa maior e logo, as vantagens de ser a mais nova e única mulher da casa se provaram úteis. Eu era a única a ter um quarto e um banheiro só pra mim. Eu tinha preferência para tudo e eu sempre ganhava um dinheiro a mais na mesada.

Mas, conforme os anos passaram, as dificuldades óbvias de ter uma família daquele tamanho aumentaram. Quando Adam

completou 18 anos, começou a trabalhar, e logo, Bryan e Colin o imitaram. Meus três irmãos mais velhos e meus pais passavam o dia todo longe de casa. Dylan ficou responsável por cuidar de mim, de Eric e Freddy enquanto estávamos sozinhos.

Minha infância foi agitada e memorável em vários sentidos. Passamos por diversas dificuldades, e eu quase não via minha família reunida. Cresci sendo criada, praticamente, só por Dylan, o que nos aproximou muito e me deixou meio ...estranha. Como eu só convivía com garotos e era meio esquisita, tinha dificuldade em fazer amizade com meninas. E, quando entrei na adolescência, fui a mais popular do colégio, porque todas queriam ser minhas amigas como desculpa pra se aproximar de algum dos meus irmãos.

Tenho de admitir que eu talvez fizesse o mesmo se estivesse no lugar delas. Meus irmãos – e eu, é claro – éramos muito bonitos; toda a nossa família era. Tanto a família do meu pai quanto a família da minha mãe eram descendentes de alemães, razão pela qual todos tínhamos herdado, ou os olhos claros, ou os cabelos louros, ou ambos. Eu, talvez, fosse a única a fugir um pouco dessa regra.

Porque eu era albina.

Enquanto mamãe tinha os olhos azuis mais incríveis do mundo e papai o cabelo mais invejável, gerando seis garotos perfeitamente maravilhosos, com as mesmas características, eu era a pequena aberração. Minha pele era quase translúcida e frágil, tão fina que eu podia ver as minhas veias e artérias quase com perfeição.

Meus cabelos não estavam nem entre o louro-mel do meu pai, ou o castanho claro da minha mãe, mas sim o louro branco pálido que daria um ar de fantasma a qualquer uma, mas que me caía bem de certa forma, liso e escorrido até a cintura. Minhas sobrancelhas e cílios quase não se faziam ver, tão claros eles eram, emoldurando meus grandes olhos que oscilavam entre o azul e o violeta.

Pode-se dizer que eu chamava atenção completamente sem querer. E repelia as pessoas, também. Tinham medo de mim porque eu tinha nascido sem pigmentação na pele, vejam só. Um absurdo!

Mas esta não é a questão. Eu estava disposta a sobrepor minha aparência agora. Fazer o que mamãe dissera e recomeçar.

Essa foi a palavra que ela usou, seis meses atrás, quando nos reuniu na sala de jantar. A família estava recuperada financeiramente, mas o abismo entre nós era claro, disse ela. Eu, já com meus quinze anos, sabia onde ela queria chegar. Eu era a única da casa que não trabalhava ainda, e isso apenas porque não tinha dezesseis anos ainda. Meus pais entraram em desespero quando anunciei que queria trabalhar. E então, aquela idéia de recomeço surgiu.

Em fevereiro daquele mesmo ano, logo após o meu 15º aniversário, estávamos todos juntos na sala de jantar, sentados, esperando que algum dos dois começasse a falar. Foi meu pai quem deu a grande notícia, ao invés de nos perguntar a opinião:

– Nós vamos nos mudar.

E, então, começou o falatório. Eu me limitei a ficar muda.

– Nos mudar? – Dylan perguntou, em voz alta. – Agora?

– Nós estamos no meio do semestre! – Eric exclamou.

– Quem vai cuidar da oficina? – Adam perguntou, referindo-se a sua oficina, um negócio aberto na esquina da nossa rua, onde ele trabalhava.

– E a minha namorada? – Freddy quis saber.

Num segundo, meus seis irmãos já estavam discutindo entre si, e não permitiam que meus pais falassem. Então, todos se viraram pra mim, repentinamente quietos.

– Você, Malena! – Bryan gritou. – Eles sempre ouvem mais você. Diga pra eles!

– Dizer o quê? – indaguei meio assustada por ser, de repente, o foco das atenções.

– Que você não quer se mudar! – insistiu.

Para o desespero deles, eu chacoalhei a cabeça.

– Olha, pra mim tanto faz! – afirmei – Sério. Decidam vocês. Eu só... vou pra onde vocês forem.

– Obrigada, querida. – mamãe sorriu para mim, e então ficou séria de novo – É disso que eu e seu pai estamos falando. Agora sentem, seus brutamontes!

Um a um, eles se sentaram. Ninguém gostava de ver a mamãe brava.

– Olhem só o que esta família virou! – ela continuou, parecendo triste – Nós não nos vemos mais. Estamos distantes. Então sim, nós vamos nos mudar.

– Mas... – papai ergueu a voz antes que qualquer um ameaçasse discutir – Não agora. Em agosto, depois que o semestre de vocês terminar.

– Eu sou maior de idade. Não preciso ir com vocês. – o Adam falou, nem muito alto para chamar atenção, nem baixo demais para passar despercebido.

– Adam, nós sabemos disso. – mamãe continuou. – E, realmente, nós não podemos obrigar você, ou o Colin, o Dylan, o Bryan, nem o Eric a irem conosco. Só... – suspirou, e por um segundo, pensei que fosse chorar. – Pensem nisso como um pedido dos pais de vocês. Uma última tentativa de unir esta família.

Ninguém respondeu.

– Você pode vender a sua parte pro Travis, Adam. – meu pai sugeriu, referindo-se ao sócio com quem meu irmão mais velho dividia a oficina. – Eric, você vai repetir de ano de qualquer jeito! E Freddy... – então, riu. – Você já teve uma dúzia de namoradas. Arranje outra.

Um minuto de silêncio. Meus irmãos e eu nos olhamos, esperando alguma reação negativa que não veio. Eu parecia ser a única indiferente quanto àquela decisão.

– Pra onde? – Dylan perguntou, então.

– De volta pra Oxford. – papai respondeu, e eu não fui a única a soltar murmúrios de lamentação: tudo o que sabíamos de Oxford era o tamanho minúsculo da cidade, suficiente para aproximar qualquer família, e deixar qualquer um que esteja habituado às cidades grandes, louco.

Fomos liberados, depois disso. Não tocamos mais no assunto por meses, até que nos foi noticiado que já haviam comprado uma casa para nós morarmos, e que eu, Freddy e Eric já estávamos matriculados na única escola da cidade. Maravilha.

Em agosto, começamos a “operação mudança”. Meu pai foi na frente, com o caminhão que levava os nossos móveis e parte das malas e, então, embarcamos na minivan, para atravessar o estado e sair de Oklahoma em direção ao Kansas.

A viagem foi cansativa, apesar de curta. Eram apenas 135 milhas entre as duas cidades, uma viagem de pouco mais de duas horas. Saímos logo após o almoço e chegamos no meio da tarde.

Eu não me sentia bem-vinda ao constatar que dividiria território com míseros 1.079 habitantes. Eu me sentia perdida no meio de lugar nenhum. Então era *ali* que meus pais tinham nascido e crescido a sua infância feliz, curtido a sua juventude adorável, repleta de histórias pra contar? Aquele lugar era o fim do mundo, não o cenário que eu havia imaginado para história nenhuma!

Pela janela, vi uma avenida principal que se dividia em ruas menores, calmas, perfeitamente transitáveis para pedestres e ciclistas. Semáforos desnecessários nos cruzamentos – havia realmente alguma necessidade de usar um carro para ir trabalhar ali? Árvores e lojinhas simples, casas e um céu azul, do tipo que só se vê no verão. Verão que, por sinal, estava acabando.

E pessoas. Poucas, mas estavam ali, observando a minivan prateada e velha que invadia a calma da cidade. Numa cidade espantosamente minúscula, era óbvio que éramos notícia. Dignos de primeira página no Oxford Register – o jornal local – talvez. O que mais uma cidade, que não tinha sequer mil e cem

habitantes, poderia noticiar, afinal? Fuga em massa de moradores para cidades mais cheias?

Não importava que eu fosse a senhora estranha, onde quer que eu fosse, de uma coisa eu sabia que ia sentir falta: a cidade grande. A agitação, o barulho, montes de pessoas, lugares para ir, trânsito, essas coisas que te dão assunto pra falar. Ali, era bem possível que o único assunto fosse a colheita ou os crimes nas cidades vizinhas. Nada com o que realmente se preocupar.

Mais pessoas nos observavam enquanto mamãe curtia o momento no volante, relembrando os anos felizes que vivera ali. Seu sorriso estava tão largo que era óbvio que ela estava adorando. Cinco minutos dentro da cidade, e ela já reconhecia alguns dos rostos mais enrugados e apontava o que era o quê, e as coisas que haviam mudado nos seus mais de vinte anos de ausência.

– Mamãe, dá pra andar logo? – implorei. – Todo mundo tá olhando pra gente!

– Ok, ok. – concordou, a contragosto, e acelerou o carro, para a nossa alegria.

Eu encarava cada rua com ar de curiosidade, me perguntando onde iríamos morar. No entanto, mais e mais ruas passavam e mamãe sequer ameaçava entrar em uma delas.

– Eu achei que nós íamos morar em Oxford! – Colin resmungou, então.

– Nós vamos. – minha mãe confirmou. – Mas a nossa casa está um pouco depois da avenida, vocês vão ver.

Com “um pouco depois da avenida”, a mamãe quis dizer, ao final daquela avenida, virando à esquerda numa outra ainda

menos movimentada, e então à direita numa rua sem saída onde não havia ninguém.

E quando eu digo ninguém, é ninguém mesmo. Tipo, nós, o asfalto gasto, os postes de luz e uma bola de feno rolando para aumentar o efeito da solidão. E um casarão azul, no estilo alemão e meio destruído, encerrando a rua vazia de casas, lojas ou gente.

Foi ali, à frente de uma mansão velha e que fez meu coração bater mais forte, que minha mãe estacionou a van.

Recomeçar era preciso. Certo.

Mas nós tínhamos que recomeçar *ali*?

Lar

O silêncio era mortal quando descemos do carro para encarar a nossa nova casa. Coloquei meu chapéu ridículo de aba larga, para me proteger da violência com que o mínimo raio de sol tocava a minha pele, e desci da van, indo para frente dos meus irmãos para poder enxergar melhor.

O casarão era enorme, disso eu não tinha dúvidas. Maior do que a nossa antiga casa, lá em Oklahoma. Sua aparência velha apontava que tinha sido construída há mais de um século, provavelmente, uma das construções mais antigas dali. Estava visivelmente reformada – a pintura azul que a cobria não era muito velha, e era provável que meu pai mandara trocar as telhas. Ademais, as portas e as janelas pareciam novas demais pra combinar com o resto da casa.

À sua frente, um jardim morto se estendia. A grama estava seca, e nenhuma planta quisera vingar ali. Não havia muros, nem portões ou garagem; apenas a rua deserta e a casa triunfante e ameaçadora a meu ver.

Algo nela me dava arrepios. Não parecia o lugar ideal para se viver. Não parecia ver gente há anos, e eu certamente não queria ser a primeira a pisar lá depois de tanto tempo. Sua estrutura sugeria que havia segredos ali, enterrados, escondidos, como se não fosse só uma simples mansão antiga numa cidade pequena, mas sim, uma espécie de museu, cuja história era de valor inestimável.

– Até que enfim vocês chegaram! – ouvi meu pai gritar, e quando saí do meu transe de pensamentos, o vi saindo pela porta principal do casarão, caminhando a passos largos, sorriso e braços abertos para nos receber.

– Não acredito que você comprou a Casa Azul, querido! – mamãe exclamou, parecendo surpresa. Eu não sabia que ela não sabia onde iríamos morar. E que título óbvio e estúpido era aquele, “Casa Azul”? Ela era o quê, algum tipo de lenda local?

– É a maior da cidade, amor! – meu pai contrapôs, fazendo biquinho. – Veja só, vai estar como nova quando a reforma terminar! E... – acrescentou para nós, com um sorriso. – Cada um tem um quarto agora!

Meus irmãos comemoraram com gritos e socos no ar. Eu não compartilhei dessa alegria: não era nenhuma novidade pra mim.

– Essa casa nunca teve tantos quartos! – escutei mamãe dizendo, baixo e afiado para o meu pai.

– Eu construí um quarto extra com o espaço que era o *closet* do nosso quarto. – ele explicou. – E alguém vai ter que ficar no sótão. É bastante espaçoso, deu um bom quarto.

– Nenhum deles vai querer ficar no sótão!

– Eu fico. – me prontifiquei, e me arrependi logo depois. Fiz uma careta quando os dois me olharam, mas era tarde demais para voltar atrás. – Eu fico com o sótão. – repeti.

– Tem certeza, Malena? – mamãe me perguntou, hesitante.

– Tenho.

– Ok, então. Mas avise se mudar de idéia.

Eu sorri sem a menor vontade, enquanto papai gritava.

– Vamos entrar, vamos entrar! Precisam ver como ficou por dentro!

Todos, exceto eu e, em parte, a minha mãe, já estavam mais animados quando adentramos em nosso novo lar. Percebi logo de cara, que a mudança havia apenas começado: caixas e mais caixas lacradas e nominadas esperavam para ser abertas e terem seus pertences desempacotados. Os móveis da sala estavam espalhados sem posição específica, e a casa não estava no seu melhor estado de limpeza. Nós ainda tínhamos muito trabalho.

– Ok, garotos, todo mundo pegando as malas no carro e levando lá pra cima! – mamãe mandou, elevando a voz pra se fazer ouvir. – Depois desçam e peguem as caixas de vocês! Vamos!

Então, começou a operação “doce lar”.

Começamos esvaziando a van. Malas e mais malas cheias de roupas foram levadas por Eric, o Freddy e eu, até dentro de casa, para então os outros garotos as carregarem até o andar de cima. Quando todas as malas haviam sido levadas, nós fechamos o carro e voltamos para dentro de casa, onde o meu pai arrastava os móveis e a minha mãe passava uma vassoura na casa.

Meus irmãos procuravam dentre a pilha de caixas para encontrar a que lhes pertencia, e subiram, um após o outro, para ajeitar tudo em seu novo quarto. Eu encontrei a minha com facilidade; era a menor e mais leve, por cima de todas as outras. Não havia muito que carregar. Levantei-a sem dificuldade e comecei a subir as escadas em espiral.

Os degraus rangiam, resmungando sob o peso do meu corpo. Nas paredes, marcas do tempo e da umidade tinham sido escondidas com tinta branca, mas ainda estavam ali – dava pra sentir, ver, se prestasse bastante atenção. Não contei os degraus até o andar superior, pois a escada parecia não ter fim, me deixando tonta de tanto dar voltas.

Lá em cima, meus irmãos já haviam escolhido seus quartos. Havia um total de nove portas, sendo que sete delas eram quartos e duas eram banheiros. Ainda assim, pensei, teríamos que disputar a fila para tomar banho e controlar o tempo. A casa não era tão grande para que cada um tivesse um banheiro.

Atravessei o extenso corredor que ainda cheirava um pouco a mofo e dias sem ver o sol – senão anos – à procura da escada que levava para o sótão. Fui até o final, onde havia uma vidraça suja e rachada que revelava a frente da casa e o horizonte límpido do fim de tarde em Oxford, e nada encontrei. Foi então, que o Bryan apareceu.

– Ei, maninha! – ele disse, pulando de dentro do seu quarto, o último do lado direito. Eu ofeguei de susto.

– Oi! – exclamei, e então dei risada. – Você por um acaso não sabe por onde eu entro no meu ...quarto?

– Ficou com o sótão, hã? – indagou, com um meio sorriso envergonhado. – Desculpe por isso. Se quiser trocar...

– Não, não, o sótão tá ótimo pra mim. – afirmei indiferente. – Pouco sol. Sou albina, sabe como é.

– Claro, claro... – coçou a cabeça e olhou para cima. – Vamos ter de arrumar isso! – então respirou fundo e pulou, esticando o braço.

Olhei pra cima assim que ele pulou, acompanhando o movimento. Seus dedos se fecharam em torno de um laço de corda que eu não tinha enxergado ali, puxando um alçapão. Uma vez aberto o alçapão, que revelava apenas um buraco escuro, Bryan puxou a escada retrátil de madeira para que eu pudesse subir.

Mordi o lábio por dentro, encarando a entrada nada acolhedora do quarto que eu havia escolhido por impulso, me arrependendo mais uma vez por ser tão gentil quando não devia. Bryan tirou a caixa dos meus braços, se oferecendo para segurá-la, enquanto eu subia meio desajeitada para o sótão. Ele entrou logo em seguida, com o quádruplo de habilidade e destreza que eu possuía.

Andei em meio às sombras que só eram iluminadas por duas janelas, uma em cada extremidade do sótão, por onde entrava a luz do sol poente. Senti um fio batendo contra o meu rosto e o puxei, acendendo a primeira lâmpada do cômodo, cuja luz era suficiente para iluminar somente parte dele.

Não havia nada ali ainda. Meu pai provavelmente estava esperando para ver qual quarto eu iria escolher, então, tudo o que estava ali eram as minhas malas e um colchão velho e

imundo que teria de ser retirado dali com urgência. Graças à luz, foi mais fácil de encontrar o fio que acendia a outra lâmpada do quarto, do outro lado do alçapão. Daquele lado, havia algumas quinquilharias e um baú empoeirados, velhos demais pra que eu me interessasse por eles.

– Eu vou avisar o papai que você já está aqui. – Bryan disse, então, e eu tomei outro susto, não lembrava que ele estava ali comigo.

Assenti e o observei descendo as escadas de volta para a parte mais habitável da casa. Uma vez sozinha, dei outra boa olhada em volta. Não era tão ruim. Quero dizer, eu estava num sótão velho e fedido, mas poderia ser bem pior. Meu pai havia envernizado a madeira que cobria as paredes e consertado o telhado, trocara o vidro das janelas e era bem óbvio que mandara dedetizar – não havia sinal de ratos ou insetos ali. No todo, meu novo quarto era amplo, escuro e perfeitamente tolerável. Era estranho de uma maneira confortável. Eu gostava dali.

Meus pensamentos foram interrompidos quando a bagunça dos meus irmãos foi trazida para o meu sótão. Eles e meu pai estavam trazendo as partes da minha cama e o resto dos meus móveis para montar, além de um monte de ferramentas estranhas e uma extensão elétrica. Preferi sair e deixá-los trabalhar, enquanto ajudava a minha mãe no andar de baixo – a poeira e o barulho me irritavam.

Passei o resto da tarde e o começo da noite ajudando minha mãe a ajeitar as coisas no andar térreo. Ela já havia varrido todos os cômodos, e agora estava desempacotando tudo o que

ainda estava encaixotado e colocando nos seus devidos lugares. Aproveitei para dar uma olhada nas partes do casarão que eu ainda não havia visto.

Toda a casa era sombria. Não importava quantas janelas ou lâmpadas nem lustres meus pais pudessem pendurar, nem a cor alegre das tintas que cobriam as paredes castigadas, nem mesmo a alegria que nós tentássemos plantar ali, as sombras permaneciam. Eu podia vê-las, até senti-las nos cantos das paredes, cobrindo os móveis, espreitando nas janelas.

Minha mãe, é claro, concordou quando eu disse que achava a casa estranha. Percebi que ele achava o mesmo, assim que perguntou ao meu pai sobre a escolha da casa quando chegamos.

– Essa casa sempre foi estranha. – declarou, enquanto subia na pia para alcançar o armário e guardar algumas louças ali.

– Ela está aqui desde quando? – perguntei, sentindo a curiosidade emanar de mim como se tivesse vida própria.

– Desde bem antes de eu nascer. – mamãe me respondeu. – Quando eu era pequena, a gente costumava atirar pedras na casa pra espantar as bruxas.

– Bruxas?

– É uma lenda que o povo daqui contava há uns anos atrás. Não bem uma lenda. Mais coisa pra assustar a criançada mesmo. Não queriam que a gente brincasse aqui perto, então diziam que havia bruxas aqui.

– E havia?

– Essas coisas não existem! – riu, e voltou para o chão, para me ajudar com uma caixa que não queria abrir. – Um monte de

gente já morou aqui, Malena. Eu vi pelo menos umas três famílias se mudando pra cá.

– E o que aconteceu com elas? – pressionei.

– Não ficaram muito tempo. Geralmente não passavam de dois ou três anos. A última família que se mudou pra cá ficou cinco anos, mas...

Meu coração acelerou à medida que mamãe me contava. Eu deixei de prestar atenção às minhas tarefas para prestar atenção somente em suas palavras. No entanto, ela não terminou a frase. Um grito, lá de cima, a interrompeu, assustando a nós duas.

– Malena! – meu pai berrou. – Venha ver!

Olhei para o teto, e de volta para a mamãe. Ela já estava distraída com as suas panelas, longe do assunto que estávamos discutindo até então. Era melhor eu subir.

Quando voltei ao meu sótão, ele já estava com uma cara diferente. Parecia um quarto agora. Minha velha cama de madeira branca já estava montada, meu colchão já estava no lugar, e o Colin tentava, sem sucesso, ajeitar meu edredom lavanda com desenho de margaridas sobre ele. Entre a cama e a janela, estava meu criado-mudo, já ajeitado com meu abajur em formato de urso panda sobre ele.

Ainda daquele lado do quarto, papai e Adam terminavam de arrastar o meu armário azul bebê – que meus pais haviam comprado, antes de eu nascer, crentes de que eu seria mais um homem na casa – enquanto o Freddy e o Dylan guerreavam com os meus ursinhos de pelúcia e fingiam ajeitar meus livros na estante diminuta que devia ser nova, um presente para mim. Do

outro lado do sótão, Eric espanava o pó das bugigangas que não me pertenciam e Bryan guardava as ferramentas.

– Uau! – exclamei, então, dando o primeiro sorriso sincero desde que havia chegado.

– Gostou? – papai me perguntou, maravilhado.

– Adorei! – respondi, sinceramente. – Obrigada! A todos!

– A gente ainda precisa ajeitar essa entrada. – Adam disse, então, ao meu pai. – Este alçapão está muito alto pra Malena alcançar, e a escada tá meio podre.

– A gente dá um jeito nisso amanhã! – e acrescentou, pra todos nós. – Ajeitem o máximo que der nos quartos de vocês, e fila para o chuveiro! Nós vamos sair!

– Pra onde? – um Freddy desconfiado perguntou, torcendo o nariz.

– Visitar e jantar com seus avós!

Aquilo era estranho, definitivamente.

Aos quinze anos, a maior parte das pessoas já conhece toda a sua família. Eu, aos quinze anos, não fazia idéia de quem eram meus tios, primos, avôs e avós.

Meus pais haviam deixado Oxford há mais de vinte anos atrás, e nunca haviam voltado. Nem conosco. Nossos familiares tampouco nos tinham visitado naqueles anos todos, pois a viagem era cara e cansativa demais para valer à pena. Vez ou outra, meus avós ou outros parentes ligavam nos aniversários, e nós tentávamos fingir que sabíamos de quem se tratava quando, na verdade, eram todos iguais pra nós. As vozes não se diferenciavam quando não havia rostos para se relacionar a elas.

Então, aos quinze anos, ali estava eu, indo conhecer a minha família. Maravilha!

Já passava das oito quando minha enorme família desceu do carro, todos aparentemente e claramente apreensivos, porém, calmos. Meus pais cumprimentaram dois senhores que passavam a pé pela avenida, enquanto eu e meus irmãos nos limitamos a sorrir. Ambos me olharam como se eu fosse algum tipo de assombração.

Do jeito que eu era branca, era bem capaz de estar brilhando à noite. Eu não os culpo.

Papai foi andando, braços dados com mamãe, e nos guiando em direção a um restaurante estilo *country*, onde uma placa média de neon que piscava erroneamente por um tempo indeterminado anunciava "Wildcat Grill". Por fora, parecia só uma casa comum. Por dentro, era quente, barulhento e aconchegante.

Não havia muita gente. Como era de se esperar, havia dois ou três sentados em bancos em frente ao balcão principal, desfrutando uma cerveja e jogando conversa fora, enquanto a maior parte das mesas já estava unida e reservada: para nós. Fiquei assustada ao contar a quantidade de cadeiras e mesas. Não era um jantar para conhecer *apenas* os avós?

Eu tinha muito para aprender naquela cidade, mas a primeira lição veio naquela noite. Em cidades pequenas, sempre quando alguém diz que é um jantar para meia dúzia de pessoas, essa meia dúzia se multiplica. Eles sempre se esquecem de mencionar que é meia dúzia de pessoas para cada dedo das mãos. O que seria uns três dedos, no meu caso.

Pois se, só em casa, já somos nove, já contamos um dedo, e deixamos três de fora. Soma-se minha avó materna e meus avós paternos, e tem-se mais um dedo. Ainda sobravam cadeiras. Várias delas. Nós seríamos o grande faturamento da semana no Wildcat Grill, sem dúvida!

Meus pais foram até o balcão e cumprimentaram vários empregados do local, com a alegria de quem retorna ao lugar de onde pertence. Enquanto conversavam e trocavam lembranças, meus irmãos e eu nos olhávamos, cada vez mais inconformados.

– Você viu quantas cadeiras? – o Freddy perguntou ao Eric.

– A gente tem tantos parentes assim? – Dylan indagou, a ninguém em especial.

– Uma vez escutei a mamãe falar de uma tia Frida. – Colin comentou. – E tinha uma tia April que sempre ligava no Natal.

– Vai vir todo mundo, cara! – Adam exclamou, pondo um ponto final ao assunto. – Eu sei que a mamãe tem uma irmã, e o papai tem outra. Se cada uma for casada e tiver filhos...

Ninguém disse mais nada, pois foi nesse exato momento que a porta barulhenta do Wildcat Grill se abriu outra vez. Um vento fresco invadiu o ambiente, e mais pessoas começaram a entrar. Duas senhoras e um homem idoso com uma bengala verde berrante. Então, uma mulher de cara redonda e pálida, olhos azuis iguais aos da minha mãe, cuja cadeira de rodas estava sendo empurrada por uma garota que era nada mais que sua cópia exata, vários anos mais nova.

Atrás delas, vinha um homem calvo de meia-idade, que usava uma camisa xadrez azul, ridícula. Em seguida, outro homem, mais novo, aparentando ser um pouco mais velho que o Adam

talvez, de cabelo castanho claro, alto e magro como uma vareta, se abaixou para passar pela porta, mãos dadas com uma moça alegre e jovial, grávida e radiante, loura como eu, mas nem de longe tão pálida. Ela ainda tinha cor.

– Mãe! – minha mãe exclamou, abraçando a senhorinha que entrara primeiro. Em segundos, as duas estavam chorando, e a velha teve que limpar as lágrimas com a manga do seu casaquinho de crochê.

Logo ao lado, meu pai levava bengaladas do senhor que era, logicamente, seu pai, e um forte apertão nas bochechas da sua mãe. Ele e a minha mãe foram então cumprimentar os outros presentes, e só então começaram as apresentações.

– Garotos... – começou, com um sorriso que eu nunca vira antes. – Garota... – acrescentou, fazendo todos rirem. – Sua avó Martha – e apontou para a sua sogra, que ainda estava chorando. – Meus pais, Dina e Will... – e deu dois tapinhas no ombro do seu pai. – Tia April, irmã da sua mãe. – a mulher na cadeira de rodas. – A filha Tiffany, que nem eu conhecia ainda... – a menina sorriu, por pura educação. – O marido dela, tio Anthony... – o careca acenou, entusiasmado, fazendo meus irmãos rirem silenciosamente. – E, por último, a minha querida irmãzinha, tia Frida, seu barrigão de cinco meses e o namorado, Hugo.

Simpatizei com a tia Frida logo de cara. Tinha algo nela, além da gravidez, que dava-lhe um brilho a mais, uma alegria inexplicável e contagiante. Estava claro que papai gostava muito dela, e eu sabia dizer o porquê. Era impossível não gostar. Ela e

Hugo pareciam o tipo de casal perfeito que só era formado em filmes vencedores do Oscar.

Tia April e Tiffany era uma dupla calada que não se encaixava em nenhum tipo de descrição que eu pudesse pensar no momento. A menina parecia falante, porém, contida por motivos que eu não sabia dizer. Sua mãe, por outro lado, carregava aquela expressão de tia bondosa, que na realidade, não quer que ninguém descubra que ela não é, nem de longe, uma flor que se cheire. Anthony parecia completamente alheio a tudo o que eu supus sobre ela, e só pude concluir que talvez fosse muito ingênuo ou cego de amor.

– Esses são os nossos filhos... – papai continuou. – E filha... – acrescentou, mais uma vez, com uma piscadela. Eu ri de volta. – Eric, Dylan, Adam... – e, um a um, foi apontando. – Bryan, Malena, Colin e Freddy.

Feitas as apresentações, começou o meu primeiro jantar em família. Sentamo-nos e o volume da conversa foi demais para que pudéssemos distinguir dentre as vozes.

Era estranho ter uma família ainda *maior*.

Sobrenatural

– Então... – escutei uma voz musical dizer, bem ao meu lado, e olhei.

Era tia Frida e, estava me olhando, com aqueles grandes olhos cheios e lindos. Atenciosa e graciosa, ela era a primeira a me dirigir a palavra naquela noite.

À nossa volta, a conversa rolava solta. Adam, Bryan e Colin tinham engatado numa conversa confusa sobre carros com Hugo, que estava sentado à frente de tia Frida, enquanto Tiffany

respondia com educação às perguntas que minha mãe fazia a ela. Tia April dizia uma coisa ou outra, mas no geral, estava calada.

Na outra extremidade da mesa, meu pai, meu avô e Anthony contavam piadas e riam em alto e bom som. Minhas duas avós trocavam fofocas sobre a atendente do restaurante – não desgrudavam os olhos dela! – e meus outros irmãos conversavam entre si. Até então, eu fora a única calada, escutando, sorrindo, pensando em nada.

Até, claro, tia Frida vir falar comigo. Não sorrir para ela era uma missão impossível. Eu sequer tentei.

– Então... – repeti, e ela riu. Seu riso era gostoso de ouvir, como a risada de uma criança.

– Malena... – ela murmurou, estreitando os olhos, como se tentasse me ver por dentro. – Bonito. Diferente.

– Experimente Malena Georgina! – sugeri, com uma pitada de sarcasmo que foi pega no ar por tia Frida. Ela riu.

– Tem razão. Mas Frida também não é um grande nome.

– É famoso.

– Talvez. Uma pintora, certo? – eu assenti, e ela sorriu mais uma vez. Fazia isso com tamanha naturalidade que parecia feita para sorrir. Então suspirou, e alisou a barriga, pensativa. – Está quietinha, Malena.

– Eu não falo muito. – murmurei, uma justificativa furada. Resolvi mudar o rumo da conversa. – Menino ou menina?

– Se tudo der certo, menina! Já temos homens demais nessa família!

– A minha mãe é meio egoísta!

– Notei.

A garçonete da qual minhas avós tanto falavam chegou, e deu à tia Frida seu enorme bife de fígado, acompanhado de arroz integral e salada, e meu prato com um frango grelhado e batatas cozidas. Mal havia cortado o primeiro pedaço, e tia Frida já dava a quarta garfada.

– Então... – continuou, entre uma garfada e outra. – Como é ser a única filha depois de seis homens?

– Estranho! – admiti, torcendo o nariz. – Eu meio que cresci criada por garotos. Cercada por eles. Acabei virando meio que um menino, também.

– Deve facilitar bastante pra arranjar namorados. – brincou enquanto cortava mais um pedaço do seu bife. A velocidade e a voracidade com que ela comia me deixavam assustada.

– Eu nunca namorei. – afirmei. – Os caras têm medo de mim.

– Eu também teria se soubesse que você tem seis irmãos pra te defender!

– Não, não é isso. Tem mais a ver comigo mesmo...

Ela não respondeu, o que me obrigou a olhar na sua direção. Ela estava me encarando, mastigando, a testa franzida como se não entendesse o que eu queria dizer com aquilo.

– Eu pareço um fantasma, tia. – completei, com um sorrisinho bobo.

A verdade era que eu não me importava. Eu era albina e pronto. Eu era linda daquele jeito, e a única coisa que me incomodava era o excesso de proteção que minha pequena anomalia exigia. Era chato o preconceito com a maior parte das

peessoas, mas eu não ligava. Eu não precisava de ninguém, afinal.

Tia Frida continuou sem dizer nada, e voltou a olhar apenas para o próprio prato. Senti que ela estava com medo de mim também, mas mais por me achar maluca!

– Você e o Hugo não são casados? – perguntei, para reanimar a conversa. Era legal ter alguém com quem falar.

– Não ainda. – respondeu, e voltou a sorrir e a me olhar naturalmente. – O bebê não estava nos nossos planos. Eu estou com ele há uns cinco anos, e estamos noivos há quase um ano, e então aconteceu de eu ficar grávida.

– Então vão esperar nascer?

– É melhor, eu acho. Ou não. Não sei ainda. É mais aquela coisa de ver o que acontece.

– Sei...

A conversa minguou de novo, e nós continuamos comendo. Tia Frida terminou seu bife, e agora dava garfadas repetitivas no arroz. Eu mal tinha começado minhas batatas.

– Animada pra escola? – ela me perguntou, então.

– Não muito. – confessei. – Vai ser estranho.

– A galera daqui é legal. – garantiu-me. – Eu dou aula na OSD, conheço a sua turma. Você vai gostar.

– Dá aula? Que legal! De quê?

– Eu dava aula de Educação Física, mas vou ficar fora até o bebê nascer. Eu volto no segundo semestre.

– Bom...

– Em que ano você está?

– Segundo.

Tia Frida assentiu calada, enquanto bebia um longo gole de água. Apesar de grávida, ela era magra. Pra onde ia toda aquela comida?

– É a turma das gêmeas Nelson. – afirmou, então. – Hellen e Haley Nelson. Elas são engraçadas, falam com todo mundo. Aposto como serão as primeiras a falar com você!

Eu sorri indiferente. No fundo, eu podia apostar que não.

– Acho que Kathi Jonas também é da sua turma. – continuou.
– Ela é estranha, gótica, acho. Ninguém fala muito com ela, então acho que vocês vão se dar bem.

– Pode ser... – murmurei, sem nada melhor pra dizer. Ela entendeu isso como um sinal de animação, e foi em frente:

– Tem também Ned Lee, o garoto é adorável! Sempre ajuda todo mundo, e é uma gracinha! E Sam Goyle, e Patrick Thunder!
– suspirou. – É uma ótima turma! Vou avisar a todo mundo pra serem legais com você!

– Não precisa tia, é sério!

– Não seja boba, não custa nada. E me chame de Frida, por favor. “Tia” me faz parecer velha.

Dei risada com a mera possibilidade de algo poder fazer com que ela parecesse velha, e ela me acompanhou. E, enquanto eu ria, vi algo estranho à frente.

Atrás do meu irmão Colin, o balcão parecia tremer. Não havia ninguém por perto, nem sentado nos bancos à frente do balcão, nem atrás dele, até onde eu podia ver. No entanto, tudo que estava em cima do balcão estava tremendo como se houvesse um terremoto.

Meus olhos se tornaram mais fixos quando o tremor ficou incontrolável. O conteúdo dos copos esquecidos sobre o balcão já caía para todos os lados, as flores de um vaso de girassóis começavam a despencar.

E, o mais estranho, só eu parecia perceber.

Ao meu lado, tia Frida – Frida! – falava com Hugo, e todas as outras pessoas continuavam suas conversas normalmente, como se o balcão à frente não estivesse quase caindo por um terremoto insensível a qualquer outra parte do restaurante.

Coloquei-me de pé e olhei de novo para o balcão.

Não estava mais tremendo.

Olhei confusa, à minha volta. Todos tinham parado de falar e me olhavam. O mundo parecia ter parado de girar propositalmente para me observar.

– Eu vou... – comecei a dizer, e não conseguia pensar em um lugar para ir. – Lá fora! – soltei, então, sem pensar.

Virei e andei até a porta do Wildcat Grill, e empurrando-a, saí para a rua fresca.

Certo, então eu estava ficando louca. Só isso. Eu imaginei que o balcão estava tremendo, mas ele não estava. Ou estava e era só alguém brincando de fazê-lo tremer. Ou então, pensei, amargamente, ele *estava* tremendo e todas as outras pessoas eram cegas.

Não, isso não era possível. Era mais provável que eu estivesse louca do que todo mundo, exceto eu.

– Droga! – sibilei, batendo o pé.

Então, a porta de vidro do Wildcat simplesmente...

Explodiu.

– Você está bem, *mesmo*? – mamãe me perguntou, pela quinta, ou sexta, ou centésima vez, só durante o período de uma hora em que estávamos dentro do pronto socorro.

Eu ameacei suspirar, mas meu suspiro se transformou num gemido, quando o médico retirou o último enorme caco de vidro preso nas minhas costas.

– Eu já disse que eu tô legal. – ofeguei. – São só uns cacos de vidro, mãe. O doutor vai dar uns pontos e vai ficar tudo legal. Não é, doutor?

– É isso mesmo, Malena. – o médico idoso, de uns setenta e poucos anos e as mãos mais firmes e precisas que eu já vi, confirmou. Ele era simpaticíssimo, mas eu não conseguia lembrar como se chamava. – Ela está bem, Milla, só vai sentir um pouco de dor! Essa garota tem sorte!

– Sorte? – indaguei, ofegando um pouco quando ele jogou um líquido desinfetante nos ferimentos. – A porta... explodiu... bem atrás de mim!

– Mas não pegou em nenhum lugar grave! – contrapôs. – Dez pedacinhos de vidro, nenhum muito fundo! Poderia ter sido bem pior!

Depois disso, ele começou a dar os pontos, e eu tive que segurar firme a mão da minha mãe para não gritar. Eu era muito sensível a qualquer tipo mínimo de dor, e ser costurada nas costas e na perna não era fácil pra mim.

Demorou um pouco e, realmente, eu sentia uma dor incômoda quando terminou. O doutor X – seu nome fictício na minha mente, para cobrir a ausência do seu nome real – me receitou

um analgésico e ensinou minha mãe a cuidar dos curativos. Mandou que eu voltasse em alguns dias, para tirarmos os pontos, e que eu não fizesse esforço físico até lá.

Tudo bem, por mim.

Mas eu ainda estava assustada quando chegamos em casa bem tarde, naquela noite. Assustada com o balcão tremendo descontroladamente, e parando em seguida. Assustada com a minha reação.

E, ainda mais assustada com uma porta de vidro explodindo em centenas de pedaços, dos quais alguns me atingiram, sem nenhum motivo aparente, no mesmo segundo em que eu bati meu pé contra o chão.

A madrugada veio, e eu não conseguia dormir no meu sótão. Eu estava ocupada demais delirando sobre as possibilidades de estar ou não ficando completamente biruta, enquanto me perguntava se era possível que... não, não era possível.

Não *mesmo!*

Era só coincidência.

Amanheci dolorida no dia seguinte. Adam me ajudou a descer do sótão pela escada temporária, muito mais prática do que aquela portinhola ridícula, e passei o resto do dia perambulando pelo andar de baixo, sem conseguir ficar parada, nem andar direito.

Todos os outros dias foram assim. Meus irmãos saíram e conheceram a cidade, as pessoas. Aproveitaram os últimos dias quentes de Agosto, despedindo-se do verão, enquanto eu me encolhia no sofá, sentindo a dor passar dia após dia. O ponto

alto daquela primeira semana em Oxford foi quando minha mãe anunciou que íamos ao hospital tirar os pontos.

Nós duas e Bryan saímos logo pela manhã, antes dos outros garotos terem acordado, um pouco depois de o meu pai ter saído para trabalhar. Mamãe dirigiu a minivan pelas ruazinhas paradas da cidade até o hospital, e Bryan me ajudou a andar – a perna direita ainda doía um pouco. Não tivemos que esperar muito até entrarmos no consultório do doutor X, cujo sorriso era impecavelmente o mesmo.

Olhei seu crachá pela primeira vez. Doutor Ghandi. Eca! Eu realmente preferiria me chamar doutor X, se fosse ele!

– Como está se sentindo? – ele me perguntou depois que Bryan me colocou sentada na maca. Eu tentei sorrir.

– Melhor. – respondi. – Ainda dói.

– Suportável?

– Acho que sim. É pior pra andar.

– Vai melhorar. Tire a roupa para eu dar uma olhada nos machucados.

Bryan pediu licença e se retirou do consultório, enquanto mamãe me ajudava a tirar a camiseta e a calça. Eu era tão absurdamente branca que fazia a maca brilhante parecer suja e opaca. Então, os dois me ajudaram a deitar de bruços, pra que o doutor X conseguisse examinar as minhas costas direito.

Ele limpou de novo os ferimentos e disse que eles pareciam ótimos. Alguns sequer doeram quando ele os tocou. Então, anunciou que ia começar a tirar os pontos.

Eu não queria olhar. Não mesmo. Eu já sentiria a dor, independente de ver ou não, mas seria deveras pior se eu

olhasse. Fechei os olhos e afundei a cabeça nos meus braços.

Senti a mão do médico tocar suavemente as minhas costas. Estava fria. O que ele estaria fazendo agora? Senti que se aproximava do corte maior e mais feio, que ficava a mais ou menos um palmo do meu ombro, e então algo engraçado, como cócegas, mas um pouco mais doloridas. Dava vontade de rir e de chorar.

Foi assim com o primeiro e o segundo corte. No terceiro, a vontade de rir foi tão grande que ele teve que parar. No quarto, não senti quase nada. Mas no quinto...

– Tudo bem, Malena? – doutor X me perguntou, após o meu gemido inicial. Estava doendo. Bastante.

– Dói. – resmunguei, os olhos comprimidos.

– Eu sei, mas você tem que parar de tremer, ou então vou te machucar mais. – pediu, e eu abri os olhos pela primeira vez.

– Eu não estou tremendo! – exclamei.

Eu estava perfeitamente imóvel. Não sentia nada se mover. Eu estava cem por cento certa de que eu não estava tremendo.

– Ok. – concordou como quem não tem outra opção. Eu me calei e fechei os olhos, aguentando outra pontada de dor.

Mais uns minutos e ele avançou mais dois cortes, começando a tirar os pontos dos cortes na perna. A dor era alucinante, e eu gritei.

Ergui a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

– Eu vou ter que refazer os pontos deste, Malena. – doutor X me disse. – Eles abriram e o corte não cicatrizou. Está bem feio. Aguarde firme, ok?

Eu assenti, e o médico virou de costas. Quando me olhou de novo, tinha uma agulha horrorosa e enorme na mão.

Acho que ele deve ter visto a minha cara de pânico, porque riu e disse:

– Não vai doer nada!

E se aproximou com a agulha da minha perna.

A próxima coisa que eu notei foi que sua mão parou a poucos centímetros da minha perna. Parou uns segundos, se abriu e a agulha disparou pelo consultório, ficando presa na persiana da janela.

O doutor X me olhou, incrédulo, e então para a agulha. Eu pensei em pedir desculpas, mas não fazia muito sentido. Calei-me e baixei a cabeça.

No final de semana antes do início das aulas, todos os meus cortes já estavam devidamente cicatrizados e todos os pontos haviam sido retirados. Adam e Colin terminaram de fazer a escada que levava até o meu sótão, facilitando um bocado a minha vida, e eu estava...

Abalada.

Portas explodindo. Agulhas voadoras. Eu estava num estado de desespero crescente.

O que estava acontecendo comigo?

Eu não podia estar tão louca a ponto de imaginar aquilo. O doutor X também percebeu, eu vi! Eu não fazia ideia do que aquilo queria dizer, mas não podia ser nada bom. Até onde iria aquela porcaria sobrenatural me perseguindo?

Melhor, *por que* aquilo estava acontecendo?

E por que eu tinha a impressão de que aquela maldita casa azul estava com a culpa?

– Está tudo bem, Malena? – minha mãe me perguntou, preocupada, no domingo. Eu não havia deixado o meu quarto durante todo o dia, primeiro com a desculpa de preparar as coisas para o início das aulas, depois sem nenhuma razão.

Ela havia entrado sorrateiramente no quarto, e me surpreendi ao notá-la parada ali, bem na frente da minha cama, me encarando com aqueles olhos imensos e azuis. Minha mãe era do tipo, atenciosa e pouco perceptiva. Ela raramente percebia quando algo estava errado comigo ou com qualquer um de nós. Sinal de que eu estava aparentando estar *muito* mal pra ela vir perguntar!

– Tá, é que... – cocei a cabeça e abracei o travesseiro. – Eu só... – bufei. Que droga. Eu precisava falar disso com alguém. – Podemos conversar?

– Claro, querida! – e mamãe sentou-se ao pé da cama, cuidadosa, como se temesse quebrá-la ou algo assim. – O que houve?

– Mãe... – comecei, pensando as palavras. Ela ia me achar louca com toda a certeza! – Tem alguma coisa muito estranha acontecendo aqui.

– O que você quer dizer, filha?

– Essa casa, mãe! Ela é... olha, eu não sei se é a casa, certo? – balancei a cabeça, me sentindo mais doida que nunca. – Eu não gosto daqui, mãe. Eu estou com medo. Um monte de coisas esquisitas está acontecendo quando eu estou por perto!

Mamãe me olhou por um tempo, e por apenas um segundo, pensei que ela me entendesse. Que acreditasse.

Antes, é claro, que ela começasse a rir.

– Do que você está rindo? – perguntei, automaticamente, irritada.

– Desculpe, Malena, me desculpe! – pediu, tentando conter o riso. Era constrangedor e irritante. – É só que... ah, filha! – e retomou sua face meiga. – Eu sei que é difícil se acostumar com toda essa mudança, mas você está exagerando!

– Não, eu não estou! – exclamei, batendo o travesseiro na cama. No mesmo segundo, metade dos meus livros despencou da estante, dando-nos um susto. – É disso que eu estou falando, mãe!

– É só uma coincidência boba, Malena! – mamãe se levantou e começou a pegar os livros que haviam caído. – Não seja infantil!

– Mãe, olha... OLHA PRA MIM!

Ela parou o que estava fazendo com o meu grito. Seus braços estavam bem fechados em torno dos livros, mas eles arranjaram um modo de ir parar no chão.

Coincidência?

– Você tinha medo dessa casa. – afirmei, com angústia e determinação na voz. – Eu vi isso quando a gente chegou. E você me disse que a casa tinha lendas. E agora coisas voam e explodem quando eu estou irritada!

– Eu não vou discutir isso com você, Malena! – mamãe insistiu, e foi para a escada sem se importar mais com os livros caídos ao chão. – Você não é mais uma criança, então não me obrigue a tratá-la como uma!

– Mãe!

– Chega! Não toque mais nesse assunto!

Mamãe desceu as escadas para fora do sótão, decidida, e eu fiquei encarando o nada por uns segundos.

Eu sabia que não podia estar errada. Uma coincidência era aceitável, mas estava se tornando muito frequente. Eu não estava louca, e não ia ser tratada como louca!

“Você está louca.”

Ergui os olhos, em alerta, quando escutei uma vozinha infantil e doce cantarolando aquelas palavras pra mim.

– Quem está aí? – perguntei para o nada. A voz riu.

“Ela ouve vozes!” exclamou.

– Eu não sou louca! – sussurrei mais pra mim mesma que para qualquer... *coisa* que estivesse me provocando. – Eu não sou louca!

“Daqui a pouco ela vai ver coisas”, continuou. Eu comecei a andar pelo quarto, mãos nos ouvidos, tentando bloquear a voz cada vez mais intensa, ainda murmurando que eu não estava louca.

“Louca!”

A palavra se multiplicou em milhões de tons e vozes, do mais alto até o menos audível, alcancei a janela da outra extremidade do quarto e olhei para o horizonte vazio, onde o sol se punha. Distraí-me com a paisagem por um segundo e encontrei meu reflexo.

Era ele quem movia os lábios e ria para mim. Eu estava imóvel e quieta, mas meu reflexo fazia coro com aquela maldita e insuportável voz.

“Louca”, ele me dizia.

Soltei um grito agudo. Instantaneamente, as lâmpadas do meu quarto se apagaram junto com todas as outras da casa.

Meu reflexo se perdeu no escuro, e eu caí sentada em frente à janela, chorando, apavorada. Aquilo era demais pra minha cabeça!

– Mana, mana! – escutei Bryan chamar, lá debaixo. – Está tudo bem?

– Tudo. – menti, fungando. – Eu só tropecei.

– Certo. – hesitou, e então respirou fundo e continuou. – O papai está checando a caixa de luz. Não se mexa, se a luz não voltar, eu te trago uma vela.

– Certo.

Eu não planejava me mexer. Eu não conseguia me mexer.

Eu só queria ficar ali sentada e morrer, antes que conseguisse provar para mim mesma que a voz e o reflexo tinham razão. Eu estava, definitivamente, ficando louca.

OSD

– Freddy! Eric!

Sete e vinte da manhã. A aula começava dentro de quarenta minutos, eu e meus irmãos tínhamos que andar até a escola que não conhecíamos e encontrar nossas salas, sem direito a atraso. E eu estava ali, parada ao pé da escada, gritando.

Eu ia acordar a casa inteira se fosse preciso. Botar fogo naquela porcaria. Usar a droga do meu encosto sobrenatural pra fazê-los levantar e correr comigo para o primeiro dia de aula, se fosse preciso. Qualquer coisa para não ter que *esperar!*

– Se vocês não descerem em cinco minutos, eu vou sozinha e vou mandar o porteiro fechar o portão! – berrei. Minha irritação fez a lâmpada da sala de estar perder a força, o teto tremer.

Eu não conseguia me acostumar com aquilo. Com um tipo de poder inexplicável emanando de mim. Eu não *queria* aquilo, caramba!

Mais um minuto. Ou dois. Ou três.

Consultei o relógio. Sete e meia.

– O tempo acabou! – murmurei para mim mesma. Passei a alça da mochila pelo braço esquerdo e comecei a andar.

Passei pela porta e a bati com força. Comecei a andar em direção à avenida principal, longe daquela rua sem saída deserta em que eu morava, agradecendo pela chegada de Setembro, com a primeira manhã nublada dos últimos meses. A queda na temperatura ainda não era das maiores, mas quanto menos luz eu tivesse que enfrentar, melhor para mim.

No meio do caminho, meus irmãos me alcançaram, ofegantes e resmungando. Ambos estavam no último ano – Eric pela segunda vez – o que significava que não teríamos muito contato dentro da escola. Era desanimador. Eu não era perita em fazer amizades, ainda mais num lugar completamente novo. Embora pudesse adivinhar que todos ficariam perto de mim no início, sendo que eu era a grande novidade do ano, quanto tempo levaria até que eles se afastassem?

Balancei a cabeça e me focalizei no caminho. Eu não tinha tempo para me perder, então era crucial lembrar-me das indicações que meus pais haviam dado. Virei na primeira esquina depois do Wildcat Grill e fui em frente, com Freddy e Eric logo atrás de mim, discutindo sobre a nova escola.

Fizemos o trajeto em vinte minutos. Enfim, encontramos nosso destino final: a OSD.

OSD é a sigla para Oxford School District, ou Distrito Escolar de Oxford, como preferir. Era um conjunto de prédios de três andares, todos de tijolinhos gastos, porém, bem cuidados, de aparência antiga e bela. Passamos pelo portão principal e,

seguindo a dica do porteiro – que nos cumprimentou como se já nos conhecesse – fomos em frente até encontrar o conjunto de prédios referentes ao Colegial.

Ou, melhor dizendo, ao único prédio. Para ter uma ideia de como Oxford e a OSD eram pequenas, havia apenas um prédio para cada nível escolar. Seria triste, se não fosse tão cômico de certo modo.

– Tchau, mana! – Eric disse, às minhas costas, e eu não me virei para retribuir. Dei apenas um aceno sem olhar para onde acenava.

Fui até o pequeno mapa pregado ao lado da placa de indicação do prédio para verificar qual era a minha sala. Como não conseguia enxergar direito as letras miúdas e apagadas pelo tempo e umidade, me aproximei mais da placa.

E então, algo atingiu as minhas costas. Bem em cheio onde haviam três cicatrizes unidas.

Gemi de dor e tive que me segurar pra não tomar um tombo. Então virei e olhei para o chão, onde um estojo estava jogado aos meus pés. Eu o peguei e olhei para frente.

Havia um garoto agachado no chão coberto de pedrinhas, se segurando para não rir. Ele era gorducho, alto e muito ruivo – machucava os meus olhos sensíveis olhar para o seu cabelo. Usava uma camisa xadrez por cima de uma camiseta branca comum, uma bermuda jeans rasgada e surrada e meias até os tornozelos. Atrás dele, uma garota magricela, com um vestido cuja saia ia até os pés e cabelo negro trançado nas costas, estava parada, as mãos cobrindo a boca.

– Oh, meu Deus! – ela exclamou, quando nossos olhos se encontraram. – Me desculpe! Senhor, veja o que eu fiz! Me desculpe, moça!

– Tudo bem... – disfarcei, com um meio sorriso.

– Não, não está tudo bem! – ela insistiu, vindo até mim. Ou achei que fosse até mim, antes de parar e bater com força na cabeça do menino ruivo. – Olha só o que você me fez fazer, Patrick!

Certo. Então aquele era Patrick Thunder.

– Não precisa mutilar o garoto por minha causa! – garanti, e tomei sua mão para lhe devolver o estojo. Ela sorriu, e eu sorri de volta.

– Yara de los Angeles. – ela disse, e me estendeu a outra mão livre. Eu a apertei, um pouco mais aliviada.

– Malena Gördon. – apresentei-me. Fiz questão de não citar meu segundo nome. – Prazer.

Seu sorriso tornou-se mais amplo.

– Você é a sobrinha da professora Frida! – declarou, e eu senti que estava corando. – Ei, Patrick! É a garota de Oklahoma!

Patrick, que ainda estava rindo, levantou-se do chão e apertou a minha mão também.

– Patrick Thunder. – apresentou-se. Sua voz era mais forte que um trovão. Combinava com o nome.

– Prazer. – murmurei, envergonhada. Como Frida pôde?

O sinal tocou, e as pessoas começaram a entrar no prédio. Yara sorriu para mim novamente.

– Você é do segundo ano, certo? – perguntou.

– Acho que sim. – respondi, soando como uma perfeita idiota.

– Vem, a gente te mostra onde é a sala.

Adentramos o prédio que por dentro era todo frio, com azulejo gasto e marcado. Seguimos a massa de estudantes, que caminhava rumo ao primeiro piso, e então acompanhamos os poucos que seguiram para o segundo. Yara e Patrick me guiaram até uma sala ampla, já apinhada de alunos.

Diferentemente de como acontecia na minha escola em Oklahoma, ali parecia não haver preferências para nada ou ninguém. A mesma pessoa que falava com os *nerds* da frente, fazia contato com os bagunceiros do fundo da classe. Toda a turma parecia interada e unida, e eu me senti em casa ali.

Talvez não fosse tão ruim.

Mal dei meu primeiro passo para dentro da sala, duas garotas com rostos iguais e roupas que somente a cor era diferente pararam à minha frente. Encarei-as, surpresa, estudando desde seus rostos magros e estatura baixa, olhos azuis e cabelos louro escuros, até as calças jeans e tênis idênticos e mesmos casacos, exceto que a da direita usava roxo e a da esquerda usava vermelho.

– Olá. – disseram, ao mesmo tempo.

Abri a boca, como se estivesse falando com algum tipo de personagem de desenho animado. Porque era justamente o que elas pareciam.

De repente, ser a única albina entre 40 alunos ou mais, era perfeitamente comum e normal.

– Ela é Halley Nelson. – a de vermelho apresentou, apontando a irmã.

– E ela é Hellen Nelson. – a de roxo disse, apontando pra outra.

E tudo o que eu pude dizer, um minuto depois, foi:

– Desculpe, quem é quem?

Elas riram, e despiram a fachada de “irmãs-perfeitamente-idênticas” para agirem como seres humanos normais por um instante.

– Desculpe por isso! – a Halley (ou Hellen?) falou, rindo. – É bem divertido. Confunde as pessoas.

– Certo... – murmurei, mordendo o lábio.

– Hellen. – a de vermelho ergueu a mão direita.

– Halley. – a outra ergueu a mão esquerda.

– Uma é destra, a outra é canhota. – Hellen afirmou tão rapidamente que eu quase não pude entender. – Preste atenção nisso.

– Certo...

– O professor! – Yara sibilou ao meu lado, e fui arrastada pelas três até uma carteira mais ou menos no meio da sala, entre Yara e um garoto japonês, com o cabelo curto e negro ajeitado num moicano estranho.

Um homem mulato, alto e largo adentrou a sala, a passos amplos e desajeitados. Seus cabelos eram ralos e grisalhos, sua expressão lhe dava um ar rabugento. O tipo de professor que nenhuma classe gostava de ter, e que parecia fazer questão de arruinar um dia na escola logo na primeira aula.

Ele se apresentou como Prof. Timmy Dingle, e sua matéria era Trigonometria. Excelente. Eu era um completo desastre em

qualquer coisa que envolvesse números, e seria obrigada a começar o dia justamente com a rainha das matérias ruins!

O professor começou a passar uma sequência infinita de fórmulas e explicações complicadas na lousa, fazendo com que eu me perdesse mais de uma vez. Vinte minutos de aula, e eu já estava exausta como se o dia se arrastasse diante de mim numa velocidade estrondosamente lenta. Continuei copiando as informações, tentando absorver o mínimo que fosse, consultando ocasionalmente o relógio.

Por fim, após quarenta minutos de aula, baixei o lápis e a cabeça, numa pausa merecida após quase uma folha inteira de matéria – sem que nada tivesse sido nem minimamente compreendido, devo dizer. Mal fechei os olhos, e a voz trovejante e irritante do Prof. Timmy exclamou:

– Senhorita Gördon!

Num segundo, o susto me fez pular da carteira e olhar para cima, rápido de mais. Meu coração disparou, e eu ofeguei.

Tudo no exato milésimo de segundo em que o relógio, postado exatamente acima da porta, caiu e se quebrou no chão.

Várias garotas soltaram gritinhos e exclamações assustadas quando o objeto simplesmente despencou a favor da gravidade e quebrou-se em dezenas de pedaços. Eu fui uma delas.

Como se não bastasse os momentos de raiva, agora eu não poderia me assustar sem quebrar coisas também?

– Eu vou chamar alguém para limpar isso. – o professor disse, parecendo impressionado e confuso – Senhorita Gördon... – repetiu para mim – Quando eu voltar, quero o primeiro exercício resolvido na lousa!

Abriu a porta e saiu, enquanto eu procurava o primeiro exercício no livro. Li uma, duas, três vezes; sempre que terminava o enunciado, não fazia ideia do que havia acabado de ler. Eu não estava entendendo uma única palavra!

O que aconteceria se o professor simplesmente voltasse e eu ainda estivesse sentada, imóvel, tendo que explicar que eu era um fiasco em trigonometria?

– Aqui. – o japonês ao meu lado me disse, e quando olhei, ele me estendia o próprio caderno, onde o exercício estava inteiramente resolvido em sua caligrafia apertada, porém, compreensível.

– Obrigada... – agradezi, com urgência, mas parei a frase no ar, sem saber como chamá-lo.

– Ned. – ele disse, e sorriu de um jeito fofo e peculiar. – Ned Lee.

– Valeu mesmo, Ned!

Levantei e corri para a lousa a fim de rabiscar logo aquele monte de números e letras que pareciam gregos para mim. A luz incomodou meus olhos, e alguém teve a brilhante ideia de apagar parte delas para que eu pudesse enxergar. Mas, quando olhei para agradecer, não havia ninguém próximo do interruptor.

Estava pior do que eu temia...

Quando, enfim, o sinal tocou, anunciando o intervalo, eu estava exausta.

Dois tempos de trigonometria, seguidos de uma aula incessante de História Americana. Eu não sabia o que era pior. Sem contar o relógio que se partiu pelo meu susto e a luz que se

apagou por minha vontade. O que faltava, eu fazer mortos levantarem de suas tumbas?

Ned e Yara me acompanharam desde o nosso prédio até o refeitório, no coração da OSD. Parecia pequeno e vazio para mim, mas consideravelmente cheio, dados os números da escola. Sentamo-nos numa mesa próxima da entrada, e logo outras pessoas vieram se juntar a nós, começando pelas gêmeas Nelson, e então Patrick.

Meus irmãos passaram por mim rapidamente. Freddy apertou minha bochecha – ele adorava fazer isso quando eu estava na frente dos outros, e Eric me entregou o dinheiro do lanche. Yara tentou fingir que não, mas eu notei como ela os havia observado. Com olhos furtivos. Era engraçado.

– Seus irmãos? – Ned me perguntou, em nome de todos, pelo que pude presumir.

– É.– respondi, rapidamente, com um meio sorriso. Halley e Hellen trocaram risadinhas.

– Eles são lindos. – Halley comentou, olhando em volta para ver onde estavam.

– Muito bonitos. – a irmã gêmea concordou.

– Talvez seja de família. – disse uma voz atrás de mim, que eu não havia escutado antes.

Demorei meio segundo para captar a essência do comentário e ficar envergonhada, e outro meio segundo para girar o tronco e ver quem era o dono da frase.

No entanto, não precisei nem de meio milésimo de nano segundo para ficar completamente encantada com a minha visão.

Era um garoto alto, atlético, com o tipo de corpo que você só vem em modelos em potencial, artistas de cinema ou nos jogadores dos times das escolas. Os olhos eram de um verde-acinzentado impressionante, a pele macia e natural, os cabelos nem castanho-claros, nem louros. Tudo nele era perfeito.

Prendi-me nos seus olhos por um instante, suficientemente longo para me perder de todo o resto. Então, voltei para o mundo real e sorri de um modo muito além do educado.

– Eu sou Sam Goyle. – apresentou-se, e puxou uma cadeira para se sentar ao meu lado. Inevitavelmente, meus olhos seguiram cada um de seus movimentos, e eu não conseguia falar. – E você é...

– Malena. – eu respondi, meio baixo demais, e ele sorriu. Uma visão do céu.

Não tenho certeza se prestei atenção em mais nada a partir daquele momento.

Os primeiros dias na OSD foram simples, e bem melhores do que eu esperava. Yara era uma das melhores pessoas que eu já havia conhecido, tão tímida quanto eu e tão engraçada quanto sua timidez deixava que fosse. Ned, como Frida já havia adiantado, era o exemplo de bom garoto, e me ajudou mais do que o suficiente durante as piores aulas – lê-se trigonometria e física, em particular.

Além deles, eu estava constantemente cercada pelas gêmeas Nelson, visivelmente interessadas nos meus irmãos mais velhos, e Patrick, cujas brincadeiras e óbvia falta de interesse em todo e

qualquer tipo de coisa útil, me faziam rir o tempo todo. Ele nem precisava querer para ser cômico.

E, é claro, tinha Sam.

Ele era o prêmio que eu não esperava ganhar. Após o primeiro dia, Sam começou a sentar-se conosco todos os dias na sala de aula e fora dela e, por isso, trouxe junto seu melhor amigo, Jay Jackson. Como eu havia presumido, ambos faziam parte do time de futebol da escola – embora eu não compreendesse qual era o objetivo de haver um time se aquela era a única escola da cidade.

– O que, então a gente não pode jogar só por que você acha que não tem contra quem competir? – Sam me perguntou, fingindo incredulidade. Era ainda mais lindo quando fazia de conta que estava surpreso.

Eu dei risada, e o som pareceu ecoar pelo ginásio. Era sexta-feira, aula de educação física, e o sol estava absurdamente forte para o fim do verão lá fora. Por eu ser albina e extrassensível, o professor permitiu que eu ficasse na porta do ginásio, seguramente protegida pela sua sombra, enquanto todos os outros corriam e jogavam na quadra externa.

Menos de vinte minutos depois, Sam estava do meu lado, suado. Tinha sido expulso da partida depois de cometer uma série de faltas contra o mesmo jogador – Patrick.

– Não é isso! – exclamei, rindo com ele. – Mas é estranho!

– Eu sei, eu sei... – admitiu. – Não, é que a gente joga com escolas de outras cidades aqui perto, às vezes. Durante as férias, sabe?

– E vocês jogam uns contra os outros antes disso? – indaguei, rolando os olhos. – É ilógico!

– Não, temos uns amistosos durante os finais de semana. Aliás... – olhou para baixo, e então novamente para mim. – O primeiro amistoso é daqui a duas semanas, no sábado. Você vem?

– Contra quem?

– Uma escola de Winfield. Prometa que você vai vir, é a minha estreia no time titular.

Sorri para ele, e ele sorriu de volta para mim. O convite estava claro, estampado em cada linha do seu rosto. Ele queria que eu viesse, queria que o visse jogar. Como eu poderia dizer não a alguém como Sam?

– Claro. – concordei, sem pestanejar. – Pode contar comigo.

– Ei, Sam! – o professor gritou, e então soou o apito. – Hora de voltar!

– Me observe, vou fazer um gol pra você! – prometeu, e saiu correndo.

Caramba! Ele era incrível!

E eu podia ser incrivelmente sortuda de vez em quando.

De vez em quando.

Uma vez sem companhia, comecei a caminhar pelo ginásio vazio. Era imenso e sujo, com arquibancadas laterais e linhas que marcavam as quadras de futebol, vôlei e basquete. Eu me sentia sozinha, porém, feliz. Qualquer solidão poderia ser facilmente esquecida tendo alguém como Sam do lado de fora. Fazia o dia parecer mais vibrante, mais colorido.

Minhas andanças me levaram até atrás das arquibancadas, e tomei um susto quando fui recebida por uma nuvem de fumaça. Tomei um gole de ar com a surpresa e comecei a tossir com a fumaça. Como já era de se esperar, minha reação causou um estrago grande, que eu só percebi quando abri os olhos e parei de tossir.

Sentada atrás da arquibancada do lado direito, estava uma garota pálida – metade daquilo era maquiagem, eu apostaria minha vida nisso – com cabelos grossos e muito, muito negros presos de um jeito estranho. Nos seus olhos, só se podia ver as pupilas – provável obra de lentes de contato – as pálpebras cobertas por uma maquiagem escura e pesada. Usava roupas estranhas, em tons de preto e roxo.

A pobre garota me olhava assustada, as mãos pálidas e cujas unhas estavam roídas e pintadas de azul elétrico, pousadas, uma sobre os joelhos e uma em posição de quem segura um cigarro na boca. Mas não havia cigarro nenhum entre seus dedos. O cigarro tinha se reduzido a cinzas, junto com todo o resto do seu maço, ambos pegando fogo exatamente entre nós.

– Desculpe. – pedi, automaticamente, ao ver o que tinha feito. Então, cheguei à conclusão de que ela me acharia louca, e completei. – Pelo susto.

– Tudo... – aos poucos, ela foi saindo da sua posição estática. Respirou fundo, baixou a mão suspensa no ar e franziu o cenho. – Tudo bem. Eu acho.

Dei-lhe as costas, envergonhada, mas a garota se levantou e me seguiu.

– Espera! – exclamou, fazendo eco pelo ginásio. Eu parei e olhei pra trás, apreensiva. Ela estava vindo em minha direção, a mão estendida. – Eu sou Kathi Jonas.

– Malena Gördon. – apresentei-me, apertando sua mão e tentando sorrir. O aperto não durou um segundo antes que ela largasse minha mão e limpasse a sua própria nas roupas.

– Eu tenho um problema com contatos diretos. – justificou, antes que eu perguntasse qualquer coisa. Então parou e bufou. – Olha, esse lance do cigarro... será que pode ficar entre nós?

– Sem problemas.

– Eu prometo que não conto pra ninguém o que você fez com eles.

– Não, eu não... não fui eu!

Meu desespero, claro, deu apenas mais indícios da culpa. Eu não era muito boa em disfarçar nada, especialmente, quando eu sabia que era a responsável. Mas simplesmente dizer “é, eu sou uma aberração perseguida por fenômenos sobrenaturais ocasionados pelas minhas reações mais intensas”, não seria uma boa ideia!

– Tudo bem. – a garota afirmou, com um meio sorriso bobo. – Não aconteceu nada ali atrás. Combinado?

Assenti quieta.

Era melhor desse jeito.

Amnésia

– Olha, não me leve a mal. – Yara me disse, na segunda-feira, no fim da aula de trigonometria. – Mas aquela garota é... diferente.

Ergui uma sobancelha, sem entender onde ela queria chegar. Yara era uma das pessoas mais doces que eu havia conhecido naquela escola. Exceto, talvez, pelo primeiro dia de aula, quando ela estava tentando a todo custo acertar Patrick com um estojó e acabou me acertando por acidente, nunca a vi agir ou falar de modo ruim sobre ninguém.

E ali estávamos nós, sentadas em nossas carteiras – ela começara a se sentar na minha frente – e estava me dizendo que Kathi era diferente. E, a palavra “diferente” para Yara, soava como “estranha”, “pavorosa” ou “abominável” na boca de outras pessoas. Agora eu entendia o que Frida quis dizer com Kathi ser isolada. Por ser gótica, todo mundo a considerava diferente, e ela se achava diferente de todo mundo. Se nem mesmo Yara tinha uma boa opinião a respeito dela, eu podia só imaginar o que os outros falavam.

– Malena, você sabe que eu não sou de falar nada de ninguém. – continuou, ao ver que eu não respondia. – Desculpa se isso te ofende, é sério, eu sei que você gosta dela. Não me entenda mal.

– Não se preocupe, Yara. – afirmei, acalmando-a. – Tudo bem. Eu sei que ela é diferente, eu só não entendo qual é o...

– Não, não tem problema *nenhum* em ser diferente! – apressou-se a me interromper. – Quero dizer, eu sou evangélica e venho com uma saia até os pés e tênis todos os dias pra

escola. O Patrick é ruivo e completamente idiota. Todo mundo é diferente, não é isso que eu estou querendo dizer!

– Então...

– Olha... – suspirou. – Ela me dá... medo, entende? Eu não tenho nada contra ela, eu sequer a conheço. Mas você já teve a sensação de olhar pra alguém e saber que tem algo *muito* errado com aquela pessoa? Como se o demônio estivesse com ela, ou algo assim?

Yara mordeu o lábio, preocupada se eu estava ou não entendendo seu ponto. Concordei, é claro. Eu sabia exatamente o que era aquela sensação; sentia-a toda vez que me olhava no espelho. Embora demônio não fosse exatamente a palavra que eu escolheria para designar o que estava me acompanhando nos últimos dias desde que eu chegara ali.

– Bom, eu acho que você devia dar uma chance a ela. – insisti, ainda assim, quando o sinal tocou. – Ela não é má pessoa.

Ela não me respondeu, e olhou pro lado. Acompanhei seu olhar e vi que Ned também estava participando da conversa, indiretamente, ouvidos atentos a tudo o que dizíamos. Ele parecia partilhar da mesma opinião de Yara.

– Eu sei o que é quando todo mundo te acha diferente, ok? – eu disse, para ambos. – Eu sou albina, de onde eu vim, as pessoas tinham medo de mim por isso! É horrível!

– Eu posso imaginar. – Yara murmurou. No fundo, ela sabia que não podia, eu não precisava nem dizer.

– Eu vou trazê-la pra almoçar conosco hoje. – sugeri, então, e meus dois amigos trocaram os mesmos olhares desconfiados. – Gente, por favor! Uma chance!

– Claro, claro. – Yara sorriu, e virou pra frente murmurando algo sobre ação de Deus.

Na saída para o almoço, eu me apressei para alcançar Kathi nas escadas. Ela saiu antes que todo mundo sequer tivesse levantado da carteira, e só consegui chegar até ela quando já estávamos no térreo. Ia na direção oposta à do refeitório.

– Kathi! – gritei, correndo para alcançá-la. Ela virou surpresa, com sua calça de couro preto e corpete vermelho mesclado com carmim. – Aonde você vai?

– Lá fora. – respondeu, apontando para a porta que levava à saída do prédio, atrás de si. – Longe das pessoas normais.

– Não hoje! – exclamei, e tomei sua mão para arrastá-la pelo corredor. Soltei assim que me lembrei de seu pequeno problema, e comecei a empurrá-la pelas costas. – Hoje você almoça comigo.

– Com você e mais quem? – quis saber, aos poucos cedendo.

– Yara, as Nelson, as pessoas com quem eu costumo me sentar.

– Sem chance! – e estacou onde estava. – Malena, não! Eles me odeiam porque eu sou gótica, são um bando de preconceituosos! Eu não vou me sentar com eles!

– Meus amigos sentam comigo. – declarei. – Você vai.

Kathi me lançou um olhar suplicante, e eu devolvi-lhe um olhar decidido. Por fim, acabou cedendo, com a única condição de que eu não lhe tocasse mais.

Tive a impressão de que ela não entrava no refeitório há séculos, pelo modo como olhou para tudo, e como foi recebida.

Ela parecia uma novidade ainda maior e mais gritante do que eu própria. – dava para imaginar o porquê. Enquanto Kathi mordida a boca pintada de vermelho e observava tudo, calada e temerosa, todos pareceram olhar pra ela como se ela fosse algum tipo de aberração.

Eu não me abalei. Trouxe-a até a mesa onde Yara, Ned, Halley, Hellen e Sam já estavam sentados. Sorri como boba para o último, e ele sorriu de volta. Yara tentou parecer simpática, Ned limitou-se a não dar atenção especial ao fato – ou assim fingiu – e as gêmeas primeiro nos olharam, boquiabertas, para depois começarem a cochichar.

– O que foi que eu disse? – Kathi sibilou ao meu ouvido.

– Vai ficar tudo bem! – exclamei de volta, sem tirar os olhos de Sam, nem o sorriso bobo da cara.

Puxei uma cadeira para mim entre Sam e Yara, e Ned fez a gentileza de arranjar outra para Kathi. Ele e Yara deram espaço para a nova convidada, e eu respirei fundo antes de dizer:

– Pessoal, essa é a Kathi.

As gêmeas imediatamente pararam de cochichar e disseram um “oi” rápido, entre risadinhas. Yara cumprimentou-a rapidamente, tentando disfarçar o medo que eu sabia que estava sentindo. Ned sorriu-lhe apenas, seu modo único de mostrar que ela era perfeitamente comum para ele. E Sam, logicamente, foi o mais bem-educado.

Afinal, foi ele quem lhe perguntou como estava, e acompanhou-me nos primeiros minutos de conversa. Quando Jay chegou, com a cara de quem parece segurar a risada,

apresentou-lhes, e deixou de dar atenção ao melhor amigo para continuar conversando conosco.

Incentivados por ele, a conversa estranha e podada demais para os padrões daquela mesa em questão – sem gritos, ou gargalhadas altas – os outros também começaram a conversar com Kathi. Primeiro Yara, que lhe perguntou sobre as lentes de contato. Então Ned entrou na conversa, justificando sua aversão às mesmas. Halley perguntou-lhe sobre o cabelo, e Hellen seguiu a deixa da irmã, fazendo sucessivas perguntas sobre suas roupas e maquiagem.

No todo, o almoço foi, ao mesmo tempo, leve e tenso. Tenso pela questão óbvia de que todo mundo olhava para a nossa mesa, e pela primeira vez desde a semana anterior eu não era a razão pela qual isso acontecia. Tenso também pelo fato de que ninguém tinha muita ideia de como conversar com Kathi, como se ela não fosse normal ou capaz de falar de assuntos humanos, e também porque Kathi não se sentia confortável ali – ainda. Eu esperava mudar aquela situação com o tempo.

No entanto, foi leve porque eu estava com Sam. Ele, dentre todas as pessoas, era capaz de agir como se *realmente* não houvesse nada de errado com Kathi, como se ela sempre tivesse sentado ali conosco. Para ele não havia diferença de uma pessoa para outra, e eu o admirava tanto por isso, que só conseguia babar ainda mais por ele.

E é claro que a leveza do ambiente apenas triplicava de tamanho toda vez que eu percebia que ele estava olhando e sorrindo para mim. Era impagável.

Durante toda aquela semana, Kathi foi forçada a dividir a mesa do almoço conosco, e aos poucos as pessoas foram se acostumando a ela, ainda que ela própria não se acostumasse com eles. Tive pena dela. Eu podia entender como era se sentir daquele jeito, com medo de confiar demais. Tinha sido uma surpresa para mim eu ter feito amigos também, quando cheguei.

Mas estava claro que a minha relutância não era absolutamente nada se comparada à dela. Eu era meramente desconfiada, mas tinha aceitado a amizade e a companhia de todo mundo sem hesitar. Kathi era mais dura na queda, e apesar de sentar-se conosco todos os dias sem reclamar (muito), ainda não se aproximava de nós no horário da entrada, durante as aulas ou na saída.

Quando a sexta-feira chegou outra vez, estava chovendo, e desta vez todos estávamos no ginásio. Eu estava no alto da arquibancada esquerda, na altura da janela do vestiário feminino, onde Kathi estava fumando escondida. Antes do início da aula, ela havia me pedido para ficar de olho e alertá-la caso alguém estivesse entrando.

Então, Sam apareceu. Chegou, como sempre, todo suado e ofegante, mas eu não me importava. Ele era lindo de qualquer maneira, e tê-lo por perto, mesmo que cheirando a quem acabou de jogar, era sempre bom para mim.

– Expulso de novo? – brinquei, e ele riu, enquanto se sentava do meu lado.

– Eu juro que não empurrei o Jay enquanto ele tentava fazer uma cesta! – respondeu, e limpou o suor com as costas da mão.

– Quero te ver jogando um dia desses.

– Não quer, mesmo! – exclamei. – Eu sou meio lesada com esportes.

– Com todos eles?

– A maioria. E eu não gosto muito dessa coisa de correr e ficar suada. Prefiro ficar na minha.

– Certo...

Fizemos silêncio, mas eu não conseguia parar de sorrir. Que mágica era aquela que aquele garoto tinha sobre mim, caramba?

– É muito legal o que você está fazendo pela Kathi. – Sam disse, então, me pegando de surpresa. Senti o sangue subir, e não tive certeza se estava corando.

– Não é nada, eu só... – pus o cabelo pra trás da orelha e encontrei seu olhar novamente. – Eu sei como ela se sente. E eu não acho justo.

– Pra te falar a verdade, eu faço parte do grupo dos que sempre acharam a Kathi bastante esquisita. – confessou, com um risinho. – Mas ela é legal. Você está certa de fazer isso por ela.

Desviei o olhar por um instante, e no segundo seguinte, Sam já estava mais perto, ainda sorrindo. Eu fiquei hipnotizada.

– Eu já te disse que você é incrível? – me perguntou.

– Não. – eu respondi, apenas, incapaz de sorrir ou expressar o que fosse. Seu rosto, sua boca, ele estava perto demais para me permitir fazer qualquer coisa que não fosse prestar atenção a cada mínimo detalhe do seu eu perfeito.

– Você é incrível. – repetiu.

Naquele momento, eu pude jurar que o mundo havia parado, enquanto eu e ele fechávamos os olhos. Eu estava pronta para o

que viria a seguir, eu desejava com toda a minha vida o que viria a seguir. Mas não tive retorno.

Porque foi aí que o alarme de incêndio do ginásio começou a apitar, esguichando água para todos os lados.

O momento perfeito foi perfeitamente quebrado, e Sam começou a rir quando foi atingido pela água. Sem jeito, o acompanhei na gargalhada, soando falsa e sem humor.

Deixei-o para ir procurar por Kathi. O alarme de incêndio não havia sido acionado sozinho, e ela era a responsável – eu só queria saber como. Não era a primeira vez que ela fumava no ginásio, por que desta vez o alarme havia soado, interrompendo o meu momento? Estava na cara que tinha sido proposital, e ela ia me escutar.

Eu a encontrei a meio caminho do nosso prédio, sob um guarda-chuva negro. Eu, é claro, estava encharcada quando a cutuquei, não apenas pelo acidente no ginásio como também pela chuva que estava caindo do lado de fora, da qual eu havia me esquecido, na pressa de falar com ela.

– Você soou o alarme de incêndio. – não era uma pergunta.

– Soei. – ela me respondeu, com um sorrisinho. Quando me olhou, o sorriso se transformou numa risada. – Meu Deus, olha só pra sua cara!

– Kathi, é assim que você me agradece? – eu quase gritei. – Eu estava cobrindo você!

– E quase beijando Sam Goyle! – rolou os olhos. – Vai por mim, Malena, você não vai querer beijar esse cara na primeira oportunidade!

– Por que não?

– Porque eu fiz isso e me dei mal.

Parei no meio do caminho. Eu já estava molhada, não faria diferença. Mas o que eu tinha acabado de escutar com toda a certeza faria!

– Como? – perguntei, sem saber se o sentimento dominante era a surpresa ou o ciúme.

– É, quem imaginaria? – riu-se Kathi, balançando a cabeça. – Eu sei que parece completamente impossível, mas aconteceu. Antes de eu ser assim. – e apontou pra própria cara, com um risinho sarcástico. – As pessoas me consideravam normal naquela época. Foi há uns três anos, eu acho.

– É sério isso? – insisti.

– Sim, Malena, é muito sério! Eu e o Sam ficamos numa feira da escola. Só aconteceu e, bem... digamos que ele nunca mais tocou no assunto.

– O Sam não...

– Parece esse tipo de cara? – e eu concordei. Ela riu – Mas era. Não sei se ainda é, mas só por garantia é melhor você dar um tempo maior para as coisas acontecerem, ok?

No meu eventual estado de inconformidade, tudo o que eu pude fazer era concordar e continuar andando, então foi o que eu fiz.

O Sam tinha beijado Kathi. Kathi tinha beijado Sam. Ele não mencionou nada disso, e nunca mais falou com ela.

Por que não fazia sentido?

– Você está apaixonada por ele. – Kathi me disse, e outra vez, não era uma pergunta. Ela sequer estava me olhando.

A chuva estava forte, e o vento fazia meu corpo tremer. Mas por dentro, eu estava completamente diferente. Quente, como se houvesse fogo subindo do meu estômago até a minha garganta. O fogo que trazia com ele a ânsia da inveja e da raiva por algo que havia acontecido há muito tempo, que me incomodava num grau impossível de descrever.

E, além disso, meu coração palpitava num ritmo diferente, novo. Ele estava apertado porque eu estava com ciúmes, e acelerado porque eu estava pensando em Sam. E leve porque eu quase o havia tido, e apertado de novo porque não havia conseguido.

Então sim, eu estava apaixonada.

E eu não precisava dizer nada em voz alta para saber.

Amanheci estranha no sábado.

Acordei antes de os primeiros raios da manhã ameaçarem entrar pela janela do sótão, já sentindo que não poderia dormir por nem mais um segundo. Me levantei, cambaleando, e desci até a cozinha, onde tomei um copo cheio de suco e voltei para o sótão.

Fiz minhas lições atrasadas e contei as horas impacientemente. Escutei um a um os meus irmãos levantarem, começando pelo Dylan, sempre o mais barulhento. Às onze da manhã, quando meu pai resolveu que seria uma boa ideia cortar a grama, afinal, resolvi que estava na hora de tomar um banho e trocar de roupa para ir ao jogo, como havia prometido.

Disputei a fila do único banheiro da casa com Freddy e Eric, vencendo por três vitórias sobre duas sobre uma em seis

rodadas de “pedra, papel ou tesoura”. Tomei meu banho e voltei, envolta num roupão, para o meu quarto.

Troquei de roupa, desci e comi alguma coisa. Gritei para meus irmãos se apressarem, pois eles iam comigo até a escola para assistir ao jogo. Do lado de fora, o dia estava nublado, bom o bastante para não chover nem fazer sol. Mesmo assim, passei protetor solar e minha mãe me fez pegar um boné, além dos óculos escuros.

Eu me movimentava como se estivesse num sonho. Como se toda a cena que eu estava vivendo não estivesse acontecendo, como se não fosse... eu mesma a fazer nada daquilo. Esfreguei os olhos mais de uma vez para ver se estava sonolenta, me belisquei para ter certeza de que não estava dormindo. Mas a estranheza não me deixava.

Deixamos a imponente e assustadora Casa Azul quando faltavam ainda uns quarenta minutos para o início do jogo. Ao virarmos a esquina da nossa rua, cruzamos caminho com um gato magricela e peludo, negro como a noite. Ele me olhou com enormes olhos amarelos, parecendo inteligente demais pra um gato, mas eu o ignorei como vinha ignorando quase tudo desde o início da manhã.

Fomos em frente e, no meio do caminho, percebi que ele estava me seguindo. Não a nós, não aos meus irmãos, mas a mim. Andava lado a lado comigo, me encarando, seguindo os meus passos e os de mais ninguém. Mais de uma vez tentei afastá-lo sem sucesso, até que desisti.

O gato entrou conosco nos terrenos da escola, e lá ele simplesmente desapareceu. Eu, Freddy e Eric seguimos até a

quadra externa, onde as arquibancadas já estavam cheias e os times já estavam se preparando para jogar.

Sam acenou para mim e sorriu daquele seu jeito estonteante, e eu retribui ambos, sorriso e aceno. Por aquele único momento, eu me senti "sóbria", presa ao mundo real. Mas aí ele voltou sua atenção ao treinador e tudo pareceu nublado de novo.

Corri as arquibancadas com os olhos até encontrar Halley e Hellen de pé, exatamente de frente para mim, fazendo sinal para que eu me juntasse a elas. Eu fiz sinal de concordância, e pedi que esperassem enquanto ia até elas. Dei um passo à frente e...

Tropecei no gato.

Me levantei e o encarei, aqueles olhos amarelos tão brilhantes e profundos querendo me dizer alguma coisa. Me peguei tentando compreender o que seria, completamente submersa nos mistérios por trás da inteligência que eles exibiam, sentindo-me cada vez mais perdida naquele sonho sem sentido nenhum...

O relógio apitou, como sempre, às sete da manhã e eu me sentei, assustada, suada e sem fôlego na cama.

Eu estava enrolada nos meus cobertores, com a mão sobre o coração, que palpitava freneticamente. Olhei pela janela e enxerguei uma manhã de chuva fina e chata, e então olhei para o relógio de novo.

Sete e dois. Mas eu não programava o relógio para tocar nos finais de semana. E hoje era domingo, certo?

Ok, suponhamos que era domingo. O que eu havia feito no sábado?

...

Peguei o celular na mochila, onde costumava ficar, e vi a data. Segunda-feira.

Isso era completamente impossível!

Me levantei, cambaleando, e desci para usar o banheiro. Estava me aproximando da porta quando o Freddy simplesmente surgiu na minha frente e entrou primeiro, fechando a porta bem na minha cara. Minha reação foi automática e ridícula a meu ver: eu simplesmente estendi a mão, como se pudesse pará-la de alguma forma, só pela minha vontade.

Foi nessa hora que a porta se abriu, revelando meu irmão com a escova de dente na boca. Ele me olhou como se não pudesse acreditar, e eu sustentei seu olhar, completamente inexpressiva. Freddy tentou fechar a porta, mas ela não obedecia, presa por aparentemente nada, enquanto minha mão continuava estendida para frente, como boba.

Eu não sabia exatamente de onde vinham as ordens que guiavam meus movimentos, mas certamente não eram do *meu* cérebro. Tornei a mexer o braço, dessa vez para o lado, e Freddy automaticamente cuspiu tudo o que estava em sua boca na pia do banheiro. Então puxei minha mão na direção do meu peito e, bem...

Meu irmão meio que *voou* para fora do banheiro.

Passei por ele como se nada tivesse acontecido e fechei a porta. Só lá dentro, quando dei de cara com a espuma da pasta dental e sua escova ainda suja dentro da cúpula da pia, foi que eu me dei conta do que eu havia acabado de fazer e entrei em desespero.

Aquela não era eu! Olhei-me no espelho, pus a língua para fora, olhei abaixo das pálpebras pra ver se estava tudo bem com a minha saúde. Nada de errado. Meu rosto era o mesmo, a garganta estava ótima e eu estava longe de estar anêmica.

Qual era o meu problema, afinal?

– Você está com uma cara péssima!

Essa foi a minha recepção quando cheguei à escola, completamente grogue. Halley, a autora da frase, me olhava como se eu fosse algum tipo de alienígena horripilante. Sua irmã gêmea estava mais preocupada em conversar com Eric do que dar atenção a mim.

Eu estava exausta, confusa e muito, muito apavorada. Como eu estava simplesmente ausente durante dois dias inteiros? O que acontecera com o meu sábado e o meu domingo, como eu não me lembrava deles?

Melhor, como diabos eu estava fazendo coisas e pessoas voarem com uma droga de movimento das mãos?

– Ei. – Ned chamou, me cutucando nas costas. Girei para encará-lo, de pé atrás de mim.

– Oi, Ned. – eu disse, sem animação alguma. Ele me olhou com olhos preocupados.

– Está tudo bem? – quis saber.

Tão fofo. Ned era uma das poucas pessoas inteiramente sinceras que eu conhecia, isso eu podia afirmar com certeza. Ele se preocupava com as pessoas. Bom, não com todos, mas definitivamente se preocupava *comigo*.

– Eu não sei. – admiti, constrangida. – Ned, você...esteve aqui no sábado?

– Sim, claro. – ele respondeu, franzindo seus olhinhos puxados. – Que pergunta, Malena, eu sentei do seu lado durante o jogo!

– Oh, céus! – murmurei, colocando o rosto entre as mãos.

– O que foi?

– Ned, venha cá um minuto. – e o arrastei da entrada do nosso prédio até o mais longe possível dos ouvidos conhecidos. Ele parecia confuso.

– Você está me deixando assustado!

– Eu sei, eu também estou! – suspirei. – Ned, eu sei que vai parecer estranho, mas você precisa me dizer exatamente como foi sábado.

– O que você quer dizer?

– Ned, eu...eu não me lembro. De nada. Do meu final de semana inteiro!

Meu japonês preferido me encarou, boquiaberto.

– Como isso é possível? – me perguntou, incrédulo.

– Eu não sei! – exclamei, completamente desesperada. Eu sentia que poderia começar a chorar a qualquer instante. – Mas você esteve comigo no sábado, Ned, precisa me falar o que aconteceu enquanto nós dois estávamos juntos!

– Ok, Malena, calma! – pensou por um segundo, e então começou a contar, ainda confuso. – Eu cheguei, e você estava sentada com as Nelson. Então, nós conversamos, você me apresentou o seu gato...

– Meu gato? – do que ele estava falando?

– Aquele seu gato preto estranho, Toy. Você não lembra que tem um gato também?

– Não, claro, Toy, meu...gato.

Estava ficando cada vez pior. Embora eu soubesse de que gato ele estava falando – era a última coisa da qual eu me lembrava, mas achava que era um sonho idiota – o que tinha me dado na cabeça para resolver adotar aquele animal?

– Bom, na maior parte do tempo, você ficou só... – continuou ele, e deu uma risadinha. – Falando com o gato, ou sei lá o que era aquilo.

– Eu faço muito isso. – afirmei automaticamente. – Eu acho. – completei para mim mesma.

– Nós assistimos ao jogo, o nosso time ganhou por um gol de diferença e então...

– Então...?

– Quando o jogo acabou, você disse que precisava falar com o Sam, e eu não te vi mais depois disso. – Ned me olhou, estudando educada e atenciosamente minha expressão

angustiada. – Malena, você tem certeza absoluta de que está tudo bem? Eu posso te levar até a enfermaria...

– Não, tudo bem Ned, mesmo! – garanti, depressa demais. A última coisa de que eu precisava era um médico para me dizer que eu estava louca. – Só guarde isso entre a gente, ok?

– Sem problemas.

Então alguém me surpreendeu com um frondoso beijo na maçã do rosto. Tomei um susto – as alças da mochila do Ned arrebentaram ao meio por isso – e me virei para ver quem era.

Sam. Sam Goyle. Ele estava sorrindo para mim, os braços na minha cintura.

Ceeerto!

Não que eu não tivesse gostado. É claro que eu havia adorado o beijo, e a surpresa, e os braços dele na minha cintura, e olhar tão perto para ele assim de novo. É só que eu não fazia a menor ideia de onde havia vindo isso!

– Bom dia! – ele me disse. Olhei pros dois lados, mas Ned já não estava lá e ninguém parecia prestar atenção a nós dois.

– Bom dia. – arrisquei a dizer.

Então, Sam colocou sua mão direita na minha nuca e puxou minha cabeça para ele.

Ele ia me *beijar!*

Outra vez, eu não sei o que me deu na cabeça que eu parei. A uns três centímetros da sua boca. Simplesmente parei e me afastei, dando meio passo para trás.

– O que foi, Malena? – ele me perguntou, genuinamente preocupado.

Caramba, ele era tão fofo! Por que eu estava dispensando? Quem ligava para o motivo pelo qual ele estava tentando me beijar, afinal de contas? Isso *realmente* fazia diferença?

– É só que... – comecei a dizer, sem saber muito bem como encontrar as palavras certas. – A gente tá...?

– Junto? – Sam completou, com um meio sorriso perdido. – Eu suponho que sim, depois do beijo no jogo.

– Nós nos beijamos. – eu disse, tentando disfarçar a entonação de pergunta. Eu estava com mais medo que feliz pela descoberta.

– Sábado. Depois que eu fiz aquele gol pra você e ganhei o jogo. – e Sam riu – Você não se lembra?

– Não, é claro que eu me lembro, claro! – dei-lhe as costas, para facilitar a mentira. – Como eu iria esquecer?

– Malena...

Sam colocou a mão sobre meu ombro e deu a volta até ficar de frente para mim de novo. Ergueu meu queixo com as pontas dos dedos e me olhou, perdido e preocupado.

– O que foi? – perguntou, baixinho.

– Eu... – bufei e olhei para o chão. Não conseguia encará-lo. – Eu não tô legal. A gente se fala depois, ok?

Sem acreditar na minha própria coragem, dei-lhe um selinho rápido e corri para a saída da escola.

Tarô

Como?

Como aquilo era possível?

Como e por que tinha que estar acontecendo? Comigo?

Talvez outras pessoas encarassem a coisa toda de um modo diferente. Talvez, só talvez, outra garota no meu lugar se sentiria abençoada por mover coisas com o poder da mente, e por ter o cara que ela quer aos seus pés, mesmo que isso signifique que tem algo de muito estranho na história toda. Mas eu não.

Eu me sentia amaldiçoada e perseguida. E no fundo, eu sabia que tinha alguma coisa a ver – ou *tudo* a ver – com aquela casa, aquela cidade. Eu não era assim em Oklahoma. Eu era perfeitamente normal, tão normal quanto qualquer garota albina irmã de seis garotos que mal vê a própria família poderia ser.

Desde que eu chegara em Oxford, tudo havia mudado. Era ótimo no início. Eu gostava da minha nova casa, apesar de estranha e lendária, ao que tudo indicava, e estava pegando gosto pela cidade, apesar de minúscula. Mas então, aquelas coisas começaram a acontecer, e o que era bom tornou-se um pesadelo.

O que estava acontecendo de errado, afinal?

Eu precisava descobrir e não sabia como.

Por ora, apenas voltei para casa e me fechei no meu sótão, sozinha. Minha mãe não estava e meu pai tinha ido trabalhar.

Adam tinha saído, Bryan estava dormindo, e eu não sabia onde estavam Colin e Dylan. Tudo o que eu queria era fechar os olhos, dormir e descobrir que era sábado, que nada tinha acontecido, que eu não era comprovadamente uma aberração completa.

Mas quando eu fechei os olhos, nada mudou. Exceto, talvez, pelo fato de que eu não estava mais sozinha.

Um miado agudo atraiu minha atenção para a janela. Lá estava o gato preto magricela, seus olhos amarelos inteligentes ainda me olhando. Ele até parecia fofo para mim agora. Como se possuísse a solução para todos os meus problemas.

Peguei-o no colo, meio desajeitada, e o coloquei sobre a minha cama comigo. Então ele se sentou, e começou a me encarar.

– Toy, não é? – indaguei, me sentindo meio boba.

Para meu mais completo susto e desespero, o gato mexeu a sua cabecinha diminuta. Ele estava *concordando* comigo!

– Você... – engoli em seco, apavorada. – Você *entende* o que eu falo?

Toy piscou e entortou a cabeça. E então assentiu outra vez.

– Oh, Deus! – sussurrei, fechando os olhos com força. Abri-os, e o gato ainda me olhava de um jeito sábio e curioso.

Suspirei. Certo, dentre todas as coisas estranhas que estavam acontecendo, quem era eu para julgar um gato demasiado inteligente como a mais estranha de todas elas? Era até reconfortante, se eu parasse para pensar!

– Você faz alguma ideia do que está acontecendo comigo? – perguntei a ele, então.

De pronto, ele me respondeu com um “sim” agitado, que me assustou um pouco. Eu ia demorar a me habituar com aquilo!

– O que é? – insisti. Toy entortou a cabeça, como quem tenta entender o que lhe é dito, e então eu entendi a besteira. – Claro, só perguntas de sim ou não.

O gato – *meu* gato, corrigi mental e ironicamente – voltou a me olhar como antes, esperando por mais perguntas.

– Eu estou ficando louca?

“Não”.

– Eu estou sonhando?

“Não”.

– Você pode me ajudar a descobrir o que é?

“Sim”.

Eu já ia perguntar como, quando me lembrei de que aquela seria uma pergunta que Toy não conseguiria responder, não importava o quão inteligente ele fosse. Ele se levantou e saiu andando pelo quarto, a passos ágeis e determinados – parecia saber exatamente para onde estava indo. Estranhei, mas o segui.

Toy foi até o outro lado do sótão, onde toda aquela velharia ainda estava empilhada, e pulou para cima de um velho baú empoeirado. Entendi o recado, e acendi a luz daquele lado. Estava imundo. Eu provavelmente teria acessos de espirros por causa da poeira depois, mas não estava em condições de recusar uma boa dica.

Com a mão, tirei uma camada espessa de poeira do topo do baú. Ele era de uma cor parecida com a do exterior da casa, azulado velho e gasto. Tirei Toy de cima dele e abri o tampo, tossindo quando libertei uma nuvem de pó para cima de mim.

Quando recuperei a respiração, espiei dentro do baú. No topo de tudo, um espelho retangular, desses antigos com molduras

chiques e douradas, grande o bastante para refletir alguém do topo da cabeça até a altura dos ombros, apenas. Com cuidado, retirei-o de dentro do baú e o coloquei de lado.

Embaixo do espelho, havia uma pilha interminável de livros e algumas caixas tão pequenas que poderiam ser caixinhas de música. Na verdade, havia tanta coisa ali dentro que eu duvidava que pudesse caber dentro de um baú tão simples como aquele. Parecia que o dono do baú havia feito uma espécie de fundo falso e armazenado seus itens não apenas dentro do baú, mas debaixo do chão do sótão.

– O que são todas essas coisas? – perguntei a Toy, sem dar importância ao fato de que ele jamais poderia me responder. Era mais como se eu estivesse falando comigo mesma. – Como isso pode me ajudar?

– Malena?

Tomei um susto quando a voz rouca do meu irmão me chamou. Gritei e saltei para trás, ao mesmo tempo em que a lâmpada do meu abajur em formato de panda explodia, assustando Bryan, que estava parado me olhando.

Recuperado do susto, ele veio até mim.

– O que você está fazendo em casa? – me perguntou.

Como eu responderia àquilo?

– Eu não estava me sentindo legal. – respondi, e não era exatamente uma mentira – Pode, por favor, não contar pra ninguém?

– Não tem problema. – então coçou a barbicha que vinha deixando crescer no queixo e me olhou mais intensamente. – Você estava falando sozinha? E que gato é esse?

– Sim, eu estava, e esse gato...eu o adotei, eu acho.

– É melhor falar com a mamãe antes. Você sabe que o Adam e o Colin são alérgicos a pelos de gato.

– Certo.

Bryan sorriu e se virou para sair. Nessas horas eu me lembrava de como a nossa ligação era forte. De seis irmãos, era dele que eu mais gostava.

Ele parou um pouco antes de a sua cabeça desaparecer pelo buraco que o levava ao andar de baixo, e me surpreendeu quando perguntou:

– Você quer conversar?

Sim, eu queria conversar. Mas quem nesse mundo, além do meu novo gato preto superdotado, poderia entender o que estava se passando comigo? Quem poderia escutar os meus problemas com a seriedade que eu precisava, sem ter vontade de me internar ou coisa parecida?

– Não. – menti, portanto, com uma pontada de dor no coração. – Não, Bryan, está tudo bem.

– Ok. – e continuou descendo. – Fique bem.

E desapareceu.

Mais tarde naquele mesmo dia, a campainha tocou. Estávamos todos em casa, exceto pelo meu pai e Adam, ambos trabalhando – Adam conseguira um emprego numa oficina da cidade – e mesmo assim fui eu quem teve que levantar e atender à porta.

Abri e dei de cara com Kathi, em seus trajes pretos e roxos, o cabelo preto preso num rabo de cavalo estranho e a maquiagem pesada de sempre. Levei quase um minuto pra deixar que ela entrasse – eu nem sabia que ela sabia onde eu morava!

Considerando o tamanho da cidade, não devia ser uma informação difícil de obter, certo?

– Desculpe a pergunta, mas o que você está fazendo aqui? – eu perguntei, por fim.

Kathi estava de costas para mim, correndo os olhos pelo ambiente, remexendo suas mãozinhas estranhas e problemáticas com aproximação humana. Respondeu sem olhar para mim.

– Você faltou à escola. – ela disse.

– Na verdade, eu fui, mas voltei antes de o sinal tocar. – confessei.

Enfim, Kathi virou-se para me encarar. Estava séria, de um jeito estranho e até mesmo assustador.

– Nós precisamos conversar. – declarou.

Ergui uma sobrancelha, sem entender onde ela queria chegar. Eu não me lembrava de ter nenhum assunto pendente com ela.

– Precisamos? – indaguei. Ela assentiu. – Vamos subir, então.

Ela me acompanhou até o andar de cima, e subiu comigo até o meu quarto. Eu acendi a luz e sentei na minha cama.

Kathi demorou-se enquanto examinava o cômodo atenciosamente, porém sem tocar em nada. Olhou meus livros, meus móveis, as janelas, as paredes pintadas, o chão sujo, e um olhar mais intenso e mais demorado para o canto onde o baú ainda estava aberto, como eu o havia deixado. Só então veio se sentar à minha frente, mantendo uma distância segura.

– Malena, eu sei o que aconteceu sábado. – ela me disse, de pronto.

A olhei, impressionada. Ela *sabia*? Que eu tinha perdido a memória, que eu não fazia a menor ideia do que tinha rolado e

que eu estava mais estranha do que nunca na vida? Como ela sabia?

– Sobre o Sam. – esclareceu, então, e meu ânimo murchou. – E toda essa coisa de vocês estarem juntos.

– Ah, isso. – murmurei.

– Eu sei que você não acredita em mim, mas você precisa ter cuidado com esse cara. – continuou.

– Eu não sabia o que estava fazendo. – soltei, e logo me arrependi.

Outra pessoa talvez não tivesse notado, mas Kathi não era como todos os outros. Ela sacou na hora que havia alguma coisa errada, alguma coisa completamente errada comigo. Ela enxergou que eu não estava dizendo por dizer, ou para confortá-la, apenas. Ela sabia que eu estava falando sério.

E, por essa razão, me lançou aquele olhar questionador impossível de ser ignorado. Fiquei sem ação momentaneamente, quando Toy surgiu, pulando entre nós duas.

– Olá! – Kathi exclamou para ele, e Toy miou para ela. Pareciam dois velhos conhecidos.

Então, meu gato olhou diretamente para mim, como se esperasse que eu perguntasse alguma coisa. A pergunta, é claro, já estava inteiramente formada na minha cabeça, esperando para sair, mas quão louca Kathi iria me considerar caso eu a perguntasse em voz alta para um bicho de estimação?

– O que você acha, Toy? – perguntei, baixinho, me segurando para não checar a reação da minha amiga gótica. – Conto?

“Sim”, ele me respondeu. Kathi sequer notou o movimento, distraída demais encarando o outro lado do meu quarto.

– Kathi. – chamei. Ela virou-se para mim como quem acorda de um transe.

Precisei de um tempo para pensar nas palavras certas para usar. Era um assunto delicado, e seria a primeira vez que eu trataria dele em voz alta desde o dia em que eu falara com a minha mãe naquele mesmo quarto. E eu não sabia como a minha amiga poderia reagir sobre aquilo.

– Kathi, você vai achar que eu estou ficando louca. – comecei.
– Na verdade, eu acho que eu estou ficando louca, porque eu não consigo encontrar nenhuma explicação melhor pras coisas que estão acontecendo comigo.

– Que tipo de coisas? – ela me perguntou, curiosa.

– Coisas...estranhas. – respondi, na falta de um adjetivo melhor. – Sábado...eu não sei o que aconteceu. Nem sábado, nem domingo.

– O que você quer dizer?

– Que eu apaguei, Kathi! Eu simplesmente encontrei o Toy aqui. – e balancei o gato, que ronronou com gosto. – E meio que saí de mim. Acordei na segunda-feira sem fazer a menor ideia do que tinha acontecido comigo!

– Isso é tão...

– Impossível? Eu sei! E nem é o pior!

Suspirei. Agora sim vinha a pior parte. Mas, uma vez que eu estava falando, era melhor falar tudo de uma vez.

– Eu estou controlando as coisas com a mente. – afirmei, e me senti a rainha dos pirados por dizer aquilo pra alguém. – Fazendo coisas com a mente. – completei.

Para minha surpresa, Kathi não riu ou me chamou de louca. Tudo o que ela fez foi torcer o nariz e me perguntar, com naturalidade, e não dúvida:

– Tipo?

Como responder àquilo de uma forma convincente? Só demonstrando, respondi a mim mesma. Eu teria que provar que estava falando sério. Olhei em volta. Havia uma série de coisas que eu poderia derrubar, puxar, afastar ou fazer voar apenas estendendo a mão. Mas teria que ser sutil, para que ninguém de casa viesse ver o que estava acontecendo lá dentro.

Estendi a mão, e o espelho que eu havia retirado do baú naquela manhã veio voando até nós. Kathi assistia a tudo com olhos impressionados. O espelho veio, pairou entre nós por uns instantes e começou a subir lentamente.

– Tipo isso. – respondi, então.

Ela ficou boquiaberta, é claro. Só aí, eu fiz o espelho voltar pro seu devido lugar, desconfortável com a exibição dos meus... “talentos”.

– Acredita em mim? – perguntei, e Kathi sorriu, deliciada.

– Como não? – indagou em resposta. – Então eu estava certa. Foi você quem explodiu os meus cigarros.

– Eu faço essas coisas quando me assusto ou fico nervosa. – expliquei. – Eu ainda estou aprendendo a controlar.

– Mas como... de onde veio isso?

– Eu não sei. Você é a única pessoa que sabe de tudo isso, então não conte pra ninguém, certo?

– Pode confiar.

Fizemos silêncio por um instante. Eu estava desconfortável e confusa, louca para obter alguma explicação, qualquer que fosse. Kathi ainda estava maravilhada. Só ela para reagir daquela forma!

– Você precisa me ajudar. – pedi, então. Supliquei talvez seja uma definição mais adequada. Eu pedi com tamanha intensidade que cheguei a assustá-la.

– Tudo bem, tudo bem! – e pensou por um tempinho. – Acho que eu sei quem pode te ajudar!

Eu devia ter suspeitado que a noção de ajuda da Kathi seria completamente diferente de qualquer outra pessoa. Pra não dizer completamente anormal, é claro. Não dava para acreditar que ela estava falando sério!

Quando nós saímos de casa, após a conversa problemática para mim e cheia de revelações que nós tivemos, eu realmente achei que ela fosse me levar a alguém que pudesse me ajudar. Eu não sabia a quem exatamente ela iria recorrer – um psiquiatra, talvez? – mas confiei que ela saberia o que estava fazendo.

Confiança que se dissipou no mesmo instante em que eu coloquei os pés dentro daquela casa rústica e que fedia a incenso, e li a pequena placa ao lado da porta que dizia “Cartomante” em letras grossas e desenhadas.

Kathi praticamente me arrastou para dentro antes que eu pudesse reclamar, e me colocou sentada num sofá de veludo roxo – tão a cara dela! – enquanto desaparecia por uma espécie

de portal fechado apenas por pedaços de tecido negro semitransparente.

Quando ela voltou, eu ainda estava louca da vida. Kathi andava como se pisasse em ovos, tão leve que mal fazia barulho, e quando falou comigo, falou apenas aos sussurros.

– Ela já vai te atender. – me disse.

– Uma *cartomante*, Kathi? – sibilei, irritadíssima. – Sério? De onde você tirou que uma charlatã pode me ajudar em alguma coisa?

– Lady Lew não é nenhuma charlatã! – Kathi afirmou, indignada, enquanto se sentava ao meu lado. – Ela lê Tarô há anos, Malena! Essa mulher sabe o que está fazendo, ela realmente enxerga as coisas!

– E como você acha que ela vai ajudar no meu caso?

– As cartas não servem só pra adivinhar o futuro, Malena. Elas podem responder a qualquer pergunta que você fizer, se a cartomante souber lê-las corretamente.

– Eu não acredito que você está fazendo isso comigo!

– Fique quieta, e me deixe tentar, ok?

Não respondi. Afinal, de que adiantaria negar-lhe um voto de confiança? Eu estava ou não desesperada para saber a razão daquelas coisas que estavam acontecendo à minha volta?

Respirei fundo e me acalmei. Não custa tentar, repeti para mim mesma. Não custa tentar.

Eu me sentia parada no tempo enquanto aguardava a tal Lady Lew nos chamar. Kathi, aparentemente, estava perfeitamente confortável, e suspeitei que frequentasse aquele lugar mais do que eu poderia supor. Não sei ao certo quanto tempo esperei

antes daquela voz melancólica dizer “entre”, como se nos fizesse algum tipo de favor.

Kathi segurou os panos erguidos para que eu passasse, e eu adentrei um cômodo circular, escuro, iluminado pela luz de velas bruxuleantes que davam à sala uma aparência apavorante. Não havia nada ali, nem mesmo uma janela. As paredes rosadas estavam lisas, exceto pelos candelabros, o chão era de cimento e somente o centro estava ocupado.

Ali, exatamente no meio da sala circular, havia uma mesa coberta com uma toalha cor de vinho, salpicada de pontos prateados, sobre um tapete fofo negro, tão negro que mais parecia um buraco. Em cima da mesa, não havia nada além de duas velas. De um lado – o meu lado – duas cadeiras vazias, estofadas da mesma cor da toalha. Do outro, uma senhora gorda, de cabelos brancos e cara de gato.

Sim, cara de gato. Olhos intensos e amarelados, grandes e amendoados, nariz pequeno, boca fina com dentinhos afiados. Ela se vestia, no que me parecia, com uma série de panos coloridos enrolados em torno do seu tronco largo, desigualmente. Era estranha em todos os sentidos da palavra, e estava concentrada demais misturando o seu baralho místico para nos olhar quando adentramos a sala.

– Sua amiga tem perguntas. – ela disse, na mesma voz melancólica. Kathi sorriu de mim para ela.

– Muitas. – confirmou.

– Mas ela não confia. – insistiu.

– Não ainda.

– Não ainda...

Sua voz foi morrendo aos poucos, enquanto ela embaralhava e murmurava coisas sem sentido. Tudo parecia uma grande besteira aos meus olhos, e no fundo eu não fazia a menor ideia do que eu estava fazendo ali. Eu já deveria ter ido embora há muito tempo!

E então, sem mais nem menos, Lady Lew começou a distribuir o baralho sobre a mesa, tão rápido que meus olhos mal podiam acompanhá-la. Num segundo, a mesa estava inteiramente preenchida pelas cartas de costas escuras, esperando para serem viradas. Meu coração martelava alto dentro do peito, incontrolável.

Suas mãos – me esforcei pra não pensar em *patas* – de dedos pequenos e gordos viraram a primeira carta. Não dava para ver direito, mas me parecia uma mulher sentada.

– A Papisa. – Kathi sussurrou no meu ouvido. Torci o nariz.

– Você está à procura de respostas. – Lew disse para mim, um tom acima do que eu a havia escutado falar. Seus olhos amarelados foram da carta que ela havia virado até meu rosto, e então de volta para a mesa. – Você quer saber, você quer entender. A si mesma.

Não me impressionou. Se eu tivesse perguntas respondidas, o que eu estaria fazendo ali? Aquilo ainda não me provava que ela não era uma charlatã.

Virou então a carta seguinte. Parecia um bobo da corte.

– O Louco. – indicou minha amiga.

– Mas você não sabe as perguntas, sabe? – Lady Lew continuou. – Você quer entender, mas não sabe quais perguntas

fazer. Quer que te expliquem, mas não consegue sequer fazer as perguntas corretas para si mesma.

Esperei, calada. No fundo, era verdade. Perguntar como e por que não era exatamente ser objetiva. Eu estava generalizando demais o caso ao invés de especificá-lo na hora de procurar por respostas.

Droga, eu estava dando razão àquela velha?

– A Força.

Era a carta com a imagem de uma mulher comum. Não me remetia força em nenhum aspecto.

– Mas você está começando a aceitar, embora não entenda. – a cartomante foi em frente. – Está se habituando ao que lhe foi dado, aprendendo a controlá-lo a seu modo, ainda que no fundo saiba que não pode domesticá-lo por inteiro.

E logo, outra carta.

– O Diabo.

– Mas a resposta, minha criança... ela está dentro de você. Tão fundo que você não consegue enxergar, mas está aí. Não é o que está fora, mas sim *dentro* de você.

– Dentro de mim? – repeti. – Dentro de mim *como*? O que isso quer dizer?

– Que está na tua alma. – ela me respondeu, virando a carta seguinte. Olhou para a carta por muito tempo e então olhou para mim, com um sorrisinho estranho. – Na tua alma de bruxa.

A cartomante recolheu todas as cartas sem se dar ao trabalho de terminar de virá-las. Também eu sabia que não havia necessidade. Uma palavra havia esclarecido todas as minhas dúvidas, resumido todas as respostas.

Bruxa.

Se havia alguma probabilidade de aquilo ser real, então eu sentia que era a solução para tudo.

– Alma de bruxa? – indaguei, tão baixo que por um instante, pensei que ela não tivesse me escutado. Kathi olhava de mim para Lady Lew como se não houvesse nada de estranho naquilo.

– Você já sabia, criança. Sabia desde o início. – Lady Lew afirmou. – Sabia que magia era a chave, mas não admitia que algo tão místico e tão inexplicável se encaixasse a sua lógica cética. Mas então, você viu e sentiu que poderia perder o controle a qualquer instante, e resolveu que iria começar a administrar aquilo que você tem...

Tudo verdade. Tudo verdade.

Como?

– Mas pra eu ser... – comecei. – bruxa... – a palavra saiu num soluço. – eu não deveria, não sei, ter algum precedente familiar?

– Eu não disse *sangue de bruxa*, disse?

– Não. Disse alma. – balancei a cabeça. – O que isso quer dizer?

– Quer dizer que a sua alma não é qualquer alma. Ela é a alma feita da magia para a magia, que encarnou em você por acaso. Por fora, você é a nova criança, mas por dentro...

– Ainda sou a velha bruxa...

Calei-me. Eu não conseguia sequer pensar direito, tantas coisas rondavam a minha cabeça que eu estava ficando tonta. Era demais para a minha cabeça. E eu diria inacreditável, se não estivesse completamente convencida e se houvesse alguma outra explicação.

– Aonde você vive, minha criança? – Lady Lew perguntou-me, enquanto voltava a embaralhar suas cartas.

– Aqui mesmo, em Oxford. – respondi, vagamente.

– Na antiga Casa Azul, Lady Lew. – Kathi respondeu por mim, captando a essência da questão melhor do que eu havia feito.

A velha cartomante abriu seu sorriso felino e soltou uma risada aguda, que mais parecia um miado.

– O que você sabe sobre a Casa Azul, criança? – continuou.

– Não muito. – admiti. – Sei que é antiga, e que há uma porção de lendas sobre ela. Mas não sei do que elas tratam.

– Então talvez devesse descobrir. – sugeri. – Dizem que o futuro repete o passado, mas às vezes o presente é uma cópia mais fiel do que nós imaginamos.

A Casa Azul

A noite custou a passar.

Kathi foi comigo até a minha casa num silêncio que eu agradei mais tarde. Ela fez questão de me garantir que nada sairia da boca dela, me deixando mais tranquila – já era bem ruim sem que ninguém soubesse de nada.

E lá estava eu, deitada no escuro do sótão, com Toy aos meus pés, sem conseguir dormir. Mas quem conseguiria? Quem seria capaz de escutar que tem alma de bruxa e dormir tranquila?

Eu ainda não estava certa do que aquilo queria dizer. A minha alma não era minha, era isso? Ou eu tinha um lado negro? Eu ainda precisava de respostas, e a velha Lady Lew não poderia dá-las para mim agora que eu tinha as perguntas específicas. Eu teria que procurar sozinha.

Não sei se acordei ou se apenas levantei-me da cama na terça-feira pela manhã. Parecia um zumbi quando fui até o banheiro e tomei um banho, e então me vesti e engoli qualquer coisa antes de me mandar para escola com Freddy e Eric.

Só quando cheguei perto da entrada do nosso prédio, onde a turma já estava reunida, foi que eu me lembrei que havia assuntos mais urgentes a tratar. Sam, para ser mais clara. Eu precisava resolver as coisas com ele.

Meu coração gritou e meus olhos brilharam, o dia encheu-se de vida quando ele sorriu para mim, me notando antes que qualquer outro o fizesse. Tudo o que eu queria era beijá-lo – e me lembrar desta vez – mas eu sabia que aquilo não estava certo. Eu não podia simplesmente me enfiar numa mentira, fazer de conta que eu realmente lembrava de ter vivido momentos com ele quando na verdade não.

Infelizmente, eu tinha que colocar um ponto final naquilo e começar de novo. Do zero. Se era pra ser, e se Sam realmente gostava de mim, então tudo daria certo, não é?

Fiz sinal para que ele viesse até mim, ao mesmo tempo em que planejava uma boa mentira pra contar. Eu não queria magoá-lo, e certamente mágoa era o que eu iria causar se contasse a verdade, para não dizer medo. Eu tinha conquistado tanto que não queria perder... uma mentira não faria mal a ninguém, se ninguém ficasse sabendo. Quando Sam parou frente a mim, todo sorrisos com seus olhos de esmeralda, eu tinha quase todas as palavras perfeitas para dizer, prontas para sair num jorro assim que eu abrisse a boca.

– Bom dia! – ele me disse, e então foi ficando sério ao olhar pra mim mais atentamente. – Tá tudo bem?

– Não. – respondi, quase mecanicamente. Havia um nó do tamanho de um punho na minha garganta, e era difícil falar, respirar. Como eu conseguiria fazer o que precisava fazer?

– O que foi? – me perguntou, então.

– Eu preciso... – o esforço para dizer cada palavra estava me fazendo suar, mesmo que o dia estivesse nublado e ventoso. – Eu preciso dizer uma coisa.

– Então diga.

– Sam, eu... eu não quero... eu não posso... continuar com você.

Fechei os olhos enquanto falava, para me impedir de chorar ali mesmo. Quando os abri de novo, Sam me encarava completamente sem expressão, os olhos presos nas minhas íris violetas, procurando pela verdade.

Que não estaria ali, se ele olhasse bem.

– Eu não quero estragar nada entre a gente. – esclareci, com esforço. – Eu realmente gosto de você, e é por isso que eu acho melhor...

– Eu não estou entendendo. – interrompeu-me, aos poucos assumindo uma face incrédula. Sua dor me fazia sofrer mais que a minha própria.

– Eu acho que estamos indo com muita pressa. – menti. – A gente se conhece há muito pouco tempo, eu só não quero que dê errado, entende? Eu acho que a gente precisa ir com calma, se conhecer melhor...

– Tem certeza?

– Tenho. – “acho”, completei mentalmente. – Não é nada além disso, Sam. Eu gosto de você, mas não está certo, entende?

Um minuto inteiro se passou antes que Sam assentisse, aos poucos formando um meio sorriso entristecido no rosto. Será que ele iria me perdoar por aquilo um dia? Será que eu o estava perdendo?

Então, ele me abraçou.

– Vamos fazer direito, se é isso que você quer. – murmurou no meu ouvido.

E eu suspirei, aliviada.

Fiquei ausente em pensamentos a semana toda.

Eu não sabia por onde começar. Desde que eu havia voltado da casa de Lady Lew na segunda-feira, eu estava confusa. Ela havia me dado a dica, me dissera que eu deveria procurar saber mais sobre a Casa Azul onde eu vivia, e eu não sabia como.

Era uma lenda. Essa era a parte fácil. Uma lenda local, todo mundo devia saber alguma coisa sobre ela, então eu devia começar daí. A questão era, o que seria útil de tudo que as pessoas me dissessem? Comecei na semana seguinte, com Yara.

Nós teríamos prova de trigonometria na quinta, e eu resolvi usar minha dificuldade para obter alguma coisa além de uma ajuda numérica. Inicialmente, o plano era circundar Ned, meu amigo japonês calado e dócil. Mas ele disse que estava ocupado naquela semana com a escola de direção – agora que já tinha 16, podia tirar a carteira de motorista – e quem se ofereceu para me ajudar foi Yara. Melhor do que nada.

Até aí, ela não sabia onde eu morava. Disse a ela que poderíamos estudar na minha casa, e ela concordou. Na terça, depois da aula, ela voltou a pé comigo e meus irmãos – Kathi me desejou boa sorte, e disse que ia tentar descobrir alguma coisa na biblioteca da cidade – mas sua expressão mudou completamente quando entramos na minha rua deserta.

Yara ficou sem cor e travou logo no começo da rua, olhando para a nossa casa. Eric e Freddy seguiram caminho sem se importarem com quem ficava para trás, mas eu sabia que aquilo era um bom sinal – bom sinal para mim, pelo menos. Voltei e a balancei de leve pelos ombros cobertos pelo suéter rosado e antigo de sempre.

– Yara? – chamei. – Tá tudo bem?

– Você mora aí? – ela me perguntou, a fisionomia cada vez mais amedrontada.

– Moro. – respondi, apenas. – Vem logo, Yara!

– Me desculpe, é que... – disfarçou com um sorriso nervoso. – A gente escuta essas histórias quando é criança, e então se impressiona, você sabe...

– Não, não sei. Que histórias?

– É bobagem. Superstição de cidade pequena.

– Como uma lenda urbana?

Yara soltou um risinho que mais parecia um gemido e começou a me acompanhar outra vez, ainda em passos hesitantes.

– Exatamente como uma lenda urbana. – disse.

Resolvi não mexer mais na ferida por ora. Entramos – Yara quase travou na porta outra vez, mas disfarçou e adentrou a sala, deixando a mochila junto com a minha ao lado do sofá – e fomos para a cozinha, de onde já vinha um cheiro delicioso de carne assada.

– Oi, mãe. – eu disse, quando entramos. Minha mãe sorriu para nós duas. – Essa é Yara de los Angeles, ela vai estudar comigo hoje.

– É um prazer, Yara! – mamãe exclamou, dando-lhe um beijo no rosto.

– O prazer é meu, Sra. Gördon. – Yara retribuiu, ainda meio nervosa.

– De los Angeles... – minha mãe murmurou, e então abriu o forno cuidadosamente. – Você é parente de algum Juan?

– Sim, ele é meu pai.

– Sério? Meu Deus, como ele está? Não o vejo há uns vinte anos, achei que tinha se mudado de Oxford!

A conversa sobre a família de Yara deixou o ambiente mais leve em poucos minutos. Claro que a minha colega ainda estava

nervosa e hesitante por estar onde estava, eu podia ver e sentir isso a metros de distância. Mas a falação da minha mãe conseguiu distraí-la a ponto que, quando nos sentamos para almoçar, Yara já respirava e falava normalmente.

Sua calma não durou por muito tempo. Terminamos de almoçar, e então nos sentamos na sala com todo o nosso material espalhado para tentar estudar. Quase uma hora depois, ela ainda tinha dificuldades para se concentrar.

– Yara, tem certeza de que tá tudo bem? – insisti, então.

– Tenho, é que... – Yara fechou os olhos e bufou. – Me desculpe, Malena, eu deveria estar te ajudando. Deus sabe que eu quero ajudar, mas é essa casa, ela...

– Te dá arrepios? – sugeri. – Não se preocupe, em mim também.

– Como você consegue morar aqui?

– O lugar é estranho, mas é só uma casa. – rolei os olhos, e fingi voltar para os exercícios completamente inteligíveis para mim. – Você fala como se fosse mal assombrada.

Yara não respondeu. Eu a olhei pelo canto do olho, e ela tinha torcido o nariz, incerta.

– O que, está querendo dizer que a minha casa é mesmo mal assombrada? – indaguei.

Ela abriu a boca, mas não respondeu de pronto. Ao invés disso, descansou a cabeça numa das mãos e murmurou alguma coisa para si – ou seria para Deus? – como sempre fazia quando estava nervosa.

– E então? – insisti, mais curiosa que nunca. – Qual é, Yara, o que você sabe que eu não sei?

– É só uma lenda, ok? – esclareceu, antes de tudo. – Não ria de mim, por favor!

– Certo. – concordei. Yara respirou fundo e começou a falar.

– Quando eu era pequena, minha mãe me contava uma história sobre uma casa em que moravam sete bruxas. – fez uma pausa, para ver se eu estava rindo. Como não estava, continuou.

– Eu achava ótimo no começo, e quando eu fiz sete anos, comecei a brincar de bruxa exatamente na frente desta casa.

– E daí?

– Bom, minha mãe ficou irada, é claro! Ninguém da cidade chega perto daqui, se você não reparou, e como ela poderia permitir que eu, sua filha, ficasse aqui? Foi aí que ela me contou uma... história... que os meus avós contaram a ela.

– Que história?

– Ela me disse que ninguém morava aqui porque todas as famílias que moraram aqui morreram.

Ergui uma sobrancelha. Aquela parte era familiar, mas ainda não era o que eu queria saber.

– Meus avós contaram a ela uma história sobre a casa ser assombrada pelo espírito das bruxas que viveram aqui quando a casa foi construída. – prosseguiu. – Elas teriam sido queimadas na fogueira, e feito uma profecia ou algo parecido. Ameaçaram vender todas as almas da cidade para o de... dem...

– Demônio? – completei. Ela parecia ter sérios problemas em dizer a palavra.

– Isso. – e mordeu o lábio inferior. – É só uma lenda, tipo, bruxas não existem de verdade, eu sei!

– É, não existem.

Ou não *existiam* para mim, antes. Antes de eu me descobrir como uma.

– É que daquele dia em diante, eu peguei medo de passar aqui por perto. – contou Yara. – Traumas da infância, entende? É bobo, mas o povo de Oxford tem uma tradição enorme quanto à Casa Azul. Disse que tentaram queimá-la, mas não funcionou. Dizem que é amaldiçoada. – suspirou. – Entende por que eu tenho medo de estar aqui?

– Entendo. – e sorri, tentando disfarçar a agonia que me comia por dentro. – Fique tranquila, eu moro aqui e eu sei que não há nada pra se ter medo!

Yara sorriu, claramente não dando confiança à minha garantia. Eu não confiaria se fosse ela. Ainda porque, o objeto de todos os seus medos estava ali, naquela sala, conversando com ela e fazendo de conta que estudava para uma prova de Trigonometria.

Kathi me roubou logo na hora da entrada na manhã de quarta-feira. Chegou mais cedo do que de costume, deu um “oi” rápido pra todos os presentes – ela estava começando a ficar mais solta – e já me puxou de lado, me arrastando para longe dos olhares de todos.

– Fui à biblioteca ontem. – contou, enquanto limpava a mão na barra do sobretudo negro que ela usava para se livrar do vento frio daquela manhã. – E eu encontrei uma coisa muito boa. Conseguiu alguma coisa com a Yara?

– Ela estava apavorada na minha casa! – exclamei, virando os olhos. – Ela me contou uma boa parte da lenda, mas foi só.

– Então você vai gostar do que eu te trouxe! – tirou a mochila das coisas, abriu e me entregou um livro pesado, encadernado em couro antigo e fétido, seguido de um embrulho em papel pardo. – Aqui dentro tem uns jornais híper antigos, eu consegui roubá-los da biblioteca. E no livro, fala sobre a casa e a história dela, eu nunca imaginei que fosse algo tão importante pra história de Oxford!

– Eu vou dar uma lida! – e então, o sinal tocou. – Vamos pra aula.

– Vá você, eu vou matar o primeiro tempo. Você sabe, não sou muito fã de literatura.

– Como quiser, mas faça-me o favor de não ser pega!

– Te vejo no laboratório!

Kathi só apareceu para nossa aula conjunta de biologia. Nós duas éramos parceiras de laboratório, e a nossa missão de hoje era analisar fungos. Não que nenhuma de nós estivesse especialmente interessada.

O microscópio ficou na mesma posição do início ao final da aula. Enquanto todo mundo analisava, discutia e conversava sobre seus assuntos cotidianos, eu e a Kathi dávamos uma olhada nos jornais roubados, para que ela pudesse devolvê-los ainda naquela tarde.

A primeira manchete datava de 1900. Anunciava a morte da primeira família a instalar-se na famosa Casa Azul de Oxford City, apenas três meses após a mudança. Ninguém sabia como haviam morrido, pois os corpos estavam perfeitamente intactos, ainda na cama, vestidos para dormir. Pai, mãe e dois filhos pequenos, mortos por nada.

Em 1915, a mesma coisa. Sete pessoas, incluindo empregados da casa, haviam morrido sob circunstâncias inexplicáveis. Num momento, estavam vivos, no outro, seus corações não batiam mais. E o fenômeno se repetiu em 1930 e em 1943, até que, em outubro de 1943, no Dia das Bruxas, os cidadãos da cidade atearam fogo na casa.

O jornal seguinte, do dia 1º de novembro daquele mesmo ano, dizia que a Casa Azul não sofrera danos e ninguém se ferira durante o incidente. Exceto pela pintura chamuscada, a estrutura permanecia intacta, exatamente como antes, como se nada tivesse acontecido a ela.

– Isso é horrível! – eu disse a Kathi, e ela ergueu as duas sobancelhas finas e negras.

– Concordo. – então tomou os jornais de mim e os guardou com todo o cuidado e destreza de volta no papel pardo.

Mordi o lábio, pensativa e angustiada. Não era só uma lenda, estava claro. Yara tinha razão quando dizia que a casa era amaldiçoada, e eu tinha a sensação de que estava apenas começando a descobrir como.

– Malena... – Kathi falou, de repente, e eu voltei meu olhar para ela. – O que você vai fazer quando descobrir tudo? Quero dizer, uma vez que o mistério estiver resolvido, o que acontece depois?

– Eu não sei, Kathi. – admiti. – Eu realmente gostaria de saber. Mas não sei se eu tenho muitas opções pra escolher.

– Como assim?

– Veja desse jeito: eu não posso tirar minha alma de mim, posso?

– Não.

– Então, isso quer dizer que eu vou ter esses poderes pra sempre. Então, é melhor eu me acostumar com eles.

Foi somente à noite que eu tive tempo para abrir o livro que Kathi pegara para mim na biblioteca. Após o jantar, fui para o sótão, acendi meu abajur de panda – eu havia trocado a lâmpada dele, após fazê-la explodir – e abri o livro no meu colo, enquanto Toy subia na cama e vinha para mim.

Eu ainda não havia falado com a minha mãe sobre ele. Por enquanto, eu o mantinha na surdina, alimentando-o com leite e um pouco de atum – eu não era especialista na dieta felina – e havia pedido a ele que não sujasse meu quarto nem aparecesse para ninguém da casa além de mim; as vantagens de ter um gato inteligente. Mas eu não poderia aguentar por muito mais tempo.

Comecei a virar página por página sem tocá-la de fato. Era meio divertido, mexer com meus poderes desse jeito. Prático, até. E então, toda a diversão foi substituída pela ansiedade quando eu vi a imagem da minha própria casa, porém numa foto antiga, de muitos e muitos anos atrás.

E comecei a mergulhar na história.

A Casa Azul, como foi chamada mais tarde, havia sido construída em 1880, quase uma década após a própria cidade ser fundada. Era o lar de sete irmãs: Jane, Irma, Elleanor, Zethi, Cecily, Naisy e Dorothei. As sete eram órfãs de pai e mãe, e se

instalaram em Oxford após um longo período de viagens ao longo da província.

No entanto, a população local convenceu-se de que todas elas eram praticantes de bruxaria, embora nada nunca tenha sido provado. A gota d'água que tirou os cidadãos do seu estado de terror para o de fúria foi o assassinato de Phillip e Isabel Coleman, trucidados dentro da Casa Azul e cujos corpos foram violentamente expostos em praça pública.

Em 22 de Fevereiro de 1895, as sete irmãs foram queimadas vivas numa fogueira organizada pelo povo de Oxford, a fim de livrar a cidade das bruxas.

No entanto, a lenda conta que aquele não seria o fim das Bruxas da Casa Azul. A história passada por gerações citava uma possível profecia proferida pelas irmãs enquanto ardiam na fogueira. Segundo anciãos, a promessa era de que, no futuro, uma a uma as irmãs voltariam, de famílias diferentes e lugares diferentes, e que se reuniriam para vingar-se e tomar Oxford para si, e trazer o inferno à Terra.

Fechei o livro completamente assustada.

Primeiro, porque agora eu sabia o que havia de errado com aquela casa.

Segundo, porque 22 de fevereiro era o dia do meu aniversário.

E terceiro, porque agora eu sabia de onde tinha vindo a minha alma.

Viagem Temporal

Era quase meia-noite quando eu consegui adormecer. O peso das informações não me deixava, tudo girava na minha cabeça de uma forma inexplicável, inaceitável, limpando meu cérebro de tudo o que eu conhecia e adicionando novos fatos que não se encaixavam com nada.

Era muita coisa. Muita coisa para uma pessoa só aceitar, para somente uma pessoa se acostumar.

E então, às três e meia da madrugada, eu acordei com essas novas ideias na cabeça.

E se eu não fosse a única? Eram sete irmãs, e as sete haviam jurado retornar um dia, o que significava que havia mais seis garotas além de mim com alma de bruxa e todas essas coisas estranhas. Se eu conseguisse encontrá-las, elas poderiam me ajudar e eu as ajudaria, e então seria tão mais fácil!

A segunda coisa que me ocorreu foi que, se as bruxas viveram ali, sob aquele mesmo teto onde eu vivia agora, certamente haveria alguma coisa remanescente. Eu encontrara um baú cheio de livros, cheio demais para caber num baú só: poderia estar enfeitiçado. E eu não havia terminado de verificar o que havia dentro dele.

Por esta razão, me levantei, acendi a luz daquele lado do quarto e me preparei para recomeçar a revirar as tralhas empoeiradas. Mal havia tocado o primeiro livro quando Toy apareceu.

Toy. O gato preto que apareceu por acaso, o animal de estimação mais inteligente que qualquer um já tinha visto ou iria ver, a última coisa da qual eu me lembrava antes de apagar por dois dias.

Olhei para ele, desconfiada.

– Você tem algo a ver com isso, não? – perguntei. – Com essa coisa de bruxa.

Toy não hesitou em confirmar, e eu soltei um suspiro vitorioso.

– Eu sabia que você não era um gato normal... – murmurei.

Então, peguei o primeiro livro.

Não havia nada na capa de couro preto, tão gasta e tão suja que já estava quase perdendo sua cor. Com a mão, tirei a camada mais superior de pó, e então o abri. Na primeira página, estava impresso “Guia de Ervas e Poções” em letras pretas. Fechei-o e o pus de lado.

Os dois livros seguintes estavam em branco. Folheei-os, mas não havia nada ali para ler. Então, também os fechei e os coloquei ao lado do outro.

O quarto livro era maior que os outros três, e sua encadernação era marrom e muito mais bem conservada, embora tão suja quanto as demais. A primeira página tinha somente uma linha escrita à mão, numa caligrafia inclinada e chique. “Feitiços”, dizia. Meu coração disparou e eu virei a página.

Para a minha infelicidade, todas as anotações à mão não estavam numa língua conhecida. Além do inglês, eu tinha um conhecimento médio de espanhol, mas as palavras escritas ali não se assemelhavam muito a nenhuma delas. Pelo que eu podia prever, parecia latim.

Ótimo. A língua morta. Bem original.

Não havia uma única página em branco naquele livro, e tampouco havia alguma anotação que eu pudesse identificar.

Acabei desistindo e fechando o livro, e pegando o próximo.

Os livros restantes eram todos pequenos e finos, exatamente iguais por fora. O primeiro marcava "Diário de Jane Von Evans". Não passei da primeira página. Cada um dos outros seis livros idênticos marcavam o diário de uma das sete irmãs, e eu descartei cada um deles com a mesma facilidade que o primeiro. Exceto pelo último.

"Diário de Dorothei Von Evans", dizia a única linha escrita na caligrafia reta e desenhada da primeira página. Por alguma razão, senti como se aquele fosse diferente. Simplesmente mantive-o aberto e caminhei até a minha cama, com Toy em meu encaço, e nos sentamos para ler.

Quatro de Abril de 1879

Eu e Zethi procuramos uma vidente nesta cidadezinha imunda onde estamos. A pobre tentou nos enganar de início, mas logo a fizemos entender com quem estava tentando brincar. Contou-nos que há uma pequena vila não muito longe, e que lá devemos construir uma casa que há de entrar para a história.

Não posso saber o quão correta a vidente há de estar, por ora. Partiremos ao crepúsculo, e espero que não nos demoremos nesta viagem. Há planos em demasia para serem cumpridos, todo um mundo esperando para ser dominado. Não podemos adiar nada disso.

Eu estava praticamente hipnotizada. Então, virei novamente a página.

Cinco de Abril de 1879

Toy não gosta da estrada. Não importa quantos feitiços eu lance sobre este gato, ele continua reclamando do desconforto de andar vários quilômetros. Mais de uma vez, cogitei a possibilidade de transformá-lo em algum outro animal menos irritante, ou de cortar-lhe o dom da fala, mas não tenho coragem. Ele é o único confidente que tenho, o único que é digno de confiança. Não sei ao certo se poderia dizer o mesmo de minhas irmãs. Tenho-lhes amor, mas me subestimam porque sou a mais jovem, me invejam porque sou a mais talentosa. Pelo menos tenho certeza de que Toy nunca irá trair-me.

– Então você é mesmo gato de bruxa, não? – murmurei para Toy, parado ao meu lado. Ele ronronou e confirmou com a cabecinha diminuta. – Uma pena que você não consiga mais falar.

As páginas que se seguiram eram somente notas sobre a viagem, nada de realmente útil. Voltei a parar e ler somente muitas páginas depois.

Dezessete de Abril de 1879

É quase madrugada segundo a lua, e acabamos de pisar em terras previstas pela vidente. A descrição é a mesma, mas a sensação não é nada semelhante à que eu esperava que viesse. Não sinto o triunfo correr, ou a certeza vir até mim. Não era isso

que deveria acontecer, uma vez que é aqui, nesta minúscula vila, que nós sete deveremos fazer história?

Jane disse que devemos procurar um terreno para nos instalar, mas eu digo que talvez seja melhor esperarmos, apenas por segurança. Ninguém irá me escutar, é claro. Creio que minha sina seja obedecer às ordens de Jane e aguardar até que o pior inevitavelmente aconteça.

Como sempre.

1879? Aquela data não batia com a data do livro.

Mas afinal, de que sabiam os livros de história com certeza? Quem o tinha escrito não estivera lá de fato. Eu podia apostar como aquele diário era muito mais confiável.

As páginas e os dias que se seguiram eram apenas uma narrativa simples sobre nada que me chamasse a atenção. O diário continha apenas informações sobre aquele ano de 1879, até o início de 1890. Dorothei me parecia uma garota realmente comum, exceto pelo gato falante e as constantes citações de feitiços e elementos sobrenaturais em geral. Parecia tão comum quanto eu.

O miado de Toy interrompeu meus pensamentos. Olhei na sua direção, mas ele não estava mais lá. Ele continuou miando e eu continuei o procurando, até que notei que ele estava me chamando, do outro lado do quarto, ao lado do baú.

Fui até ele. Toy estava sentado sobre o velho espelho de moldura dourada, batendo uma das patinhas da frente sobre ele insistentemente. Entendi o recado, e o peguei com certo esforço – pesava um bocado.

Levei-o para onde havia luz e o coloquei apoiado na janela. Peguei uma meia que estava jogada por ali e limpei sua superfície até que meu reflexo ficasse ligeiramente visível.

Inicialmente, o que eu vi ali era exatamente o que eu deveria ver: eu, minha pele fantasmagórica brilhando à meia luz do quarto, minha cama desarrumada atrás de mim e Toy sobre ela, encarando. Mas logo a imagem mudou.

Começando pelo fundo. Minha cama desapareceu no espelho, embora ainda estivesse atrás de mim quando virei apavorada para trás. Tudo começou a se dissolver, e logo também Toy desapareceu, me deixando sozinha encarando as imagens em mudança no espelho que mais parecia uma janela para outra dimensão, agora.

Ou seria outro tempo?

Logo, eu não estava mais olhando para uma tela onde as imagens apareciam. Eu estava *dentro* dela, como parte da cena. E o cenário era aquele mesmo sótão, só que bastante diferente. Era noite também, e somente uma extremidade dele estava iluminada, por várias velas que formavam um semicírculo.

Caminhei com cuidado até a fonte de luz, sem saber se alguém poderia me ouvir ou não, eu nem tinha certeza se aquilo tudo era real, ou apenas mais um sonho.

Tomei um susto quando uma garota pareceu surgir do chão. Estava curvada, e foi levantando até ficar ereta, de costas para mim. Tinha cabelos cacheados quase tão claros quanto os meus, usava um vestido branco e carmim de renda e parecia muda.

Não precisei de muito tempo para descobrir quem era ela. Logo, um gato preto, magrelo e muito familiar apareceu e

sentou-se ao lado dela. Quase gritei quando o gato disse, em sua voz infantil de garoto:

– Tem certeza de que deseja fazer isso?

Meu Deus, Toy realmente *falava!*

– Tenho. – disse a garota. Sua voz lembrava a minha, embora um tom mais grave – Se você tiver certeza de que está disposto a me ajudar.

– Eu tenho. – afirmou o gato. – Só tenho medo de que se precipite. A acusação que está fazendo sobre suas irmãs é grave para ser baseada somente no julgamento de uma cartomante que não sabemos se é confiável.

– Eu ouvi, Toy! – ela exclamou, e virou o rosto para o gato. Tinha o rosto perfeito como uma boneca de porcelana, olhos vívidos da mesma cor dos meus. – Eu ouvi! Se há alguma chance de fazer com que elas paguem, então eu farei!

– Você irá sofrer.

– Eu sei.

– Eu irei sofrer.

– Eu sei! – levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, os pés batendo na barra da saia. – Toy, bem sabe que eu nada faria se não fosse necessário! Bem sabe quantas coisas tolerei até aqui, a favor de uma família que planeja apunhalarme pelas costas! Como espera que eu não reaja?

Dorothea – só podia ser ela – estava claramente enfurecida. Tive medo de saber o que exatamente havia acontecido e o que ela tinha em mente, mas por alguma razão, eu compartilhava de sua raiva. Ela havia lutado por nada, e agora era passada para trás. Não era justo!

Ela, então, voltou a sentar-se, dessa vez de lado, virada para Toy. Tomou um livro enorme nas mãos, o qual eu reconheci como sendo o livro de feitiços que eu havia encontrado, já aberto em uma determinada página. Suspirou, pegou uma pequena adaga que estivera escondida ao seu lado e olhou para seu fiel companheiro.

– Está pronto? – perguntou. Toy assentiu da mesma forma como fazia comigo.

Dorothei respirou fundo novamente e começou a ler, em voz alta e clara:

– Sangue que dá a vida, ofereço-te ao Senhor de Todas as Almas para que sacrifique aquelas que em Teu nome me traíram.

Pegou a adaga e cortou a própria mão, fazendo uma careta de dor. O sangue não pingou, como pensei que faria, mas flutuou até um palmo acima do livro e ficou suspenso no ar.

– Leve a mim se necessário for. – completou mais baixo desta vez. – Ponha-me na fogueira junto, mas dê a elas a punição merecida!

O sangue flutuou mais uns instantes, e então desapareceu. Dorothei deixou a faca de lado e foi para a página seguinte.

– Alma Imortal, guarde a sabedoria desta tua ama, conserve a glória e os poderes que lhe foram concebidos. – leu, então. – Não vagarás em terras distantes, não seguirás para a luz. Voltará um dia, nascida da sétima filha de dois filhos legítimos desta terra onde por ora me encontro, e nela encarnarás como sendo ambas, eu e ela.

Meu queixo caiu. Eu era a sétima filha, e meus pais eram ambos nascidos e criados em Oxford. E, definitivamente, os

poderes estavam muito conservados na minha alma!

Dorothi tomou Toy em seus braços, manchando seu pelo sedoso de sangue. Beijou-o, e eu vi lágrimas escorrendo de seus olhos enquanto ela o erguia e continuava seu encanto.

– Lembrar-te-á de tuas raízes quando vires teu único e eterno sacerdote. – prosseguiu. – E voltarás a ser quem é e a fazer o que fazes, de acordo com o meu desejo.

Seu corpo brilhou e então se acendeu como se estivesse explodindo. A luz atingiu Toy, que caiu sobre as quatro patas quando estava acabado. Dorothi estava soluçando.

– Acalme-se. – ele pediu. – Ainda não terminamos!

– Um segundo. – ela implorou.

Assisti tudo com olhos impressionados. Ela soluçou, chorou e fungou por um momento, e então assumiu o controle de novo, reassumindo sua seriedade.

Avançou mais algumas páginas em seu livro de feitiços. Respirou profundamente e pousou a mão intacta sobre o torso de Toy, que não reagiu ao seu toque; permaneceu imóvel, olhando para ela.

– Senhor de Todas as Almas, conserve a Alma Imortal deste que eu toco. – ela disse. – Que teu poder e minha magia conservem o corpo ao qual a Alma pertence, indefinidamente, e que ele só morra se por minhas próprias mãos; as mãos que lhe dão a eternidade serão também as que lhe tirarão a vida. Assim seja.

Toy brilhou por um segundo, e então metade das velas se apagou, como se um sopro de ar invisível tivesse passado por ali. Dorothi virou mais algumas páginas e continuou:

– Dei-lhe a voz e a revogo de volta. Emudeça e guarde contigo o segredo. Assim seja.

E Toy miou. Como um gato qualquer. O máximo que ele viria a fazer dali em diante, por toda a sua existência infinita.

Num piscar de olhos, a cena tornou a se dissolver. Eu estava agora no que um dia viria a ser a sala da minha casa, próximo à porta. O ambiente era familiar, mas muita coisa havia mudado – o chão ainda era de terra batida, e os móveis eram adequados à época em questão.

Ouvi um gemido, e procurei sua fonte. Encontrei segundos depois, no chão, bem à minha frente. Dorothei estava debruçada sobre dois corpos mutilados, e havia acabado de enfiar uma estaca no coração de um deles. Eu sabia quem eram. Phillip e Isabel, o casal assassinado na Casa Azul em 1895.

Dorothei os havia assassinado.

Eu havia.

Porque agora, eu tinha certeza de que eu era a reencarnação de Dorothei. Dorothei era eu. A sua raiva era a minha raiva, sua dor era a minha dor.

Seus crimes, meus crimes.

A cena se dissolveu outra vez. Eu estava agora no meio da vila que um dia cresceria – não muito – até tornar-se Oxford. Montes de pessoas erguiam tochas, como num filme de terror antigo, e sete mulheres estavam presas a troncos grossos de madeira, certadas por palha e lenha seca.

Ali estava eu, a última da fila. A menos preocupada, pois era aquilo que eu havia planejado, afinal. Eu iria morrer em sacrifício oferecido para punir quem havia agido pelas minhas costas, mas

estava segura, pois eu iria voltar. Eu tinha garantido isso muito antes.

Várias tochas foram lançadas ao mesmo tempo, e o fogo começou a crepitar, espalhar-se, alcançando cada uma das sete bruxas amarradas ali para morrer. Senti minhas próprias pernas suando, ardendo, queimando, como se eu verdadeiramente, com este corpo, estivesse amarrada ali.

– Vocês irão sofrer! – a mais velha, que eu prontamente reconheci como Jane, gritou. – Vocês irão pagar!

– Nós voltaremos! – jurou uma outra, Cecily. – Uma a uma, nós voltaremos!

– E quando nos reunirmos de novo, os descendentes da raça imunda que polui este vilarejo pagarão pelo erro que estão cometendo! – Naisy completou.

O fogo continuou a se espalhar, e eu continuei sentindo a dor das queimaduras que infligiam meu outro corpo. Olhei para Dorothi: ela estava desesperada. Não havia planejado uma outra profecia, não imaginou que as irmãs fariam tal coisa antes de morrer. O que significava que somente parte de sua trama daria certo.

A parte que me envolvia. E a Toy.

Observei meu corpo ser consumido pelas chamas e pensei que fosse gritar de dor, quando fechei os olhos e tudo desapareceu. Dor, imagem, tudo. Abri-os novamente e eu estava no meu próprio quarto em tempo presente, o espelho rachado ao meio numa linha torta. Metade do reflexo me pertencia.

A outra metade era de Dorothi.

Alma de Bruxa

– Olá. – ela disse para mim.

O pânico que me atingiu foi tal que eu não pude gritar. Apenas encolhi as pernas e engoli em seco, muda.

– Acredito que esteja pronta agora. – continuou indiferente à minha reação.

Olhei bem para o seu meio rosto no espelho. Embora fosse muito mais bela do que eu, nós duas éramos parecidas. O mesmo tom dos olhos, dos cabelos. O mesmo quê de indiferença.

A mesma alma.

– Pronta para quê? – resolvi perguntar, então. – O que você quer de mim?

– Quero que você pegue meu livro de feitiços, recupere a voz de Toy e encontre as minhas irmãs. – respondeu-me.

– Primeiro, eu não sei ler nada do que está escrito naquele livro.

– Claro que sabe, agora que eu restaurei minhas memórias em você. – deu um risinho. – Você deveria ter se lembrado de tudo de imediato quando encontrou com Toy, mas não sei o que aconteceu. Você apenas... me libertou, mas de algum modo, ainda estava lá.

– O que isso quer dizer?

– Eu não sei. Mas por enquanto, você tem que fazer o que eu estou te dizendo.

– Como vou saber se eu posso confiar em você? É uma bruxa, uma assassina, eu vi!

Dorothi sorriu, e sua imagem fundiu-se com a minha, transformando-se apenas no meu próprio rosto, repartido ao meio pelo espelho quebrado. E então, meu reflexo me disse:

– Você é uma bruxa. Eu sou você, lembra? Minha dor, sua dor, meus crimes...

– Meus crimes. – completei, num sussurro. Então suspirei. – O que eu tenho que fazer?

– Boa menina. – a imagem voltou ao que era, duas metades difusas. – Por enquanto, deite e durma. Amanhã voltaremos a conversar.

– Certo.

Levantei-me, cambaleando, doida para cair na cama e dormir eternamente, escapar daquela realidade absurda. Então, ela me chamou.

– Malena.

Olhei assustada. Dorothei me olhava com olhos apelativos agora.

– Guarde minhas coisas com a sua vida. – pediu. – Você vai precisar delas.

– Eu irei ou você irá? – indaguei duvidosa. Ela sorriu e ergueu a única sobrancelha visível.

– Não há necessidade de tratarmos-nos como duas mulheres separadas, há?

E então, desapareceu.

Cheguei à escola completamente acabada na manhã seguinte. Kathi não apareceu, então eu fiquei com o livro emprestado dentro da mochila. Dormi durante a maior parte do primeiro tempo, acordando ocasionalmente quando Ned ou Yara me cutucavam porque algum professor estava passando, ou porque alguém estava me chamando.

Eu me sentia mais do que exausta. Antes fosse apenas meu físico que estivesse destruído, mas não. Meu lado emocional também estava tão acabado quanto poderia estar. Mais, até.

Eu estava cochilando, debruçada sobre a mesa, durante a hora do almoço quando alguém tocou minha cabeça de leve. Abri os olhos e meu coração disparou ao encontrar com Sam Goyle, perto demais do meu rosto, com seus olhos de esmeralda me encarando com um misto de preocupação e fascínio.

– Tá tudo bem? – ele me perguntou.

Eu levantei e bocejei um pouco antes de responder.

– Não. – admiti. – Noite difícil.

– Você está mesmo com a cara de quem não dormiu nada!

– Nem imagina...

Sam continuou me olhando, e eu não consegui dizer nada. Era em momentos como aquele que eu me arrependia de tê-lo dispensado e, principalmente quando eu me lembrava do quanto gostava dele. Meu coração ficou apertado e eu mordi o lábio. Não era hora de pensar naquilo, não quando tudo estava tão complicado. Não havia espaço para Sam agora, eu não podia metê-lo na minha vida mágica e inexplicável. Ele não merecia isso.

Voltei para casa, e estava subindo o primeiro lance de escadas quando minha mãe me chamou. Não foi algo tipo “oi, é você?”, mas sim aquela entonação que nossos pais costumavam usar quando éramos pequenos e tínhamos acabado de fazer uma arte daquelas.

– Oi, mãe. – eu disse, quando cheguei na cozinha, onde ela estava. Mamãe parou tudo o que estava fazendo e cruzou os braços.

– Malena, o seu irmão reclamou que tem pelo de gato solto pela casa. – ela disse, e eu torci o nariz. *Droga!* – É engraçado, porque sumiram umas latas de atum e eu achei uma poça de leite no chão do seu quarto. Você poderia me explicar o que está acontecendo?

Bufei. Lá se vai a minha abordagem sutil, que vinha sendo adiada desde sempre. Ótimo!

– Ok, a culpa é minha. – confessei, fazendo uma careta. – Eu meio que arranjei um gato.

– Arranjou um gato? – ela explodiu. – Você tem dois irmãos alérgicos a gatos, Malena Georgina! E animais de estimação dão trabalho! Como você se atreve a colocar um bicho dentro de casa sem me consultar?

– Me desculpe mamãe, eu devia ter falado com você antes! Mas o Toy me seguiu, e eu me apeguei a ele...

– Toy? Ele já tem até nome?

Dei de ombros. Ele já tinha bem antes de eu sequer descobri-lo.

– Posso ficar com ele? – pedi. – Por favor, mãe! Eu prometo que cuido dele direitinho, vocês nem vão perceber que tem um gato nessa casa!

– Não sei Malena... e os seus irmãos?

– Toy é... diferente. – para não dizer inteligente. – Ele não vai ficar andando pela casa. O máximo que ele vai alcançar é o meu quarto.

Mamãe me deu as costas e desligou o fogão. Dois minutos de silêncio, e eu estava com o coração na mão. O que eu faria com Toy caso minha mãe se recusasse a abrigá-lo sob o nosso teto?

– Vamos tentar. – ela disse, por fim, e eu respirei aliviada. – Mas o primeiro probleminha com o seu *Toy*, e ele vai direto pra rua, me escutou?

– Sim, sim!

E subi correndo as escadas.

O espelho e todas as outras coisas estavam na mesma posição que eu os havia deixado. Sexta era dia de faxina, e eu não fazia

ideia do que faria com aquilo tudo, ou que justificativa daria para minha mãe manter todas as velharias acumuladas no sótão, uma vez que eu mesma já havia reclamado delas tantas vezes.

Mas agora que eu era confirmadamente uma bruxa, eu precisaria de tudo aquilo. Minha antepassada fora a dona de pelo menos grande parte dos livros e caixas que estavam soterrados ali, e eu não sabia o que, daquilo tudo, seria descartável. Nada, pelo visto, uma vez que ela me pedira para guardar tudo com tanto afinco.

Foi então que o espelho me chamou e me assustou. Pulei para trás, já esperando escutar o teto se abrindo ou alguém gritando porque algo se quebrou misteriosamente, mas nada aconteceu. Absolutamente nada.

– Venha cá! – Dorothei chamou, sua imagem ainda repartida ao meio no espelho.

Fui até ela e me sentei diante do espelho danificado, preenchendo a outra metade com meu próprio reflexo hesitante. Eis uma coisa com a qual eu nunca iria me acostumar: ver uma morta aparecer no meu espelho pra bater um papo comigo.

– O que você quer? – perguntei, fingindo petulância.

– Precisamos terminar nosso assunto dessa noite. – respondeu sem dar importância ao meu tom de voz. – Há muitas coisas que preciso contar-lhe, caso sua memória não esteja perfeitamente restaurada, e outro tanto que quero que faça por mim.

– Dorothei, agora não é uma boa hora. – afirmei, me levantando. – Eu tenho um monte de dever de casa, e tenho que descobrir o que eu vou fazer com as suas coisas e...

Volte e sente-se agora!

A voz não veio de fora. Soou como um berro dentro da minha cabeça, dentro de mim, como um pensamento *meu*. E era uma ordem tão minha que meu cérebro não podia recusá-la, e eu agi involuntariamente, voltando a me sentar diante do espelho.

– Como você fez isso? – perguntei, então, massageando as têmporas. Aquele grito tinha doído.

– Eu não sei. – a bruxa admitiu. – Eu estou presa dentro de você de alguma forma, não como uma, mas como duas. É complicado. Mas não pense que eu não irei me aproveitar disso só porque compartilhamos nossa alma!

– Eu não criei esperanças... – murmurei.

– Como eu dizia, há muito que você precisa dizer e saber. – continuou, como se não tivesse me escutado. – Suas tarefas podem ser adiadas. A missão que deixamos pendente no passado é de máxima importância neste momento.

– Odeio quando você fala como se fôssemos uma!

– E não somos? – deu uma risadinha. – Devia alegrar-se, garota. Eu ainda permito que a sua consciência vague pelo corpo pertencente à minha alma, ainda converso e ensino o que precisa saber. Estou sendo boazinha.

– Como toda bruxa...

– Cuidado com as palavras, Malena. Pode arrepender-se delas.

Engoli em seco. Aquela era a primeira vez que Dorothei me chamava pelo nome, e tinha me dado arrepios. Nos seus lábios e na sua voz, meu nome parecia uma arma perigosa. Tudo vindo dela parecia.

– Agora, você irá alimentar-se e voltar para que continuemos de onde paramos. – ordenou. – Faça como eu digo, se não

quiser que eu controle sua mente outra vez. Ou, se preferir, seu corpo.

Muito obrigada, mas eu dispenso, pensei em dizer. A última coisa que eu queria era outro surto de amnésia. Pelo menos consciente eu poderia conter minhas ações, saber onde ela queria chegar.

Comi com mais pressa que o usual, justificando para minha mãe que tinha muito dever de casa. Voltei a subir as escadas, outra vez correndo, e Dorothei ainda estava no espelho quando cheguei. Parecia entediada.

– Você não pode, sei lá, sair do espelho? – perguntei – Virar uma imagem completa ou algo assim?

– Teoricamente, eu não existo, Malena. – Dorothei disse como se explicasse o fato a uma criança de dois anos. – Eu sou o reflexo da sua própria alma. Pra que você me visse fora desse espelho, eu teria que sair de dentro de você, e não creio que isso seja possível sem que eu te mate.

– Certo... – murmurei. – Então, por onde eu começo?

– Sente-se. Vamos testar as nossas memórias.

Obedeci e me sentei. O olhar de Dorothei sobre mim parecia pesar dez quilos, e era como se ela visse através de mim. Como se só com aquele olhar maquiavélico ela fosse capaz de me rachar ao meio. Era assustador.

Começou, então, a me fazer uma série de perguntas sobre fatos passados, que não pertenciam à *minha* vida, mas sim à dela. Algumas coisas foram fáceis de responder, como se eu realmente tivesse vivido tudo aquilo, mas a maior parte das perguntas vinha acompanhada somente de montes de

pensamentos nebulosos, imagens desconexas e distorcidas na minha mente.

– Ruim. – Dorothi concluiu, torcendo a boca para o lado visível no espelho.

– E o que faremos? – perguntei, em seguida.

– Nada, por enquanto. Você se lembra do fundamental. Quando precisar, faremos com que se lembre de mais.

– Não, espere.

Dorothi ergueu a sobrancelha visível. Respirei fundo e continuei:

– Tem uma coisa que eu gostaria de... lembrar.

– O quê? – indagou cautelosa.

– A traição. – respondi. – Eu quero entender o que aconteceu. Naquela visão da noite passada, você disse que tinha sido traída, mas eu não me lembro de nada disso. – suspirei. – Eu quero me lembrar. Se vou te ajudar... me ajudar... que seja... quero ter uma motivação.

Dorothi sorriu com satisfação.

– Pode ser uma boa ideia. – afirmou. – Não se mexa. Vamos fazer uma pequena viagem no tempo.

Tudo se tornou vago, então. Minha cabeça girou, meus olhos ficaram cegos. Não era como da última vez, olhar a imagem no espelho e vê-la surgir aos poucos. Eu estava sendo tele transportada de verdade dessa vez.

De repente, tudo parou de girar e se concentrou numa única cena. Eu estava numa espécie de cabana circular um tanto familiar, cercada de velas, com uma mesa coberta por uma toalha carmim no centro. Numa extremidade, Dorothi, com Toy

em seus braços. Na outra, uma moça alta e robusta, com olhos felinos e um turbante cobrindo os cabelos. Uma criança gorducha brincava aos seus pés com um boneco de pano.

– Planos. – a moça disse. – Vejo planos grandiosos a serem concretizados e – virou outra carta. – Oh!

– O quê? – Dorothei indagou, soando indiferente. Uma falsa indiferença, eu sabia.

– Um sacrifício. Uma alma é pedida em nome desses planos, e sangue terá de correr. – responde a cartomante. – E não é um sangue qualquer.

– Sangue de crianças? Virgens?

– Não. Sangue mágico. – ela ergueu o olhar das cartas até Dorothei e acrescentou, em tom de desgosto. – Sangue traído.

– Está sugerindo que eu serei traída?

– Não é uma suposição, minha criança. Fatos são fatos, e nada me escondem as cartas.

Dorothei levantou-se, cheia de ódio, apertando forte o gato contra o peito. Seu lábio inferior tremeu enquanto ela falava.

– Reze para estar errada. – sibilou.

– Não será necessária uma oração neste caso. – riu-se a cartomante. – Passar bem.

Enquanto Dorothei marchava para fora, a cena dissolveu-se e mudou. Estávamos agora ambas escondidas atrás da parede que eu sabia que dividia a cozinha da sala de jantar da Casa Azul. Dorothei estava muda de tal modo que sequer era possível escutá-la respirar, embora o modo como estivesse comprimida contra a parede sugerisse que deveria estar ofegante.

Então, eu escutei. As irmãs conversavam no outro cômodo.

– Creio que esta seja uma decisão precipitada. – Zethi opinou, em tom calmo. – Deve haver outro modo.

– E o que você sugere? – Jane indagou, num tom petulante e superior. – Que sacrifiquemos você no lugar dela?

– Claro que não! – a outra se apressou a exclamar. – Mas... Toy. Isso, Toy. É um gato mágico, para todos os efeitos. Sangue mágico.

– Não banque a tola, Zethi. Sabe que nunca funcionaria. O sacrifício tem de ser humano.

– E por que ela? Por que não outra bruxa?

Algumas risadas. Dorothi morde o lábio, tão furiosa que o faz sangrar.

– Admita que ela não é útil nesta missão. – Irma disse, então.

– Não creio que haja realmente algum motivo para que a mantenhamos viva. É nossa irmã, mas já nos causou muitos problemas.

– Vocês não vão voltar atrás, não é? – Zethi perguntou, obviamente desistindo de persuadi-las.

– Não. – Elleanor respondeu categoricamente.

– O sangue de Dorothi será oferecido ao Senhor das Almas em troca do domínio do vilarejo. – Jane declarou, por fim, me deixando completamente horrorizada. – Ponto.

E tudo tornou a ficar multicolorido, até transformar-se no meu quarto de novo.

E, sem querer, eu estava chorando.

Eu entendia, eu me lembrava agora. Aquelas desgraçadas. Queriam me matar em troca do domínio de uma cidadela

minúscula e insignificante, me trair em troca de nada. Como ousavam fazê-lo?

– Entende agora por que temos de procurá-las? – Dorothi indagou, então, e eu senti minha alma de bruxa aflorar dentro de mim como algo vivo crescendo. – Elas tramaram, e estragaram meu plano perfeito. Voltaram para nos encontrar e nos destruir, para nos oferecer ao Senhor de Todas as Almas em tributo, como da última vez.

– Não vou permitir. – afirmei, sentindo mais raiva que jamais havia sentido em toda a minha vida. – Não vou.

– Então escute. – pediu, e eu encarei sua imagem com fúria. – Elas já estão entre nós, e elas já te reconheceram.

– Quem são elas?

– Não cabe a mim lhe dizer. É um teste, e você tem que passar. Quando as vir, agora que se lembra, as reconhecerá, mas não poderá revelar isso a nenhuma delas sob nenhuma circunstância a menos que eu diga, compreende?

– Então vou ter que mentir?

– Melhor que isso. *Fingir*. – e sorriu. – Acha que pode fazer isso se for para impedi-las, Malena?

– Posso. – afirmei, decidida.

– Boa menina.

Girei a cabeça para trás, e algo me disse que eu deveria pegar os livros antigos de Dorothi, empilhados do outro lado do cômodo. Estendi a mão e os chamei até mim, fazendo-os atravessar num compasso lento e flutuante todo o sótão, caindo um sobre o outro ao meu lado. Só então, Toy apareceu, saindo de baixo da minha cama.

– Agora é a sua vez. – disse para ele, e ele miou em resposta.

Tomei o livro de feitiços e o abri mecanicamente, pulando as primeiras páginas. Avancei rapidamente, sem dar atenção a nada do que estava escrito, pois estava convicta de que não compreenderia uma única palavra, mas aos poucos fui percebendo que, independente da língua em que aquilo estivesse escrito – ainda parecia latim – eu conseguia entender *tudo*.

Parei numa página e comecei a ler. A tradução foi simultânea no meu cérebro, como se eu lesse e falasse aquela língua há anos, desde que nasci. Era como se eu estivesse lendo em inglês, porém, com palavras diferentes. Impossível de explicar.

Demorei um pouco até achar o que estava procurando. Voz. Como tirá-la, seguida de como devolvê-la – ou, no caso, dá-la – à pessoa ou animal. Coloquei o livro no chão e fiquei de joelhos, virada para Toy, que estava sentado, me encarando sem piscar. Insegura, lancei um olhar ao meu outro eu no espelho; ela me encarou de volta, desafiadora. “Faça”, dizia com os olhos. “Apenas faça”.

Pus a mão direita sobre a cabeça de Toy e comecei a ler o texto em voz alta, sem dificuldade.

– Senhor de Todas as Almas, imploro-te. – entoei primeiro. Em seguida, vinha “devolva-lhe”, mas, uma vez que aquela não era a situação, resolvi editar o texto para que fizesse mais sentido. – Dê-lhe a voz, a esta criatura que eu toco, para que sirva a ti e a mim em reconhecimento. Assim seja.

Fechei os olhos e esperei uns dez segundos. Quando os reabri, Toy soltou um miado, e eu fiz um muxoxo.

– Não consegui, eu sabia. – murmurei.

– Eu posso ter voz, mas ainda sou um gato. – Toy disse, então, para minha surpresa. – Miar ainda é parte da minha natureza.

Precisei de pouco mais de um minuto para me recobrar do susto. Vê-lo falando nas memórias de Dorothei já tinha sido completamente estranho. Presenciar aquilo ao vivo, em tempo e vida real era ainda mais assustador!

– Você vai se acostumar. – Toy garantiu-me, então, começando a dar passos lentos e fofos pelo quarto.

– E vai querer deixá-lo mudo muito em breve. – Dorothei me assegurou, mas quando a olhei, ela estava sorrindo para o gato. – Toy pode ser irritante às vezes.

– Eu imagino. – concordei, a contragosto.

– Agora, Malena, eu preciso que você me liberte. – Dorothei disse, e eu fui obrigada a responder-lhe com uma careta confusa.

– Como? – indaguei.

– Me liberte. Me deixe assumir seu corpo outra vez.

– Eu não vou fazer isso. Da última vez, você causou estragos na minha vida!

– Considera um estrago eu ter lhe aproximado do homem que você quer?

– Considero um estrago eu ter vivido dois dias sem saber disso! – rolei os olhos e fechei com toda a força o livro de feitiços, irritada. – Eu não me lembrei de absolutamente nada quando eu acordei, Dorothei. Isso não é justo. É o meu corpo

também! E além do mais, para que você o quer? Já não estou fazendo tudo o que está mandando?

– Sim, está. – admitiu, pensativa. – Mas temo que não será boa o bastante para agir contra nossas irmãs a princípio. Creio que seria melhor que eu as encontrasse antes que você o faça.

– E aí, eu simplesmente reparto suas memórias e faço de conta que elas são minhas também?

– Elas são suas também. Mas espere, acho que há um modo.

Aguardei enquanto Dorothei pensava, em silêncio. Não demorou muito. Num instante, ela já sugeria:

– Por que não usamos o corpo nós duas?

Aquela suposição era tão absurda que eu não pude conter o riso. Era festa agora?

– Você sempre diz que somos uma, e agora quer *repartir*? – exclamei inconformada. – Onde está querendo chegar?

– Em primeiro lugar, somos uma, queira você ou não. – ela declarou, irritada com a minha reação. – Mas estamos nos comportando como duas entidades separadas, e até que eu descubra a razão pela qual isso se deu, somos duas em uma.

– Como uma dupla personalidade? – supus.

– Exatamente. Em segundo lugar, faço isso por você, porque preciso de você. Do seu comportamento. Eu não tive muito sucesso em me comportar como Malena, e não como Dorothei.

– Não foi o que pareceu.

– Seu querido Sam foi um caso à parte. Ele e seus amigos aceitaram bem porque são tolos, mas seus pais não compraram a história. Ademais, não tive a oportunidade de cruzar com nenhuma das nossas irmãs.

– Então, basicamente, você quer assumir o controle do meu corpo nas horas propícias, mas deixar que eu aja quando não for o caso?

Ela sorriu triunfante.

– Você está acompanhando bem o raciocínio. – disse, então.

– Como isso vai ser possível? – perguntei.

– Vamos fazer um teste durante o fim de semana. – respondeu. – Se tudo der certo, seremos duas em uma. Caso contrário, eu assumo.

Eu não gostava dessa história. Eu não gostava nem um pouco. Mas afinal, quantas outras opções eu tinha?

Meu Outro Eu

Kathi também não apareceu na sexta-feira. Os professores me disseram que ela estava doente, mas eu não comprei a história. Algo me dizia que Kathi estava se escondendo, que faltava propositalmente às aulas. Era nisso que eu estava pensando enquanto ia pra aula de Educação Física, contente com o céu nublado daquele dia, quando Sam apareceu na minha frente.

– Oi! – ele exclamou, quase me matando de susto.

A boa notícia era que as reações mágicas por susto ou ataques de raiva tinham desaparecido da noite para o dia. Desde que eu havia me descoberto como a reencarnação de Dorothei, nada mais de anormal – lê-se: anormal *inesperado* – acontecia. O que quer dizer que, eu pude apenas rir quando Sam me assustou e dizer:

– Oi, Sam! – e recomecei a andar. Ele me acompanhou.

– Desculpe pelo susto! – pediu, sem parecer realmente sentido por isso. Aquele sorriso bobo e maravilhoso que sempre aparecia quando estávamos juntos iluminava o seu rosto.

– Não por isso. – respondi. – Então... como está tudo?

– Bem, muito bem, mas pode melhorar.

– Eu deveria entender isso como uma indireta?

– Com toda a certeza.

O clima pesou e eu fiquei muda. Ainda estava em parte arrependida por não me entregar ao relacionamento que Dorothi tinha começado com Sam, o cara por quem eu estava tão visível e obviamente apaixonada. Tocar nesse assunto de modo tão sutil, e ao mesmo tempo tão explícito, era doloroso.

– O que eu estou querendo dizer... – Sam continuou, parando outra vez à minha frente. – É que eu quero te fazer um pedido.

– Pedido? – indaguei nervosa. – Olha, Sam, eu...

– Ei, ei, calma! – riu-se ele, e selou meus lábios com o dedo indicador. – Deixa eu falar primeiro, ok?

– Certo.

– Eu queria pedir pra que você me acompanhasse ao baile de outono.

– Baile?

– É só no meio de outubro, mas mesmo assim eu... queria que viesse comigo.

Mordi o lábio e procurei olhar para qualquer lugar que não fosse para ele. Estava sendo tão sincero, e me olhava com olhos tão grandes e verdes e brilhantes e... apaixonados. Como eu conseguia ser forte o bastante para negar?

E como eu poderia ser egoísta o suficiente para aceitar? Sam merecia uma garota normal, capaz de dedicar-se a ele, e não uma albina com alma de bruxa empenhada numa vingança irracional.

– Sam, eu não acho que seja uma boa ideia. – respondi, sem jeito e com o coração na mão. – Sinceramente. Eu te disse que...

– Malena, eu não estou te cobrando nada! – esclareceu, sem se abalar. – Você disse que estava sendo muito rápido, e tudo bem pra mim se é isso que você quer. Mas é só um baile. Como amigos, se você quiser.

– Você sabe que eu adoraria ir com você. – murmurei, com um meio sorriso. – Eu só tenho medo de te machucar de alguma forma.

– Não vai acontecer nada comigo, eu garanto.

É. Mas eu não garantia.

– Tem muita coisa que você não quer me contar, né? – indagou-me, então, sem olhar pra mim. Dava para ver que aquilo sim o machucava.

– Não é questão de querer. – afirmei. – Eu apenas não posso. As coisas estão muito... turbulentas agora.

– Alguém de Oklahoma?

– Não, não, claro que não! Mas eu bem que gostaria que fosse tão simples!

– Você faz parecer uma coisa sobrenatural desse jeito!

Soltei um risinho abafado.

– É bem nesse estilo. – comentei. Ele riu e pegou minha mão, me fazendo tremer.

– Então, enquanto você não resolve os seus problemas e abre caminho pra mim... – Sam disse. – Pense a respeito. Do baile, quero dizer. Você sabe que eu não vou cobrar nada além da sua companhia. Só ter você do meu lado já vai me fazer bastante feliz.

– Eu sei.

Sam sorriu e tocou meu rosto com o mesmo carinho de sempre. Então se virou e começou a correr para alcançar seu melhor amigo Jay, que há muito já nos tinha ultrapassado. Eu continuei parada ali, feito uma tonta, por alguns segundos, até perceber que estava sendo boba.

– Sam! – gritei, e ele começou a correr de costas, um enorme sorriso no rosto.

Ele era tão incrivelmente adorável!

– Eu vou! – gritei, então. Ele parou e me olhou, a felicidade gritando em seus olhos e sorriso.

– Te pego às sete! – berrou de volta.

E, por um segundo, meu dia foi mais normal e mais feliz.

Um segundo.

Foi o tempo que demorou até eu começar a andar e cruzar com a turma que estava voltando da Educação Física.

E então, cruzar meus olhos com uma garota alta, loura, rosto redondo e olhos verdes estreitos, ofídicos. Claro que não foi por isso que eu me assustei de pronto. Eu nem conhecia a menina.

Mas certamente, conhecia muito bem quem estava dentro dela. Fosse quem fosse a garota por fora, por dentro ela era Cecily.

E pelo olhar direto e concentrado que me lançou, ela já sabia que eu era Dorothei.

Tentei fingir que não havia percebido e continuar andando no mesmo ritmo de antes, mas ainda havia aquela parte curiosa e assustada de mim que me forçavam a virar para trás e acompanhá-la de vez em quando. Quando alcancei a quadra externa, percebi que estava completamente desorientada, confusa pelo ocorrido.

Motivo pelo qual eu tomei uma cortada violenta do Patrick, durante o jogo de vôlei, bem no meio da testa, nos primeiros vinte minutos de aula.

A bolada e a tonteira que me causou foram as desculpas ideais para escapular para o vestiário, e lá eu me apoiei na pia e lavei o rosto. Garanti a Yara e às gêmeas que eu estava bem, e quando

elas se foram, encarei o espelho com mais veemência. Onde estava a droga da imagem de Dorothei quando eu precisava dela?

Eu estou aqui dentro, ela me disse, fazendo minha cabeça explodir como se sinos tocassem bem alto dentro dela.

Apareça na droga do espelho! pedi, então. Ela riu.

Eu não posso aparecer por inteiro, a menos que queira morrer. Eu já expliquei!

O que eu tenho que fazer?

Quebre o espelho ao meio.

Ficou maluca? É propriedade da escola, eu não posso fazer isso!

É o único modo, apenas faça!

Respirei fundo e rolei os olhos. Eu era agora bruxa e vândala, como se nada mais bastasse. Dava pra ficar melhor do que isso?

Então, sem parar pra pensar, bati a mão com toda a força no espelho à minha frente. Formou-se um buraco central, e uma rachadura completamente torta que repartia o espelho quase por completo em duas metades desiguais, e minha mão sangrava e doía, é claro. Mas Dorothei apareceu.

– Eu realmente preciso te ensinar a mexer com a magia! – ela exclamou assim que apareceu, enquanto eu metia a mão debaixo da água corrente.

– Não seria uma má ideia. – concordei. Principalmente se eu teria que continuar quebrando espelhos sempre que quisesse falar com ela sem ter uma explosão ocorrendo no meu cérebro.

– Então, parece que encontramos Cecily. – Dorothei disse, com voz de nojo. – Que pena que era você quem estava olhando, e não eu. Poderia tê-la feito tremer.

– Vai ser sempre assim quando eu as vir?

– Reconhecimento automático da alma. Sim. Uma bruxa sabe reconhecer outra, Malena, aprenda isso. Nós enxergamos a magia com um olho sobre-humano, sentimos quando cerca algo ou alguém.

– Acha que ela sabe que eu descobri?

– Não, você se saiu melhor do que eu esperava. E guarde o elogio, não costumo fazer muitos.

Dei uma risadinha sarcástica e fechei a torneira. Eu tinha certeza que não.

Peguei um chumaço de papel e comecei a pressionar a ferida. Estava doendo um bocado. Como eu iria explicar aquela confusão toda no banheiro pra alguém? A mão cortada, o sangue, o vidro quebrado?

Eu estava tão ferrada...

– Use a sua magia. – Dorothei aconselhou, acompanhando meus pensamentos. Nossa ligação estava cada vez mais forte, use e conserte o espelho. Da ferida você pode cuidar depois.

– Como você pretende que eu faça isso? – perguntei, então. – Eu não sei nenhum feitiço de cor, e duvido que você saiba.

– Como você faz livros voarem e portas se fecharem sozinhas? – indagou de volta, com um sorriso maroto. – Apenas sinta a magia que herdou e deseje, faça acontecer. Feitiços são para coisas maiores, que você jamais poderia fazer sozinha. Faça.

Bufei. Eu duvidava que seria tão simples como só fechar uma porta, uma janela, ou convocar uma pilha de livros a atravessarem o sótão ao meu encontro. Mas, resolvi dar a mim

mesma uma chance e estendi a mão boa, chamando a magia, focalizando meu objetivo.

E a coisa simplesmente aconteceu. Os pedaços de vidro apenas voaram de onde estavam e se posicionaram em seus devidos lugares, selando uns aos outros, consertando o estrago, apagando todas as possíveis marcas. E, num instante, não havia mais vidro quebrado, nem sinal de Dorothei no espelho.

– Você está pronta?

Eu não sabia como responder à pergunta que Dorothei me fazia naquela manhã chuvosa de sábado. A verdade é que eu nunca estaria pronta para entregar meu corpo à outra metade da minha alma, mas se eu não fizesse por bem, Dorothei me forçaria a ceder. Conhecia bastante de nós duas para saber disso. De modo que a pergunta era basicamente retórica e, não digna de resposta sincera.

– Estou. – eu disse, por fim, respirando profundamente.

Eu tinha acabado de acordar. Eram nove e quinze da manhã e eu estava morrendo de fome. Toy me acordara quando Dorothei aparecera no espelho, outra vez sem ser convidada – estava se tornando um péssimo hábito dela. Agora, eu estava sentada de frente para o espelho, dividindo-o com ela – nossas metades sincronizadas, tão parecidas e tão diferentes – esperando para que me possuísse.

Trágico, porém, verdadeiro.

A princípio, eu não senti nada. Só uma sonolência, mas não havia nada de errado naquilo. Eu tinha realmente dormido muito pouco. Mas a sonolência tornou-se uma espécie de hipnose, e eu

fechei os olhos, minhas pálpebras pesando cada vez mais. A cabeça deu uma pontada aguda de dor, e eu abri meus olhos outra vez num pulo, a tempo de acompanhar a coisa mais incrível de toda a minha existência.

No espelho, a minha imagem havia tomado ambos os lados de novo, exceto pelo pequeno detalhe de que as duas metades estavam completamente diferentes. A metade que pertencia à Dorothi na maior parte do tempo estava inexpressiva, apenas olhando para o nada, enquanto a metade que sempre me refletia mostrava meu rosto agoniado e dolorido, prestes a gritar. Não precisei de muito mais que isso para entender.

Pois, quando acompanhei a lógica, eu não estava mais dentro de mim. Quero dizer, estava, mas não estava. É complicado. Era como um transe, estar em você, mas olhando para tudo como se você fosse uma simples espectadora, e não aquela que age. Como naquele sábado em que Dorothi me tomara pela primeira vez, tudo parecia um sonho, com a diferença de que eu não estava controlando absolutamente nada, sequer meus movimentos. Eu estava meramente assistindo.

Dorothi levantou a minha mão e tocou meu rosto, e a partir daí começou a tocar e apalpar todos os cantos do meu corpo, para se certificar de que era real. Quando ela começou a falar, eu escutava a minha própria voz falando como se fosse uma gravação ruim. Dentro de mim mesma, as imagens pareciam nebulosas e os sons pareciam fazer eco, ou sofrer estática. Somente os pensamentos eram claros.

E eu conseguia ler, escutar, cada pensamento que passava por Dorothi naquele momento. Duas em uma. Duas em mim.

Isso é tão confuso!

– Sou eu de novo, Toy! – ela exclamou, parecendo tão distante. Senti meu próprio rosto sorrir, meus olhos piscarem, minhas pernas me colocarem de pé.

– Eu prefiro o corpo antigo. – o gato preto opinou, pulando da minha cama para o chão.

Eu ouvi isso, pensei. Só então percebi que eu havia proferido esse pensamento em voz alta, pela minha boca, apesar do controle dominante de Dorothi. Toy deu um miado alegre que parecia uma risada, e eu pude sentir a fúria de Dorothi servindo de conselho: tome cuidado com os seus pensamentos.

Afinal, se eu saísse por aí falando como duas pessoas diferentes utilizando o meu corpo para isso, todos pensariam que eu sou louca. E eu não queria aquilo.

– Malena! – minha mãe gritou de lá de baixo. – Vem aqui!

– Um momento! – Dorothi gritou de volta, com a minha voz. Então bufou e se olhou no espelho partido, onde só aparecia o reflexo do meu próprio corpo, imitando as expressões que eu vira no seu próprio rosto tantas vezes pela imagem da sua alma.

Tenha cuidado com as palavras, pensei então, e dessa vez nada foi proferido em voz alta. *Fale como se fosse desse século, por favor!*

Dorothi deu uma risadinha e coçou a parte de trás das orelhas de Toy.

– Vou fazer um esforço. – ela disse. E então, entrou em movimento.

Era como se eu estivesse sendo carregada. Eu sentia o movimento, eu sentia tudo que tocava minha pele, eu sentia

cada osso e cada músculo se movendo, mas eu não fazia nada daquilo acontecer. Como batidas cardíacas, tudo era involuntário. E eu estava sendo carregada pelo meu próprio corpo, como se eu fosse só mais um órgão preso ali dentro, que não podia sair se não quisesse morrer, que não podia se virar sozinho. De certo modo, era como ser um parasita.

O que era uma ideia repulsiva, aliás.

Dorothei desceu até a sala, onde minha mãe estava embrulhando um pacote pequeno para presente. Parou toda sorrisos, de um jeito como eu nunca estava pela manhã. E, é claro, minha mãe percebeu. E estranhou.

– Viu o passarinho verde? – perguntou. Dorothei, que não era dessa época, demorou um pouco para entender a expressão.

– Acordei feliz. – declarou. Nem mesmo o modo de falar se parecia com o meu.

Mamãe levantou uma sobrancelha, um meio sorriso se formando.

– Isso me cheira a garotos. – mamãe disse, e Dorothei fingiu intimidar-se. Por fim, acabou concordando, e se sentou no sofá, de frente para a minha mãe, comportada demais para se passar por mim.

– Sam Goyle me chamou para ir ao baile. – contou, e, por mais estranha que meu eu pudesse parecer, mamãe ficou radiante.

– Oh, meu Deus! Isso é incrível! Goyle, ah? – pensou por um instante. – Deve ser o filho de Rude Goyle. Se for, eu namorei com o pai desse garoto. Um cavalheiro, e muito bonito!

– Então estamos falando da mesma família.

– Quero saber tudo sobre essa história mais tarde... agora, quero que vá se trocar.

– Aonde nós vamos?

– Eu e você vamos ao Chá de Bebê da sua tia Frida.

Dorothei assentiu sem dizer nada, e se retirou calmamente de volta para o quarto. Tudo errado. Eu costumava correr como louca por aquelas escadas!

Deixei que ela se virasse sozinha para se vestir e se comportar. Era engraçado vê-la tentando se passar por mim tão arduamente, sem nem o mínimo sucesso. Honestamente, eu não conseguia enxergar quem acreditaria que aquela era eu, quando Dorothei estava tão visivelmente presa aos costumes da sua época mesmo tendo convivido dezesseis anos inteiros comigo.

Sem jeito pra escolher roupas do século 21, Dorothei acabou colocando a primeira calça jeans do meu armário – murmurando sobre a atrocidade que era as mulheres vestirem calças – uma camiseta de gola alta e um casaco preto. Estava estranha daquele jeito, mas não era muito uma surpresa; tudo estava estranho para mim enquanto eu estava presa ali dentro daquele corpo.

Meu corpo, sublinhei.

Dorothei acompanhou minha mãe sem dizer uma única palavra. Subiu na van, demorou um pouco até conseguir colocar o cinto de segurança e ficou quieta, toda dura e ereta sentada ali. Minha mãe estranhou um pouco, mas não disse nada. Talvez ainda estivesse feliz demais sobre o fato de eu ter conseguido uma companhia para o baile, e achasse que meu comportamento anormal era parte da puberdade.

Pobrezinha. Tanto que eu escondia dela...

Eu pude sentir a curiosidade de Dorothei se inflamando enquanto ela encarava cada rua, cada casa e cada mínimo detalhe da Oxford que se formara mais de cem anos após a sua morte. Escutei-a pensar que era tudo moderno demais, diferente demais, e pude até vê-la divagar sobre as possíveis alterações que ela gostaria de fazer, ou como teria sido se as irmãs realmente tivessem tomado o poder naquela época. Ambas eram possibilidades que eu não gostaria de cogitar. Vê-la encarar tudo com olhos gulosos de poder e vingança me deixava desconfortável, com vontade de gritar.

Enfim, minha mãe estacionou em frente a uma casinha simples, pintada de salmão, a aparência jovem e fresca que só podia emanar de um casal recém unido. Descemos do carro – não sem antes Dorothei quase tropeçar no cinto de segurança e ter que rir para disfarçar a vergonha – e mamãe bateu na porta.

Ouvi alguém destrancando a porta, e a maçaneta girou. Dorothei preparou um sorriso de boas-vindas parecido com o meu próprio e respirou fundo. E quando a porta se abriu, eu, por dentro, tomei um susto, enquanto Dorothei riu de prazer sem demonstrar nada externamente.

Foi Frida quem abriu a porta, com aquela barriga linda e enorme da gravidez avançada e o rosto radiante e adorável do qual eu me lembrava como sendo o primeiro com o qual simpatizei naquela cidade minúscula. Mas, de algum modo, não era bem Frida que eu via ali. Não mesmo. Eu via Frida por fora, mas seus olhos me revelavam uma outra verdade.

Por dentro, ela era Zethi.

– Milla, que bom que você veio! – ela exclamou, abrindo seu sorriso incrível – Malena! – e virou-se para mim, tão adorável comigo quanto sempre. – Senti sua falta!

– Também senti a sua. – Dorothei disse, com um sorriso que mesclava a amabilidade e a travessura. Naquele momento, eu sabia que ela não estava falando como Malena; estava falando como Dorothei.

Mas Frida não ficou desconcertada. Abriu passagem e nos convidou a entrar.

Por dentro, a casa era clara e fresca. Entramos numa sala de visitas branca, onde todos os móveis seguiam o mesmo padrão monocromático. Era como estar perdida entre nuvens, ou no meio do nada. Nem mesmo um hospital era tão branco.

Eu era, aparentemente, a única criatura jovem ali. Minha tia April e minhas duas avós também estavam na sala, sentadas e conversando enquanto tomavam chá. Algumas outras mulheres que eu não conhecia se levantaram para cumprimentar minha mãe e me dizer como eu estava bonita, embora eu não conseguisse me lembrar de tê-las conhecido algum dia pra que pudessem comparar meu estado atual com algum outro passado. Dorothei comportou-se muito bem com todas elas.

– Malena, pode vir aqui um minutinho? – Frida chamou, de costas para mim, indo em direção à cozinha.

– Claro. – Dorothei respondeu, e acompanhou minha tia grávida, que por dentro era sua irmã bruxa, até a cozinha, e de lá para um corredor que acabava num pequeno escritório bem menos claro e branco do que todo o resto da casa até então.

O que era um alívio para meus olhos extremamente sensíveis. Toda aquela luz que batia nas paredes e mobília brancas machucava muito meus olhos.

Quando entrei, Frida fechou a porta, e logo que tornou a virar-se para mim, percebi que ela não era mais Frida e eu não era mais Malena aos seus olhos. Ali dentro, voltávamos a ser somente nossas almas falando, Dorothei e Zethi, as duas irmãs bruxas inimigas. Por essa razão, nenhuma das duas estava sorrindo. Eu não podia ver, mas tinha certeza de que a expressão que dominava meu rosto agora, pela vontade de Dorothei, era um tanto quanto ameaçadora.

– Zethi. – sibilou pelos meus lábios, então. Nunca antes escutei minha própria voz com tanto ódio embutido.

– Dorothei. – a outra exclamou, com certa urgência e, talvez, um toque de temor. Alisou sua barriga e sentou-se numa confortável poltrona marrom, para evitar o esforço. – Estava demorando.

– Então voltamos na mesma família. – Dorothei comentou em tom casual, dando pequenos passos em torno do cômodo. – Que coincidência feliz. Creio que talvez assim seja mais fácil quando eu precisar chegar até você.

– Não somos as únicas, você sabe.

– Eu sei. Encontrei com Cecily ainda ontem. Mundo pequeno!

– Imaginei que isso fosse acontecer. Dei aulas para ela naquela escola. Para ela e para Elleanor.

– Curioso...

Frida, ou Zethi – que confuso era pensar em uma pessoa como duas! – suspirou, então, e correu os dedos pelo cabelo.

– Dorothis, você realmente precisa me escutar. – disse, por fim.

– Não, Zethi, eu acho que não. – meu outro eu discordou. – Tudo o que eu precisava ouvir eu já o fiz naquela tarde. Não creio que haja mais nada a ser dito.

– Eu imagino que ficou chateada, mas...

– Chateada? – Dorothis riu, em tom de sarcasmo. – Minhas irmãs planejavam uma traição contra mim e você acha que eu fiquei *chateada*... diga-me, Zethi, você tem alguma ideia do que aquilo me custou?

– N-não.

– Então deixe-me contar a você. – aproximou-se, até estar a meros centímetros do rosto da irmã, meus dedos roçando seu pescoço trêmulo e arrepiado. – Forcei meu melhor amigo a uma vida eterna e solitária. Amaldiçoei minha própria alma pra que ela retornasse. Jurei minha vida ao Senhor das Almas em troca de que vocês... – e travou a mão em torno do pescoço da irmã, forte demais. – Pagassem o preço por terem me traído. – completou.

Soltou-a e se afastou novamente. Eu podia sentir sua raiva em ondas intensas, atingindo minha tia mais do que se fosse um feitiço.

– Claro que aquela profecia antes de sermos queimadas vivas estragou todo o objetivo e tudo o que eu havia preparado. – prosseguiu. – Mas há males que vem para o melhor, não é mesmo?

Zethi não ousou responder. Apenas tomou um longo e profundo gole de ar.

– Pedi que pagassem, e acabamos todas no mesmo século, unidas outra vez, porém tão separadas. – Dorothi sorriu, como uma maníaca. Eu podia imaginar meus olhos violeta flamejando enquanto ela falava. – Que belo presente o Senhor das Almas me deu, não é mesmo, Zethi? A oportunidade de fazê-las pagar eu mesma! Não seria um desperdício imperdoável se eu deixasse essa chance passar?

– Não tiro a sua razão, Dorothi, pois isso seria injusto. – Zethi falou, então, e eu percebi que estava chorando. – No entanto, gostaria de me certificar de que tem certeza de que está atacando as pessoas certas.

– O que quer dizer com isso?

– Bem, eu não sei se você se lembra, mas pelo que sei, eu fui a única a discordar daquele plano ridículo.

Dorothi não respondeu, e imagens passaram em flashes por mim e por ela. Escutávamos a discussão, e nela as tentativas furadas de Zethi de reverter a situação, convencer as irmãs de tentarem outros meios. Era verdade.

– Não estou pedindo para que me poupe, se não quiser. – prosseguiu, levantando-se. – Apenas pense em quem irá tirar do seu caminho, Dorothi. E a quem estará se aliando.

Dito isso, Frida – e Zethi, conseqüentemente – nos deixou. Eu não conseguia pensar em nada, e Dorothi estava completamente petrificada. Demorou até que ela se recompusesse e voltasse para a sala, para continuar a fingir.

Somente horas mais tarde, quando eu já estava esgotada por dentro e entediada por fora, Dorothi resolveu trocar de lugar comigo. Foi uma coisa tão súbita que provocou um surto no meu

corpo. Num minuto, eu estava sentada, ouvindo as adultas conversarem, porém sem participar de nada, apenas mordiscando uns biscoitos e encarando Zethi pelo canto do olho.

No minuto seguinte, Dorothi, sua parcela da alma, trocava de lugar comigo e me devolvia meu posto de comando. Cai do sofá, arfando por ar e tossindo, ao mesmo tempo em que as vozes tornavam-se mais claras, as sensações voltaram a ser minhas e a visão deixara de ficar tão nebulosa.

O espanto, claro, foi geral, e todas aquelas mulheres se juntaram em volta de mim. Minha tia foi a única que não se espantou muito – ela devia saber o que estava acontecendo. Pedi para todas se afastarem de mim, para eu respirar, enquanto, aos poucos, eu retomava o fôlego e me recompunha.

Sentei-me e olhei em volta. Eu sabia como tinha ido parar ali e lembrava-me de tudo o que Dorothi tinha feito, porque eu tinha estado presente. Mas era como se meu cérebro simplesmente rejeitasse a ideia. Era confuso demais para ser aceitável.

– Filha, você está bem? – minha mãe perguntou, quando viu que eu parecia mais calma. Alguém na sala disse que eu estava pálida. Um comentário tão idiota que poderia ser ofensivo em outra circunstância.

Não nessa.

– Acho que sim. – respondi, pela primeira vez naquela tarde sentindo como se a voz me pertencesse de fato.

E então, a sala explodiu em um único grito cortante. E ele não era meu.

Todas nos assustamos ao grito agudo e choroso que minha tia Frida soltou de repente. Quando olhei, ela estava de pé, as duas

mãos segurando a barriga, gritando e...

Sangrando.

– Meu bebê! – ela berrou, com todas as forças.

E tudo aconteceu muito rápido, em seguida. Metade das mulheres partiu para cima dela, tentando acalmá-la, tentando ajudá-la, e a outra metade puxou o celular da bolsa, gritando por ajuda. Somente eu e minha mãe conseguimos ficar estáticas o bastante para agir de uma forma mais coerente.

– Levem ela pra van! – minha mãe ordenou, de repente, e eu agi em sincronia, partindo direto para porta, abrindo-a com o pensamento. Não era hora de poupar magia.

De que adiantava, afinal, ser uma bruxa, se eu não poderia usar isso a meu favor quando fosse necessário?

Algumas das presentes contestaram a ideia, mas eu estava tão desesperada e mamãe estava tão furiosa que ninguém tentou enfrentar-nos por mais do que um minuto. Logo, todas já ajudavam Frida, com seus gritos estridentes e respiração entrecortada, a andar até a van estacionada na frente da casa.

Mamãe não conseguia encontrar as chaves, por isso eu dei uma forcinha e abri o carro para ela. Agitada demais para perceber, ela abriu a porta e eu saltei para o banco traseiro, já deitando todos os bancos e tomando a mão de Frida, enquanto minha mãe sentava no banco do motorista. Ela nem notou quando o carro ligou antes de ela girar a chave na ignição.

Eu não permiti que ninguém mais entrasse no carro, porque o pé já estava no acelerador antes mesmo de alguém tentar. Era minha mãe, pendurada no celular, gritando com o meu pai, e

dirigindo feito uma maníaca pelas ruas de Oxford, eu e minha tia grávida abortando. E chorando.

Ela tomou minha mão com toda a sua força, então, e olhou tão fundo nos meus olhos que eu sabia que não era comigo que ela estava falando. Era com Dorothi. E ela podia ouvir, e estava prestando toda a atenção do mundo.

– Eu sei que isso faz parte da sua praga, eu sei! – e não era mais Frida falando, e sim Zethi. – Se eu não sobreviver, eu só quero que você me perdoe!

Eu pude sentir os olhos fulminantes da bruxa que havia em mim encarando os olhos marejados e cheios de dor da minha tia de sangue e irmã de alma. Não havia compaixão neles.

– Me perdoe! – implorou.

– O que sua tia está dizendo? – mamãe perguntou, num berro, do banco da frente.

– Disse pra você ir depressa! – exclamei de volta, começando a chorar por nós duas, eu e Dorothi.

Sim, Zethi, eu te perdoo, ela disse em pensamento.

E eu proferi esta frase num sussurro, acalmando, ainda que somente em parte, quem mais precisava ter calma.

Opções

– Malena.

Eu ouvia a voz, mas não sabia bem da onde ela vinha. Tudo estava tão escuro, e eu estava tão nauseada, tão tonta... Dorothi tinha dominado de novo? Ou eu estava apenas delirando?

– Malena, acorda!

Não, eu estava dormindo.

Abri os olhos, subitamente, e vi que quem estava me chamando era meu pai. Eu nem lembrava direito onde estava, ou como tinha caído no sono, mas aquelas cadeiras desconfortáveis, o cheiro e as luzes claras e brancas de doer nas minhas pálpebras semitranslúcidas me deram uma boa dica para responder a todas essas perguntas.

– Oi, pai. – eu disse, com a voz rouca, e ele me ajudou a me levantar e a sentar direito. Bocejei. – Que horas são?

– Quase nove. – me respondeu, e eu tomei um susto.

– Nove horas? Meu Deus... – e então me lembrei de tudo. – Como está a Frida? E o bebê?

– Sua tia está bem, e o bebê está numa incubadora. Três meses prematuro não é pouca coisa!

– Eu imagino... vou só.. – me levantei e passei a mão pela roupa, tentando desamassá-la. – Ver como ela está.

– Tudo bem.

Suspirei e comecei a andar pelo corredor do hospital, praticamente vazio, exceto pelos próprios funcionários. Uma enfermeira me disse que a maternidade ficava no andar superior à esquerda, então comecei a subir pelas escadas, pois o elevador era somente para uso de pacientes.

Virei à esquerda assim que alcancei o segundo andar, e precisei andar um pouco até encontrar a maternidade. Havia três bebês ali, apenas, dois garotos e uma menina, mas nenhum deles era o bebê de tia Frida. Olhei mais adiante, e vi uma enfermeira e uma médica em volta de uma incubadora, com um bebezinho do tamanho de um rato dentro dela.

O bebê girou a cabeça levemente na minha direção e ameaçou abrir os olhos. Foi naquele instante que eu vi.

Nayse.

E Dorothei gritou e tremeu dentro de mim como um leão em fúria. Que droga, que pura e absoluta droga! Frida, aquela garota da escola, e agora minha priminha também, além de mim?

Era demais. Dei as costas à maternidade e fui embora sem parar para procurar pelo quarto onde minha tia estava.

– Você está tensa.

Não era uma pergunta. Era uma afirmação feita pelo meu gato, Toy. Que falava de novo, graças ao feitiço que eu havia executado, a mando de uma vida passada que dominava parte da minha alma e consciência. Graças a ela, agora eu via bruxas reencarnadas por toda parte e tinha feito minha própria tia – e irmã, de certa forma – ter um parto prematuro, mas eu devia acreditar que tudo aquilo tinha uma vantagem, pois, apesar dos

pesares, eu ainda tinha magia e podia fazer coisas legais, tipo atirar um prato na parede sem precisar da força física para arremessá-lo.

Que ótimo! Eu devia saber que reclamar da vida era um pedido para que as coisas piorassem. Olha só o ponto onde eu havia chegado!

– Claro que eu estou tensa! – concordei, aos sussurros. Era tarde, e eu não podia gritar com o meu gato falante, porque chamaria atenção para o sótão se o fizesse, e todo mundo ia achar que eu estava pirada se me vissem falando com um gato.

Mesmo que ele fosse capaz de entender e responder de volta. Mas aquele era o menor dos meus problemas e a última das minhas preocupações no momento.

– Tem uma recém-nascida com a alma de uma das sete irmãs incubada naquele hospital, uma mulher que acabou de ter um parto prematuro que também é uma bruxa reencarnada, e há uma parte de mim que quer muito se vingar de todas elas! – exclamei, em seguida, noutro sibilo. – Me diga a fórmula pra não ficar tensa com uma droga como essa acontecendo!

– Claro. Malena. – riu-se Toy, esticando as patas dianteiras. – É difícil saber com quem estou falando em determinado momento.

– Agora é comigo. – afirmei, e suspirei. – O que eu faço, Toy?

– Saia da frente e deixe que Dorothei faça o que tem que fazer. É o que você quer também, Malena.

– Como eu vou simplesmente deixar? Ela vai matar uma criança!

– Ela vai matar uma criança que vai crescer sabendo que é uma bruxa, com espírito de dominação. Você não se lembra de

tudo, Malena, mas eu me lembro.

– O que está insinuando?

Toy girou algumas vezes em torno de si mesmo, e então deitou. Baixou a cabeça, e só tornou a erguê-la para me responder:

– Se você se lembrasse, iria implorar pra que estivessem mortas.

– Não estou dizendo que não mereçam... – murmurei, me lembrando da traição e do modo como eram vis e insensíveis comigo naquela outra vida. A raiva foi tamanha que cheguei a arrepiar. – Mas Nayse acabou de nascer, e Zethi pediu perdão. Não me diga que Dorothei é insensível a esse ponto!

– Como você reagiria se soubesse como as coisas vão acontecer, coisas ruins, mas tivesse que tomar uma atitude radical e triste pra impedir?

– Impediria.

– Então creio que isso encerre a discussão.

Nada mais foi dito. Era difícil discutir com um gato que possuía mais de um século de sabedoria para jogar na minha cara a qualquer segundo. No entanto, eu ainda não estava convencida de que era o único modo. Eu queria vingança, queria justiça. Mas não queria aquela culpa pesando sobre mim. A culpa da morte de uma criança. Que justiça seria feita se eu realmente fizesse aquilo?

Dormi tremendamente mal, com os pensamentos vingativos de Dorothei e meus próprios pesadelos atormentando toda a possível paz do meu sono. Estava exausta no domingo pela manhã, andando como um zumbi. Nem meu pai, nem minha mãe

estavam em casa, então resolvi trocar de roupa e ir ao hospital andando mesmo. O dia estava claro, embora nublado, e não parecia tão frio.

– Onde você vai? – Dylan me perguntou, quando eu estava descendo do sótão.

– Vou até o hospital ver a tia Frida. – respondi.

– Eu vou com você.

Assenti, e desci para esperar na sala. Esperei mais ou menos quinze minutos, até que não só ele, mas também Freddy, Adam e Bryan desceram. Seria difícil arranjar um tempo a sós com a Frida para falar sobre aquele assunto tão delicado que havia me mantido acordada a noite toda.

A caminhada até o hospital foi mais silenciosa do que eu esperava. Meus irmãos pareciam com sono e até meio preocupados com a coisa toda. Quando chegamos ao hospital, vi que, nem de longe, éramos os únicos na fila de espera. Os pais do meu pai, tia April, tio Anthony, mamãe, papai e Colin também estavam lá.

Além, é claro, de uma pessoa que eu não esperava ver. Não tão cedo, pelo menos.

Irma. Ou Tiffany, como se chamava agora.

A minha família devia ser mesmo muito amaldiçoada!

Naquele instante, muita coisa me passou pela cabeça. Lembrei claramente do dia em que conheci minha família que vivia em Oxford, e de ter taxado Tiffany como a garota falante, porém contida. Agora, o que eu via era a garota *malvada*, porém contida. Este último pensamento me puxou uma lembrança ainda mais distante.

Era uma memória de Dorothei, tão antiga que eu não imaginava que teria guardada em nossa alma. A memória era de quando Toy aparecera pela primeira vez, enquanto as sete irmãs bruxas acampavam em algum lugar nos Estados Unidos. Irma o encontrara vagando pela estrada, e achara que talvez fosse uma boa ideia que ele fosse o jantar.

Nojento. A mera recordação me embrulhou o estômago. O olhar desesperado de Toy nos braços de Irma era tão intenso que ele parecia entender perfeitamente a situação, e foi naquele instante que eu – Dorothei – percebi que ele não era só um gato. Ele era especial, ele era inteligente.

Irma, é claro, ficou furiosa quando arruinei seus planos de decapitar e escalar um animal vivo, uma das suas maiores diversões e prazeres. Adotei o gato raquítico e negro como meu, e chamei-o de Toy, começando a pesquisar logo na manhã seguinte uma forma de fazê-lo falar. Sua gratidão e minha tão rara compaixão criaram um laço incompreensível entre nós desde aquela época.

Os olhos de Tiffany faiscaram por um mísero segundo, e eu sabia que já estava acabado. Eu estava disfarçando muito mal. Ela também já sabia que eu podia ver, e seu olhar gritava que ela sabia há muito tempo quem eu era. Dizia que era bom eu ficar de olho.

Tentei não prestar atenção a ela enquanto esperava na recepção lotada. Pessoas vieram e foram, e eu era invisível ali, sentada enquanto esperava ansiosamente pela minha chance. Uma hora e meia depois, eu estava exausta de tanto aguardar, e simplesmente me levantei e sai andando em direção às escadas.

No andar da maternidade, perguntei pelo número do quarto de tia Frida, e caminhei decidida até lá assim que fui informada. Encostei o ouvido na porta e prestei atenção; nada. Então, abri a porta.

Frida estava sozinha na sua cama, aparentemente despertando com o breve barulho da minha entrada. No entanto, não tive tempo para sentir-me culpada por isso, eu tinha algo muito maior com o que me preocupar, e certamente algo maior para preocupá-la.

– Não acredito que veio me ver. – ela me disse, com a voz fraca, porém sorrindo.

Vê-la sorrir me deixava ao mesmo tempo aliviada e confusa. Por um segundo, pensei que fosse ter raiva de mim por causa de Dorothi e do mal que ela lhe causara. Mas não. Ela estava sorrindo, complacente e gentil como a Frida que eu conhecera antes de todo o problema com almas e bruxas.

– Eu vim. – concordei, num murmúrio, tentando sorrir. O sorriso não saía.

– Não se culpe, Malena. – minha tia me disse, então. – Acho que foi o jeito de Dorothi dizer que me perdoa. Castigou-me de um modo mais leve pra poupar minha vida.

– Frida... Zethi... – ainda era confuso saber que uma pessoa possuía dois nomes, duas faces. – Você já viu sua filha?

– Uma menina? – pareceu deliciada, os olhos brilharam. – Não, não me deixaram vê-la ainda! Jura que é uma menina?

– Sim, eu a vi ainda ontem...

– Eu não acredito!

– É Nayse.

O sorriso que iluminava seu belo rosto se apagou num átimo quando ela processou o som e o peso das minhas palavras. Vi seus olhos enchendo-se de lágrimas, e seu esforço pra segurá-las.

– Onde está o Hugo? – resolvi perguntar, para mudar de assunto. Eu não suportaria vê-la chorando.

– Foi até em casa tomar um banho. – Frida me respondeu, mas estava claro que sua atenção não havia sido nem um pouco desviada. – Eu devia saber, eu devia saber! Hugo me avisou!

– Hugo te avisou? – repeti confusa, e puxei uma cadeira para me sentar ao lado de sua cama.

– Hugo é... – deu um risinho que foi quase um gemido. – Hugo é uma espécie de vidente. É o único filho da cartomante.

– E ele...

– Sim, ele sabe de tudo. Não pude esconder por muito tempo. – suspirou, os lábios trêmulos. – Quando éramos pequenos, nós dois ficamos amigos, e Hugo estava comigo quando aprendi a usar a minha magia de novo. Contei a ele a história um pouco mais tarde, e um dia acabamos namorando.

Eu não disse nada. Não conseguia pensar em nada para dizer. Até Dorothi estava incrivelmente petrificada.

– Quando eu fiquei grávida, me perguntei a que lado da família nosso bebê iria puxar. – continuou, e eu vi uma única lágrima rolar pelo seu olho esquerdo. – Achávamos que seria o dele, porque a genética da clarividência é muito mais forte que a da magia, muito menos rara. Mas um dia ele simplesmente disse: “meu bem, ele será como você”.

E era. Não só como ela. Muito mais do que isso.

– Eu devia ter acreditado nele. – completou, secando as lágrimas que haviam rolado. – Mas... Nayse... você tem certeza?

– Tenho. – confirmei. – Eu a vi, Zethi, é ela. Quando a vir, vai saber disso também.

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. Não dava para saber se estava inconformada ou apenas aflita.

– Você sabe o que isso quer dizer, não sabe?

Minha pergunta a deixou lívida. Olhou-me tão intensamente que pensei que fosse me rachar ao meio, como se *lasers* pudessem, de repente, sair dos seus olhos e me fatiar como manteiga. Foi um alívio me lembrar de que aquilo, felizmente, não era parte das nossas capacidades enquanto bruxas.

– Não ouse tocar na minha filha. – alertou, e eu sabia agora que não era comigo que estava falando; era com Dorothei. – Ela não tem culpa de ter a alma que tem.

– Você sabe no que ela irá se tornar, Zethi! – exclamei, repetindo as palavras que Dorothei estava pensando, sem saber ao certo se estava de acordo ou não.

– Não, eu não sei! – a outra discordou quase num grito. – E nem você, Dorothei!

– Só porque ela reencarnou não significa que vai mudar quem ela é, você sabe!

– Só porque ela reencarnou na minha filha não significa que precise ser igual, Dorothei! – e começou a chorar. – Pra todos os propósitos, Nayse é agora minha filha, e eu vou criá-la a meu modo, e vou mudá-la porque isso é possível!

– A criação não muda a essência da alma. – contestei, dando-lhe as costas para não assisti-la chorar. – Eu te perdoei, Zethi,

não a elas.

– Ela é uma criança! – insistiu, quase suplicando. – Uma recém-nascida! Tenha piedade, me deixe ao menos tentar!

Senti aquela dor alucinante, e passei a ver a cena toda dos fundos outra vez, como no dia anterior. Era Dorothei falando por si mesma agora, não eu.

E ali, eu me sentia péssima. Pela dor que estava causando, pelas palavras que não eram minhas e estava proferindo de livre escolha, pela falta de esforço em reverter o quadro aparentemente irreversível. Sentia-me péssima principalmente por, no fundo, ser aquele ser monstruoso e tão cheio de rancor que era Dorothei.

Principalmente, me sentia péssima por compartilhar do seu rancor e concordar com aquela vingança por isso.

– Nayse teria me deixado tentar, Zethi? – Dorothei perguntou, num tom tão azedo que jamais poderia ter me pertencido. – Pense bem.

– Você é um monstro! – Zethi exclamou, chorando tanto que tremia.

– Agradeça à mamãe por isso. – sibilei desdenhosa. – Criou sete lindos monstrinhos em casa. O que foi que eu te disse, Zethi?

Nesse momento, a porta se abriu, e virei num átimo para trás. Mesmo assim, Dorothei não deixou o comando, e sorriu quando viu quem vinha entrando.

– Reunião em família. – Irma disse, numa falsa alegria, enquanto passava e fechava a porta. – Não estão felizes, irmãs? Estamos todas juntas de novo!

– Saia daqui, Irma! – Zethi gritou, debatendo-se na cama de hospital. Eu a contive com o braço, estendendo-o a pouco mais de um metro de distância.

– Pode começar a contar os segundos. – afirmou Dorothei, fazendo meus lábios se esticarem num meio sorriso. – Ouvi dizer que enterros coletivos são muito mais baratos.

– Com certeza iremos precisar de um bom desconto quando dominarmos essa cidadezinha nojenta.

Irma abriu a porta com um mero movimento dos dedos e deu um passo em direção ao lado de fora, sorrindo de modo muito ameaçador para uma criança.

– Jane vai gostar de saber que está de volta. – foi a última coisa que disse antes de sair e fechar a porta delicadamente.

Só então Dorothei liberou a magia que mantinha Zethi contida, e ela conseguiu acertar um punho na minha barriga. Mesmo não liderando mais meu próprio corpo, aquele soco doeu.

– Mate-as, Dorothei! – exclamou, a plenos pulmões. – Não a minha filha! Ela não fez nada!

– Vai fazer. – insisti.

– Você não sabe!

– Adeus, Zethi.

E saímos do quarto às pressas. Eu precisava encontrar Elleonor e Jane ainda, porque algo me dizia que meu tempo estava ficando curto, e me restavam poucas opções as quais recorrer, uma vez que as Sete Irmãs bruxas da Casa Azul estavam de volta a Oxford.

Voltei a assumir meu próprio corpo quando cheguei em casa. Toy estava me esperando ao lado do espelho rachado, mas a última coisa que eu queria agora era olhar pra metade da minha alma que correspondia à criatura mais detestável do mundo. Não importava que eu compartilhasse de boa parte dos seus sentimentos e desejos de vingança e raiva. O que ela estava querendo fazer era inaceitável.

Comecei a chorar quando me lembrei do horror e do desespero de Frida naquela cama de hospital diante da ameaça que eu havia lhe apresentado. Ela tinha razão: Nayse era só uma criança. Era repugnante o modo como Dorothei estava olhando para a situação, tão egoísta e tão má que eu não conseguia acreditar que ela tinha realmente uma parcela da minha alma. No entanto, numa coisa eu concordava com ela: não importava o quanto Frida tentasse, um novo nome e uma nova criação jamais poderiam modificar aquilo que Nayse nascera para ser.

Afinal, se a questão realmente fosse quem havia nos criado nesta nova vida, nada disso estaria acontecendo. Todas nós estaríamos adormecidas de certa forma, apenas vivendo como novas pessoas, ignorando nosso passado e o que nos trouxera até ali, não é mesmo? Eu duvidava seriamente que alguma mãe ou pai de Oxford criara suas filhas para serem assassinas vingativas.

Não, aquilo estava na nossa essência. Era parte da nossa alma enquanto bruxas, como a nossa magia. Nascia conosco, e não importava o quanto tentássemos ser diferentes, estava ali. Mesmo eu, dividida em Malena e Dorothei, duas em uma, não conseguia escapar desse fato. A raiva de Dorothei era a minha

raiva, seus desejos eram meus desejos, seus impulsos, seus pensamentos, sua alma, seu passado, sua traição, sua vingança. Não era diferente com elas.

Naquele dia na fogueira, um século atrás, havíamos condenado as crianças que nasceriam carregando nossa alma. Nenhuma daquelas crianças que haviam sido feitas para nos pertencer na próxima vida havia tido chance ou escolha. Nem mesmo eu. Zethi nunca poderia mudar o que a irmã era e estava destinada a ser, ainda que agora fossem mãe e filha.

Ainda assim, eu estava chorando, porque não podia aceitar que aquela fosse a única saída pra tudo. Eu poderia aceitar, e concordar, e até sentir-me bem, cedendo à vontade de Dorothei e servindo a ela para que nos vingássemos de todas as outras, mesmo que aquilo significasse matar cada uma delas, crianças ou não, com as minhas próprias mãos. Mas não podia aceitar derramar sangue de uma recém-nascida, não conseguiria fazê-lo. Tinha que existir alguma outra saída!

Com uma mão, dei ordem ao espelho pra girar e refletir a parede escura do sótão, enquanto a outra chamava o livro de feitiços e o livro de poções, ambos escondidos estrategicamente do outro lado do quarto. Eles vieram flutuando até mim, e caíram com um baque surdo sobre o meu colchão, soltando uma fina nuvem de poeira. Funguei, recolhi as lágrimas e abri primeiro o livro de feitiços.

– O que está procurando? – Toy me perguntou, enquanto subia na cama com a agilidade que somente um gato poderia possuir.

– Uma opção. – respondi, simplesmente, enquanto virava página por página.

– Uma opção para...? – insistiu, e eu bufei.

– Pra resolver de uma vez por todas esse negócio de vingança. Tem que ter outra opção.

– O que te faz pensar que Dorothei vai permitir que você opte por qualquer coisa?

– Eu tenho minha metade da alma nesse corpo, Toy. Eu vou tirar proveito disso, se for preciso.

Ele não respondeu. Continuei virando as páginas, correndo os olhos pelas linhas infinitas escritas à mão naquele latim que soava como inglês pra mim agora. Tinha que haver alguma coisa ali.

– Pensei que você tinha concordado em ajudá-la. – Toy comentou, então. Olhei de relance para os seus olhos amarelos e curiosos.

– Eu concordei. – disse eu. – Mas ontem, Nayse nasceu.

– E isso significa...

– Que Dorothei quer matar uma recém-nascida! – dizer em voz alta era pior que apenas pensar. Mais umas lágrimas escorreram, mas eu não me importei. – Uma criança.

– Uma bruxa, uma traidora. – o gato complementou, me deixando em chamas por dentro.

– Não estou dizendo que há a mínima chance de ela não se tornar o que nós sabemos que ela vai ser uma hora ou outra. – eu garanti. – Mesmo agora, mesmo tendo um dia de vida, ela já sabe a que veio. Não estou tentando provar nada, nem dar uma segunda chance a ela, porque eu bem sei que ela não merece.

– Qual é a questão, então?

– A questão é que eu não posso carregar essa culpa, Toy. Eu, Malena, não posso.

– Não seria mais fácil, então, que você, Malena, passasse a ser somente você, Dorothi?

Olhei-o, espantada com aquela sugestão. Claro que já havia me passado pela cabeça antes, o quão mais simples seriam as coisas para mim e para minha consciência se eu e Dorothi, as duas metades de uma única vida, pudéssemos simplesmente dar um jeito de nos fundir em uma só, com ela no controle, eu sucumbida e esquecida. Mas, se eu o fizesse, como poderia garantir a segurança de quem eu amava?

Era muito arriscado. Ela podia ser eu, mas ainda era uma bruxa, e ainda pensava grande demais. Se um dia eu sucumbisse, seria milhões de vezes mais fácil para ela assassinar as outras seis e instalar o caos naquela cidade minúscula. Trazer o terror e a magia de volta para Oxford. Eu não podia permitir, se havia qualquer chance de evitar.

– Tem que ter outro modo. – murmurei, somente, e voltei a olhar para o livro. Metade das páginas já havia sido virada e eu ainda não havia encontrado nada. Dava pra sentir o riso divertido de Dorothi em algum lugar dentro de mim, assistindo à cena.

– O que você tem em mente? – ele me perguntou, soando meio desinteressado. Pensei por um segundo, antes de responder; eu não tinha muita certeza quanto àquilo.

– Alguma coisa para apagar a mente, talvez. – sugeri, ao acaso.

Seria uma boa ideia, fazer com que todas elas se esquecessem de quem realmente eram. Se eu pudesse simplesmente apertar o botão de “reiniciar” em suas vidas medíocres, deletando as informações passadas, elas teriam apenas de ser quem quer que fossem nessa vida nova – Tiffany, Frida etc, e criar novas memórias mais simples e mais humanas de uma vida única para preencher o espaço em branco. Muito simples.

Embora, é claro, elas continuassem a ser garotas comuns capazes de movimentar coisas com o pensamento e realizar todo o tipo de façanha mágica. Essa era a parte que eu não poderia mudar simplesmente alterando sua memória. Não assim, pelo menos.

– Inibir a magia... – continuei, após esse último pensamento.

Sem memória e sem magia, o que seriam as irmãs bruxas? Nada. Uma vez que elas estivessem sob controle, sendo apenas reles mortais com amnésia, eu poderia dar atenção a mim mesma. Trabalhar em inibir minha própria magia, consertar o pequeno defeito com a minha alma repartida em dois. Dar um jeito na minha vida como um todo.

– Eu não acho que isso vá funcionar, Malena. – Toy opinou, deitando-se ao lado do livro de poções.

– Por que não? – perguntei, e ele bocejou antes de responder.

– Dorothei é uma bruxa. E ela tem metade da sua alma, e uma força indiscutível sobre você. Vocês compartilham das mesmas lembranças e ambições, então, mesmo que você conseguisse deixar suas irmãs sem memória e sem magia, ainda iria querer vê-las mortas.

– Eu poderia me controlar.

– Tem certeza? Dorothea é a dona da magia aí dentro, Malena. Sem ela, o que você é?

Fiquei quieta. Era um bom ponto de vista.

Sem ela, eu era só humana. E o que uma humana poderia fazer numa situação como aquela?

Muito, eu esperava. No fundo, eu tinha esperança de que a minha força e a minha capacidade fossem além da magia. Eu precisava ser mais do que isso, ou então nunca teria sobrevivido antes de começar a descobrir a magia dentro de mim, certo? Eu não era só humana, eu era uma humana forte.

E eu ia conseguir impedir que o pior acontecesse de algum modo. As bruxas não iam completar sua vingança contra Oxford, ou seu plano de dominação enquanto eu estivesse de pé ali. E tampouco Dorothea iria derramar sangue, fosse ele de adulto ou, muito menos, de crianças; não pelas minhas mãos, pelo menos.

Eu ia provar que eu era alguma coisa mais que Malena Georgina Gordon, a albina de dezesseis anos com meia-alma de bruxa. Eu ia provar que eu era boa e que eu era capaz, mesmo que tivesse que morrer tentando.

Autocontrole

Segunda-feira pela manhã, me levantei e me troquei, sem precisar de muito esforço pra tirar meus irmãos da cama; quando desci para tomar café, tanto Eric quanto Freddy já estavam lá.

– Ah, Malena. – Eric me chamou, quando eu estava abrindo a porta de casa para andarmos até a escola. Olhei pra ele, meio

desinteressada.

– O quê?

– Tudo bem a gente passar pra pegar a minha namorada?

Franzi o cenho. A manhã estava gelada e já era um esforço ter que ir andando até a escola.

– Tudo bem. – acabei concordando. E escancarei a porta da sala, sendo recebida por uma corrente gelada de vento.

Desviamos do caminho usual logo no começo. Eric virou à direita numa das ruas que cortavam a avenida principal, ao invés de seguir reto. Eu me limitei a segui-lo. Andamos a rua quase inteira, até ele tocar a campainha numa casa alaranjada, comum e meio antiga. Esperamos até que alguém viesse atender, e logo estavam destrancando a porta.

Quem saiu era uma garota que devia ser um pouco mais velha que eu e um pouco mais alta. Tinha os cabelos ondulados, castanhos, e um rosto fino, anguloso. Era bonita, mas não só isso. Seus olhos brilharam de um jeito diferente para mim quando eu a olhei com mais atenção, e só então eu vi o que havia de errado com ela.

Elleanor. Meu irmão estava namorando Elleanor. Não que ele soubesse, é claro!

Eles se beijaram, e vieram de mãos dadas até onde eu e Freddy estávamos parados, ele indiferente, eu tentando esconder a ira. Ela sorria, mas eu podia ver que era tudo encenação. Eu a conhecia mais do que isso. Quando pararam diante de mim, ela ergueu uma sobrancelha, sem abandonar seu sorriso falso.

– Malena, essa é Anne von Reese, minha namorada. – Eric apresentou, e eu ergui uma das minhas sobrancelhas claríssimas. – Anne, minha irmã Malena.

– Já nos conhecemos. – Anne declarou, aparentemente divertindo-se.

– Sério? – meu irmão perguntou confuso, e eu assenti quieta.

– Há um tempo. – concordei.

Dei-lhe as costas e comecei a andar. Era preciso muito mais do que autocontrole pra me impedir de fazer uma besteira muito grande ali. Acima de tudo, eu tinha que proteger meus irmãos. Protegê-los do segredo, da parte de mim que eles não conheciam.

Eu teria tempo para me vingar.

Na minha cabeça, eu via todos os pensamentos irados de Dorothi passando em flashes momentâneos. Tudo o que ela queria fazer com cada uma das irmãs, o quanto queria fazê-las sofrer. Fiquei meio assustada quando ela visualizou todas elas em seus novos corpos – a pequena bebezinha da minha tia incluída – sendo queimadas até a morte, como há cem anos. Não era bonito de se ver.

Cheguei na escola ao mesmo tempo que Yara e Ned. Os dois estavam conversando e não perceberam quando eu me aproximei, motivo pelo qual tomaram um baita susto quando eu disse oi. Yara sorriu, em seguida, mas Ned me olhou com uma cara preocupada. Eu sabia o por quê.

Afinal, desde o dia estranho em que eu havia dito a ele que não fazia a menor ideia do que tinha feito durante o final de semana, ele me olhava daquele jeito. Pobre Ned, deve achar

mesmo que eu sou louca. Ele nem sabia o quanto. Aquele era só o começo de uma sequência infundável de loucuras, e seria bom que ele conseguisse esquecer o que eu tinha dito a ele. Eu poderia dar uma forcinha nesse caso, mas seria complicado lançar um feitiço sobre ele sem ser notada.

– Então... – murmurei, desconcertada pelo olhar do meu adorável amigo japonês – O que temos para hoje?

– Eu imagino que você não tenha feito a lição de trigonometria. – Yara começou, e eu torci o nariz em concordância. – Sabia! Tem uns quinze exercícios de trigonometria, e uma prova de inglês.

– Ninguém merece! – exclamei, e Yara riu.

– Precisa de ajuda?

– Com os números!

– Eu te passo a minha lição, se você quiser. – Ned ofereceu, e eu sorri pra ele, feliz que mesmo sua preocupação não interferia em sua amabilidade.

– Seria ótimo! – agradei, e esbocei um sorriso.

As gêmeas, Patrick e Jay já estavam sentados no nosso local de costume quando os alcançamos. Peguei o caderno de Ned e comecei a copiar freneticamente, a cabeça em outro lugar.

A escola não era exatamente algo que me preocupava no momento. Eu não estava nem aí se eu ia repetir o ano, se tinha prova ou se tinha lição. Eu estava mesmo preocupada com Jane. A última irmã que faltava achar. Todas as outras já estavam perfeitamente desmascaradas agora, mas a pior de todas ainda estava escondida de mim. Onde ela estava?

Eu precisava encontrá-la, e bem rápido. Era por ela que eu tinha que começar a minha vingança, porque Jane era o elo mais forte da nossa família. Desde muito antes, naquela outra vida, sua palavra era a palavra final, sua decisão regia as nossas vidas. Agora não seria diferente. Eu precisava derrubá-la para derrubar todo o resto.

Aqueles pensamentos me deram uma súbita ânsia de nojo de mim mesma. Eu estava realmente deixando de ser a Malena e me fundindo com Dorothi. Tremendo perigo! Eu não podia deixar que aquilo acontecesse, porque se eu permitisse, seria o fim da minha proteção sobre aqueles com quem eu me importava. Sobre Frida e sua filha recém-nascida que eu não queria matar. Sobre Oxford, minha nova casa há tão pouco tempo, e as pessoas inocentes que viviam ali. Minha família, meus irmãos, suas vidas tão normais e tão distantes da minha realidade confusa. Minha proteção sobre meus novos amigos, sobre...

Sobre Sam.

Ergui os olhos por apenas um segundo da lição e me desconectei de pensamentos e obrigações. Ele estava lindo como sempre, sorrindo como de costume, andando na minha – na *nossa*, corriji, minha e de meus amigos – direção. Às vezes, eu me enterrava tanto naquela confusão de bruxas e passado e magia e vingança, que me esquecia de como ele me afetava. De como o meu coração quase parava de bater quando ele chegava daquele jeito. De como eu adoraria que minha vida fosse completamente monótona, só para poder ficar do lado dele.

– Malena! – alguém chamou, e eu tomei um susto e me virei pra olhar. Era Yara, que tinha se sentado ao meu lado sem que

eu percebesse.

– Oi. – respondi, vagamente. Minha cabeça ainda estava em Sam. Yara riu.

– Você parece uma boba olhando para ele desse jeito! – comentou, entre risos, e eu sorri meio sem jeito.

– Eu nem percebo.

– Posso te fazer uma pergunta?

– Claro.

– Você está apaixonada por ele, não está?

Suspirei e virei a cabeça até olhá-lo de novo, enquanto cumprimentava Jay e os outros. Ele era tão perfeito, tão doce, tão compreensivo, tão tudo...

– Estou. – respondi, por fim, e sorri. Não pela admissão de algo que eu já sabia há muito tempo, mas porque era legal estar falando de algo perfeitamente normal, só pra variar.

– Então por que vocês não ficam juntos? – Yara me perguntou confusa, e eu chacoalhei a cabeça, mordendo a boca por dentro.

– É complicado. – murmurei.

– Complicado pra mim é entender porque duas pessoas que se gostam não podem ficar juntas. Eu acho que você está com medo.

– Um pouco. – e ao ver a cara ainda mais confusa da minha amiga, resolvi explicar. – É que tem umas coisas acontecendo agora, e eu to com medo do que pode acontecer com ele se eu o envolver nisso, entende?

– Não, na verdade eu não entendo. – ela respondeu, num suspiro. – Que tipo de coisas?

– Uns problemas do passado. É o máximo que eu posso dizer.

Yara não respondeu, apenas me olhou, ainda sem entender. Eu nunca poderia explicar para ela. Não se eu quisesse que ela continuasse sendo minha amiga.

Virei na direção de Sam novamente, e franzi o cenho, sentindo o coração disparar de raiva e ciúmes quando o vi conversando com outra garota. Mas não *qualquer* garota. Cecily. O que ela estava fazendo perto *dele*?

– Quem é ela? – perguntei à Yara, indicando com a cabeça. Ela deu uma risadinha sarcástica e olhou.

– Aquela é Megan Goyle. – respondeu. – É a irmã mais velha do Sam. Não se preocupe, ela não é nenhuma ameaça!

Resposta errada, Yara.

Megan Goyle era uma ameaça mortal. Não só pra mim, mas para Sam.

Principalmente pra ele, caso ela descobrisse o que eu sentia.

Eu estava *tão* ferrada!

No caminho para a sala, já haviam colado pôsteres anunciando o baile que aconteceria dentro de duas semanas. O baile onde Sam seria meu acompanhante, para minha alegria e, agora, desespero. Perguntei-me se seria uma boa ideia que ele fosse comigo àquele baile, se eu não deveria simplesmente dizer que não poderia ir, inventar uma desculpa.

Mas afinal, decidi, até quando ia deixar que elas controlassem a minha vida? Eu era a droga da humana forte, além da garota com alma de bruxa, não era? Eu seria completamente capaz de manter tudo sob controle por pelo menos uma noite, não seria?

Então, eu ia com Sam a esse baile, e nada ia dar errado. Ponto.

Ou pelo menos, eu desejava que fosse assim.

– Ei, Malena! – alguém chamou, enquanto eu ia para o refeitório almoçar, e quando olhei, vi Halley e Hellen, vindo até mim de braços dados e sorrindo. Tentei sorrir também, mas dadas as circunstâncias atuais, estava ficando difícil.

– Oi, meninas. – cumprimentei, com certo esforço. Parecia que eu tinha estado chorando. Elas não se abalaram.

– Você vai ao baile de outono? – Hellen me perguntou.

– Vou.

– Com Sam Goyle? – Hellen indagou em seguida, trocando olhares furtivos com a irmã. Acabei dando risada, enfim.

– É.

– Que lindo! – as duas exclamaram, em uníssono.

– Nós estamos imaginando... – Hellen começou a dizer, mas foi Halley quem terminou a frase:

– Se os seus irmãos já têm um par?

Suspirei. Freddy e Eric, arrasando corações, como sempre.

– Eu não sei sobre o Freddy, mas Eric deve levar a namorada. – respondi, tentando não demonstrar o ódio que me assomou por dentro quando me lembrei de *quem* era sua namorada. Halley fez biquinho.

– Ele está namorando? – perguntou, e eu fiz que sim. – Com quem?

– Anne von Reese, acho que é esse o nome dela.

Alcançamos a porta do refeitório e eu entrei na frente, desviando o olhar delas para procurar a mesa onde os outros já deviam estar sentados, mas não cheguei nem a encontrá-los, nem a escutar o que quer que elas tenham dito em seguida. Meus olhos focalizaram algo muito importante naquela hora.

Jane. Ali, sentada, olhando e sorrindo diretamente para mim com um brilho perigoso no olhar que eu conhecia há muito tempo. Jane em seu novo corpo, de cabelos pretos, jeans escuros surrados, um sobretudo pesado e também preto, maquiagem intensa e o rosto que eu considerei amigo um dia.

O tempo todo, ela estivera mais ao meu lado que qualquer uma das outras. Eu confiei nela, e me diverti com ela. Foi ela quem me mostrou o que eu precisava saber, foi com ela que eu fui até a cartomante para descobrir alguma coisa, e ela tinha sido a única amiga a saber do meu segredo. Ela tinha me ajudado de todas as maneiras possíveis a reviver meu eu passado, e agora eu entendia perfeitamente bem a razão.

Ela tinha feito tudo aquilo pra que eu acordasse e fosse Dorothei de novo, para que eu enxergasse além do externo, para dentro de sua alma, e visse quem ela era de verdade. Ela queria que eu viesse a ser a bruxa, que eu despertasse, porque assim talvez, fosse mais divertido para ela. O tempo todo era Jane, e eu tinha confiado nela!

Em tom de ironia, me lembrei de quando Yara me disse que tinha medo dela, e como eu achei que fosse por causa das roupas e do jeito estranho de ser. Como eu havia sido solidária, chegando a me comparar com ela. Não havia nada de

semelhante em nós duas, e Yara tinha toda a razão, no fim das contas. Eu também teria medo dela, se não tivesse tanto ódio.

Ela se levantou e veio até mim. As gêmeas sorriram e deram um *tchauzinho* animado. Céus! Eu a havia colocando dentro do meu círculo de amizades, perto das pessoas que eu gostava! Até que ponto eu poderia ser tão estúpida? Chegou mais perto e disse:

– Olá!

– E ai, Kathi? – Hellen disse, e passou por nós duas com a irmã, indo até junto dos outros. Kathi me olhou com um sorriso brincalhão, mas eu não conseguia nem ser falsa. Eu e Dorothi éramos uma agora, só ódio e desejo de vingança.

– Talvez nós devêssemos conversar. – ela sugeriu, e eu assenti.

Saímos do refeitório em direção ao lado de fora, à quadra, que não estava sendo usada naquele horário. Minhas mãos tremiam de raiva. Como eu tinha conseguido me deixar enganar daquele jeito?

– Sabe, eu fiquei bastante impressionada quando as garotas me contaram que você tinha finalmente acordado! – ela exclamou, em seu melhor tom de surpresa, ainda de costas para mim. Um milhão de feitiços que eu nem sabia que carregava na memória me passaram pela cabeça, e tudo o que eu queria era matá-la ali mesmo.

– Você me enganou. Esse tempo todo. – falei, para tentar me conter. Estava ficando difícil. Eu ainda era Malena, mas não ia demorar muito até que Dorothi viesse à tona. A minha cabeça já estava doendo.

Kathi se virou e sorriu, um sorriso que eu sabia que jamais pertenceria a ela se eu a enxergasse como costumava fazer dias atrás. Não combinava com sua personagem gótica tão obviamente montada, mas certamente era a cara de Jane.

– Só não entendo uma coisa, Kathi. – continuei erroneamente me referindo a ela como seu exterior. De todas nós, ela era certamente a que mais deixava transparecer seu verdadeiro eu. – Por que me deixou viva?

Ela deu uma risadinha e apertou minhas bochechas. Dei um tapa forte em sua mão, mas ela não se surpreendeu.

– Malena, se não se importa... – ela disse, erguendo uma sobrancelha. – São negócios de família. Tenho certeza de que você entende.

Fechei os olhos e me contrai de dor, enquanto Dorothi passava dos bastidores para a cena em ação. Não me importei com o som fazendo ecos ou com a visão ofuscada dessa vez. – ela lidaria com aquilo muito melhor do que eu.

– Senti sua falta. – Jane disse, com a voz meiga, e Dorothi rolou os olhos.

– Eu posso imaginar. – afirmou, e senti nossos dedos se fechando em punhos. O autocontrole *dela* seria deveras pior do que o meu.

– É bastante curiosa essa sua interação com a garota. – comentou, então, e abriu a mão esquerda enquanto um cigarro e um isqueiro saíam sozinhos do seu bols. – Alma dupla?

– Eu imagino que não.

– Daremos um jeito. – acendeu o cigarro e deu um trago. – Quer?

– *Nós* não daremos um jeito em nada, Jane. – então, Dorothi girou a mão esquerda e fez o cigarro se desfazer em cinzas. Jane limitou-se a rir. – Honestamente, não acredito que duvide das minhas capacidades.

– Que capacidades, Dorothi? – riu-se ela, fazendo nós duas queimarmos de ódio por dentro. – Não me leve a mal, mas eu não tenho medo de você.

– Deveria. – sibilou em resposta. Jane nos olhou com desdém.

– Por quê? Pela sua ira mortal contra nós? Pelo seu feitiçozinho mal feito de cem anos atrás? Pela sua completa incapacidade de se vingar?

– Não. Porque sou eu quem vai matar você.

Seu riso se apagou, e Jane assumiu um tom feroz que reconheci como uma manobra para driblar o medo. Eu e Dorothi sorrimos ao notar que sim, ela estava com medo.

– O gato comeu sua língua? – brincamos. Nessas horas era bem mais fácil pensar como se fôssemos uma só. Então, dei risada.

– Experimente. – ameaçou. Então respirou fundo e voltou a sorrir. – Que tal uma trégua?

– Que tal sermos diretas e honestas? – sugeri. Ela girou os olhos e fechou a cara de novo.

– Você se lembra para que viemos, eu creio.

– Vingança. Dominação. É, eu me lembro bem.

– Vai se juntar a nós?

– Eu irei ser traída de novo?

Jane sorriu amarelo, e eu continuei inexpressiva. Cada vez mais, eu e Dorothi éramos uma.

- Quanto rancor acumulado... – murmurou.
- Não se preocupe comigo, Jane, eu vou ficar bem. – garanti,
- Na verdade, eu começaria a me preocupar com você e com as outras.
- Pretende mesmo levar isso adiante?
- Eu esperei mais de um século por isso, Jane, não ousaria desistir agora.
- Então por que não começa... – abriu os braços e deu uns passos pra trás. – Agora?

Franzi o cenho. Onde ela queria chegar?

- Vamos lá, Dorothei, só estamos nós duas aqui! – insistiu, mais alto agora. – Eu, você e a nossa magia. Uma luta justa.

Não respondi. Não conseguia pensar direito. Aos poucos, ia me separando de Dorothei, voltando a pensar por mim mesma.

Ela queria muito, gritava que aquela era a hora, que precisava matá-la e fazê-la sofrer, fazê-la pagar. Não uma morte rápida. Uma morte dolorosa, sofrida, para fazê-la temer, implorar por ajuda, por misericórdia.

Eu, além da raiva, via a situação por clareza. Nem de longe éramos nós e nossos dons ali. Não mesmo. Estávamos numa escola, uma propriedade pública lotada de pessoas, alunos, professores, funcionários, crianças, pessoas que eu amava e pessoas que poderiam acabar comigo. Nós tampouco éramos as únicas bruxas ali. Uma ação e tudo poderia ir por água abaixo.

Nada disso. Nós tínhamos que ir com calma. Nós podíamos ir com calma. Jane não havia respondido minha primeira pergunta, mas agora eu enxergava a resposta. O que lhe faltara era oportunidade pra livrar-se de mim. Eu estava viva, e estava bem

na frente dela. Se um assassinato era tão simples, porque eu estava viva ainda?

– Não tão fácil. – Dorothi respondeu, partilhando dos meus pensamentos, mas não completamente convencida deles. – Eu tenho paciência, Jane. De sobra.

– E coragem faltando. – afirmou. A raiva inchou minha garganta, mas não nos deixamos dominar por ela.

– Tome cuidado por onde anda. – e lhe demos as costas. – Eu posso vir pegar você.

Jane não respondeu, e nós sorrimos. Não era muito, mas no mínimo havíamos conseguido assustá-la.

Foi difícil me controlar ao longo do dia. Eu estava com um péssimo humor. Dorothi me deixou voltar ao meu posto de comando um pouco depois de o sinal bater, cobrando nada menos que uma migalha de dor por isso. Sinal de que estávamos entrando mesmo em sincronia.

Voltei para casa na companhia dos meus irmãos e de Elleonor. Ela parecia se divertir com a minha raiva, mas veríamos até quando ela iria dar risada. Não por muito tempo. Quando eu acabasse com ela, com cada uma delas, iam se arrepender muito de me subestimar daquele jeito. E como iam.

Joguei a mochila de um lado e chamei o livro de feitiços. Toy juntou-se a mim, mas não se atreveu a dizer nada. Dorothi apareceu no espelho, mas, pela primeira vez, também ficou quieta. Eu estava furiosa. Traída duas vezes, uma no passado, uma agora.

O jogo ia ser diferente dessa vez. Iam jogar conforme as minhas regras, e eu iria eliminar quem merecia. *Quem merecia*. Ainda não tinha encontrado uma forma de poupar Zethi e, conseqüentemente, Nayse, mas era só uma questão de tempo. E quando tudo aquilo acabasse, eu poderia viver em paz de novo.

– Não conte com isso. – Dorothi murmurou, e eu lancei um olhar fuzilador à sua imagem. Uma nova rachadura surgiu no espelho, passando desde o risco central até parte da sua boca.

– Se quer a minha ajuda, vai ter que me ajudar. – afirmei, decidida. Ela não respondeu.

– Você deveria procurar a cartomante. – Toy sugeriu, numa voz monótona. Lá debaixo, minha mãe gritou, me chamando para comer alguma coisa.

– Eu não preciso adivinhar o futuro, Toy, só fazer com que ele aconteça. – respondi, categoricamente. – Já vou! – berrei para minha mãe.

– Ela vai além do puro conhecimento do além, Malena. – o gato insistiu, e eu bufei. – Há livros, há conhecimento mágico, coisas que você não possui!

– Eu não posso confiar em ninguém, Toy! – quase gritei. – Só pra começar, eu fui até lá com a Kathi, se lembra? Direto pra boca do lobo. Se essa Lady Lew sabia quem eu era, ela sabia sobre Kathi também, o que quer dizer que eu não posso me dar ao luxo de confiar nela!

– Lady Lew não é a única clarividente da cidade.

Parei de procurar nas páginas antigas do livro e o olhei por um segundo, confusa e irritada. Era como se ele estivesse falando uma seqüência de fórmulas trigonométricas.

– Céus, eu tenho que pensar por você? – Dorothei exclamou irritadiça, e eu me volvei para ela. – Hugo!

Claro! Hugo! Marido de Frida, filho da vidente! Ela tinha me contado essa história, e eu não dava atenção àquilo quando era tão obviamente importante e decisivo agora!

Levantei-me num salto e comecei a trocar de roupa. Eu ia engolir alguma coisa e ir até o hospital outra vez, mas não para visitar minha tia e irmã desta vez. Hugo ia ter que me ajudar se queria sua família viva.

– Onde você vai? – mamãe me perguntou, quando eu peguei minhas chaves.

– Vou até o hospital. – respondi, apenas.

– Malena, está chovendo!

– Eu não sou feita de açúcar!

– Deixa eu te levar até lá, então!

– Que seja!

Entre no carro e bati a porta, impaciente, enquanto minha mãe dava a partida. A chuva caía em pingos grossos e constantes sobre Oxford, e eu realmente teria virado sopa se tivesse caminhado até o hospital da cidade. Mamãe ficou quieta o caminho todo, apenas me olhando pelo canto do olho.

– Tchau. – eu disse, quando chegamos, mas mamãe me pegou pelo braço. Resisti ao impulso de fazer com que ela soltasse; eu ainda devia respeito a ela. – O que foi? – perguntei, ao invés.

– O que está acontecendo, filha? – ela me perguntou, com o semblante preocupado. Minha raiva diminuiu um pouco e eu respirei fundo.

– Não é nada, mãe, só estou um pouco agitada. – menti em resposta. Ela não pareceu acreditar.

– Ultimamente, parece que você tem estado no meio de uma guerra! Sempre nervosa, sempre calada, sempre estranha. O que há de errado, Malena? Você não era assim!

– Mãe, eu...

Eu *estou* no meio de uma guerra, queria dizer. Eu estou me ferrando ao máximo para deixar você e todo mundo a salvo de um monte de coisas que, com certeza ninguém queria ter conhecimento. Eu estava agitada e estressada e a ponto de explodir se não me controlasse.

Eu adoraria dizer isso tudo. Mas não poderia, é claro. Mamãe fazia parte do grupo de pessoas que nunca entenderia a minha situação e, provavelmente, uma das primeiras a me forçar a procurar ajuda psiquiátrica caso eu abrisse a boca.

– Já vou. – murmurei, por fim. Dei-lhe um beijo no rosto e corri pela chuva até a entrada do hospital.

Era frustrante precisar de ajuda e não poder recorrer. Era terrível saber que estava tudo errado e que todo mundo era cego e não podia fazer nada. Eu queria pôr um fim a isso, mas não podia.

Dei meu nome na recepção e comecei a subir em direção ao andar onde Frida estava internada. Parei após o último degrau e respirei fundo. Eu já havia perdido toda a coragem que me trouxera até ali. Eu não tinha certeza se conseguiria fazer o que era necessário para que Hugo me ajudasse. Eu gostava dele como pessoa. Como poderia simplesmente ameaçá-lo? Até que ponto eu seria cruel?

Até que ponto eu seria Dorothi, e não Malena?

Deixei tudo isso de lado quando o avistei, fechando cuidadosamente a porta do quarto onde estava a esposa. Parecia cansado e abatido. Pudera. Quase perder a filha e a esposa num único dia, e ter que assistir enquanto as duas estavam encarceradas num hospital, impossibilitadas de sair não devia ser fácil. E lá estava eu, para tornar tudo ainda pior.

– Hugo. – chamei baixinho. Ele me olhou e deu um sorriso sem graça, sem vida.

– Oi, Malena. – respondeu, no mesmo tom, e veio até mim.

Hugo estava bem longe do homem que havia acompanhado minha tia naquele primeiro encontro da família, no final de semana em que chegamos à Oxford. Em um mês, ele parecia completamente diferente, e eu sabia o por quê. Estava pálido e mais magro, os cabelos não tinham vida, os olhos estavam avermelhados e havia olheiras sob eles. O hospital não lhe fazia bem.

– Como ela está? – perguntei, optando por enrolar um pouco a conversa enquanto criava coragem.

– Dormindo agora. – respondeu, parecendo mais aliviado – Bem fraca ainda, mas o médico acha que ela vai poder ser liberada até antes da nossa menina.

– E o bebê? – lembrar-se de Nayse me deu um nó na garganta, mas eu ignorei.

– Melhor do que podíamos esperar! Vai ter que ficar mais um tempo porque nasceu muito prematura. Mas ao que tudo indica, vai ficar bem.

Aquela seria uma excelente hora pra soltar uma exclamação positiva do tipo “que bom” ou “torço por isso”, mas eu não conseguia. Afinal, eu nem sabia se realmente achava aquilo uma coisa boa. Parte de mim ainda queria que as duas ficassem naquele hospital para sempre.

E eu realmente senti nojo de mim por isso.

O silêncio pesou, e eu percebi que não poderia mantê-lo para sempre. Suspirei e soltei:

– Preciso da sua ajuda.

Hugo me olhou com certo tom de surpresa, e fez sinal pra que eu seguisse em frente. Olhei para os dois lados, para ter certeza de que não havia ninguém que pudesse escutar, e continuei.

– Eu sei que você sabe. – falei ainda mais baixo. – Sobre mim. Sobre nós.

– Do que você está falando?

– Hugo, você pode parar de tentar se fazer de bobo agora. *Zethi* – e sublinhei o outro nome de Frida, pra que me fizesse bem clara. – Me contou sobre você.

A expressão de Hugo mudou, e ele deixou de estar surpreso para ficar preocupado. Continuou quieto por uns instantes, então eu continuei falando.

– As coisas estão ficando muito ruins, Hugo, e eu realmente preciso da sua ajuda agora. – afirmei veemente. Demorou até que ele tornasse a piscar e a agir de modo humano.

– O que você quer? – indagou-me, por fim, parecendo hesitante.

– Primeiro, preciso saber se você é mesmo filho de Lady Lew.
– respondi.

– O único. – me garantiu, sem parecer feliz com isso.
– E eu posso confiar em você?
– Eu já teria te entregue há muito tempo se não pudesse, Malena.

– Então, vai me ajudar?
– Depende do que você quer de mim.

Suspirei. Nem eu sabia exatamente o que eu queria. Essa era a parte complicada com a qual lidar. Felizmente, eu aparentemente não precisaria fazer nenhum tipo de ameaça, o que era bom; meu lado mau já estava ficando cansado de tanto uso.

– Preciso que me ajude a salvar sua família.

Hugo pareceu ficar ainda mais pálido. Me arrependi de pronto da abordagem que havia escolhido, mas não sabia se havia alguma outra saída. Afinal, era aquilo mesmo que eu queria. Salvá-las.

– Como? – ele me perguntou, num tom de súplica. Meu coração se apertou, tamanha a pena que senti dele.

– Descubra um modo de eu fazer com que elas percam a magia e se esqueçam de tudo. – respondi. – Tudo o que faça relação ao nosso passado. – completei. Hugo torceu o nariz.

– Onde eu vou conseguir isso?

– Sua mãe tem pilhas de livros sobre tudo. Você só precisa trazê-los até mim.

– Tem certeza de que isso vai funcionar?

– É melhor que funcione, Hugo. – bufei e baixei a cabeça. – É melhor que funcione, ou então...

Não precisei completar a frase. Ele sabia quais eram as suas opções.

E eu sabia quais eram as minhas.

Vingança

Hugo apenas tornou a me procurar na quinta-feira. Eu estava chegando da escola, e ele já estava me esperando em casa. Me entregou quatro livros pesadíssimos e empoeirados, parecendo mais aflito do que nunca. Eu sabia que, assim como eu, Hugo estava depositando todas as suas esperanças na possibilidade de achar algum encanto capaz de sugar a magia de Frida e de sua filhinha recém-nascida. Tomei os livros para mim e me enclausurei no sótão antes mesmo que ele tivesse partido.

Toy me fez companhia enquanto eu folheava os livros, escritos também em latim, embora estivessem numa letra muito pior do que a dos meus próprios livros. Era difícil de entender a maior parte das coisas que estavam escritas, mas com esforço e muita paciência, fui avançando.

No primeiro livro, nada. Feitiços curiosos, como instruções para dar vida aos mortos e dez páginas que tratavam somente de sacrifícios – fiz uma pausa no parágrafo que tratava de sacrifícios de seres mágicos. Era tão longo que não consegui acabar de ler para economizar tempo.

No segundo, uma série de feitiços muito mais complicados. Páginas e mais páginas diziam como trocar almas de corpos.

Outras páginas davam instruções para feitiços mudos. Conjurar coisas, fazer desaparecer, lançar pestes, pragas, e uma lista de erros comuns na hora de se praticar um feitiço. Era cômico, até. Eu me sentia presa num livro de J. K. Rowling, aprendendo um monte de coisas bizarras que poderiam ser necessárias futuramente.

Embora eu realmente duvidasse que Harry Potter já tivesse alguma vez na vida passado pela situação em que eu me encontrava, Lord Voldemort poderia ser um páreo duro, mas eu tinha que matar seis garotas de idades distintas que um dia, há muito tempo atrás, tinham sido minhas irmãs. Harry nem ao menos tinha irmãos!

Enfim, achei algo que me interessasse no início do terceiro livro. Apagar memórias. Era um processo complicado, e requeria que eu introduzisse novas lembranças à mente alterada. Eu deveria recitar o encantamento e estar preparada, porque tudo que fosse apagado viria para dentro de *mim*. Não seria fácil.

Na página seguinte, as instruções para novas memórias. Ainda pior. Era impossível fazer tudo de uma vez. Eu teria que tirar os pensamentos de mim mesma e passar para outra pessoa, e tudo teria que ser editado para que não houvesse lacunas. Não importava o quão poderosa eu fosse, ou o quão capaz Dorothi achava que era, nós não conseguiríamos fazê-lo.

A opção, logo, seria deixar as memórias intactas. Talvez, pensei, fosse até melhor assim. Um castigo imenso ter memórias do que se podia fazer e saber que não é mais capaz. Soava até meio poético. Não era de todo uma má ideia. Continuei avançando pelas páginas.

Só no quarto livro achei o que eu realmente estava procurando. Retirar a magia de seres mágicos. Poções, sacrifícios e encantamentos. Várias opções com o mesmo resultado: deixar o sangue limpo de quaisquer traços de magia. Quem quer que fosse subvertido àquele processo jamais poderia fazer um feitiço, ou uma poção, ou o que fosse. Efeito garantido.

O processo era complicado. Eu teria que decorar todas aquelas palavras sem erro, decorar cada passo e estar preparada. Se eu me perdesse, ou se me atrapalhasse de alguma forma, tudo iria por água abaixo. E eu sabia que não poderia mais esperar. Eu tinha que começar logo. E já sabia quem seria minha cobaia.

– Olá, Zethi.

Pronunciei as palavras baixinho, na tarde seguinte. Ela estava sonolenta, mas sorriu quando me viu. Era incrível como ainda conseguia ser simpática e meiga, apesar de tudo o que eu havia feito para ela. Tudo que ainda faria.

Zethi olhou para o livro que eu trazia abraçado ao peito e aos poucos o sorriso se apagou. Passou de meiga a preocupada, e então tornou-se temerosa. Eu sabia o que ela estava pensando. Estava escrito na testa dela, em letras pulsantes.

– Não estou aqui pra te matar. – garanti, então. Ela não pareceu muito mais tranquila.

Hugo abriu a porta – e me assustou por isso – e entrou. Fechou-a novamente com um clique e foi até a esposa, beijando-lhe a testa e envolvendo sua mão com as dele. Senti uma pontada de inveja – eu algum dia teria um amor assim? Será que *Sam* seria esse amor?

Sacudi a cabeça. Não era hora de pensar nisso. Eu estava ali para algo muito mais importante.

– Tudo pronto? – Hugo me perguntou. Eu assenti. Frida olhou de mim para ele, os olhos confusos, a testa enrugada de preocupação.

– Hugo, o que... – começou a dizer, com a voz fraquinha. – O que está acontecendo?

– Fique calma, querida. – ele sussurrou para ela, de modo tranquilizador. – Vai dar tudo certo.

Eu sorri, como se confirmasse alguma coisa. A verdade era que eu não fazia ideia se ia dar tudo certo, de fato. Apenas torcia para que sim, para que eu não tivesse de fazer algo muito pior com elas.

– Eu vim tirar a tua magia. – murmurei, então. Frida ficou quieta por uns instantes, e foi aos poucos relaxando a expressão, até sorrir outra vez.

– Se é o que precisa fazer... – disse, ela. Uma sensação de alívio me invadiu, e eu respirei fundo.

– Me perdoe. – pedi. Não tanto por Dorothei, mas por mim. Por mim, Malena, sua sobrinha, que tanto mal havia lhe causado. Era um peso que eu não suportava mais carregar.

Dorothei bufou dentro de mim. Ela não concordava com o pedido de desculpas. Não importava o quão inocente Zethi pudesse ser, ela ainda era imperdoável a seu ver.

Suspirei e abri o livro na página já marcada. Hugo trancou a porta, e, antes de mais nada, lancei um encantamento sobre ela para que ninguém escutasse nada do que acontecia ali dentro. Era a última coisa de que eu precisava agora.

– S-Senhor das Almas... – droga de hesitação! Pigarreei e recomecei. – Senhor das Almas, ó Senhor de Todas as Almas.

A magia saltou nas minhas veias. Eu podia senti-la correndo com o meu fluxo sanguíneo.

– Vós que dais a magia, vós que dais a sabedoria, vós que dais a vida. – entoei. – Atendei-me.

Pus a mão sobre o peito de Frida, bem onde ficava o coração. Suas batidas fracas se faziam sentir na minha pele.

– Deste teu poder a tão vaga e vil criatura. – errado, tudo errado. Frida não era nada disso, pensei. Por que eu tinha que dizer aquilo? Meu rosto se contorceu de nojo, mas não parei o encanto. – Revogo-lhe a graça de tirar dela o poder que lhe cabe. Senhor das Almas, tira desta que te ofenderes o poder que te pertence. Não permita que manche teu nome pela escória de abusar do que lhe cabe. Puna quem te trago à punição.

Frida abriu a boca, como se fosse gritar, mas nada além de um suspiro saiu. Uma bola de névoa azulada começou a se formar sobre seus lábios entreabertos, e eu soube que estava funcionando. Meu coração palpitava como se fosse pular para fora do peito, e eu estava assustada, temerosa. Não queria, mas *tinha* que continuar.

Como eu podia ser tão injusta?

– Senhor das Almas, limpa este sangue que corre por essas veias que toco. – uma lágrima raivosa rolou pelo meu rosto, e logo eu estava chorando. – Pega de volta tua magia e que sempre esta criatura seja castigada por não fazer jus ao que lhe foi concebido como herança.

A névoa aumentou em tamanho e densidade. Várias lágrimas silenciosas caíram em cascata dos olhos de Frida, e Hugo tentava não olhar. Sua agonia era reflexo da dor da esposa. Era excruciante.

– Assim seja.

Minha mão estava grudada ao coração da minha tia, enquanto o encanto se completava. A névoa, enfim, solidificou-se em uma bolinha azulada flutuante, que subiu e subiu, até desaparecer pouco antes de alcançar o teto. Quando tirei a mão de seu colo, ela estava marcada ali, e eu tinha motivos suficientes para crer que a marca também estava cravada em sua pele.

Olhei para ela, e só via Frida agora. Zethi ainda estava lá dentro, é claro, mas nada era além de uma alma com recordações sobre suas vidas passadas. Não havia perigo nela agora. Nenhum traço da magia que corria em suas veias. Por dentro, ela parecia murcha; por fora, exausta.

Estendeu a mão, num movimento que eu sabia que deveria atrair alguma coisa, mas nada aconteceu. Então, sorriu entre as lágrimas, aparentemente feliz com o resultado. Eu não conseguia dizer o mesmo.

Fui embora sem dizer ou escutar mais nenhuma outra palavra. Estava feito, e eu a havia livrado da morte horrível que certamente infringiria às outras depois de deixá-las indefesas – mesmo assim, eu me sentia péssima. Injusta. Cruel.

Talvez, o Senhor das Almas devesse ter levado a minha magia. Se eu voltasse a ser a droga da humana normal, minha vida seria mais simples. Nada de salvar Oxford, ou aquela confusão de bruxas e futuros assassinatos e passado turbulento. Não. Eu

poderia me preocupar com coisas simples, como as próximas provas, ou que vestido usar no baile da semana que vem.

Mas se eu fosse tão justa, seria ao mesmo tempo muito egoísta. Se eu perdesse minha única arma, o que mais me disporia a perder? Quem pararia as bruxas à solta pela pequena cidade de Oxford, planejando Deus sabia o quê? O meu próprio bem e felicidade era o que menos importava agora. Ainda mais com tanto a perder.

Sexta.

Sábado.

Domingo.

Gastei praticamente dois dias inteiros repetindo o feitiço para mim mesma. Tudo porque, naquele domingo, eu ia até a casa de tia April, onde também morava minha avó Martha, que faria o meu vestido para o baile da semana que vem. Mais do que isso, aquele era o dia de acertar as contas com Tiffany.

Irma era, desde sempre, a irmã que eu mais detestava depois de Jane. Desde que eu era pequena, lá na outra vida, Jane, Irma e Elleanor pregavam peças em mim. Cecily e Nayse costumavam ser neutras, antes de Zethi demonstrar preferência por mim; foi então que passaram para o lado negro.

Seria realmente um alívio poder olhar nos olhos de Irma enquanto ela perdia seus poderes. Uma onda súbita de prazer me assomou, enquanto eu me trocava para ir com a minha mãe até lá. Eu não fazia ideia ainda de como conseguiria um momento a sós com ela, mas o faria. E a faria pagar, ainda que ficasse devendo algumas prestações.

Dorothi rugiu com satisfação dentro de mim, quando nós estacionamos na frente da belíssima casa rosada onde meus tios moravam. Tio Anthony estava do lado de fora, empoleirado numa escada comprida de madeira, consertando a calha do telhado. Gritou um olá e sorriu, como sempre, ao nos ver.

Não foi necessário batermos à porta. Tiffany em pessoa nos recebeu, e sorriu como uma boa menina para a minha mãe, como uma bruxa desafiadora para mim. Retribuí o olhar sem medo, e ela pareceu vacilar diante da minha determinação. Meu cérebro repassava de minuto em minuto todos os passos e frases do feitiço que eu teria que executar hoje.

– Já escolheu a cor? – ouvi minha avó perguntando. Acordei do transe em que estava submersa e lembrei onde eu estava.

Estávamos no quartinho dos fundos, que vovó chamava carinhosamente de seu “ateliê de costura”. As paredes eram de um amarelo bem clarinho, com um papel de parede meigo lotado de figuras de agulhas e novelos de lã. Havia um espelho enorme cobrindo quase toda a parede do fundo, e mais um na parede do lado direito.

No outro canto, um baú, prateleiras e uma confusão de linhas e panos. No centro, uma plataforma para as provas. Entre um e outro, alguns pufes, onde minha mãe e Tiffany estavam sentadas.

Tentei não me distrair, e caminhei com a minha avó até onde estavam todos aqueles panos. Azul, verde, roxo, carmim. O que eu queria? O que ficaria melhor? Qual deles *Sam* iria gostar?

Antes eu soubesse. Torci o nariz, incerta. Enquanto isso, vovó encostava vários tecidos de cores diferentes sobre a minha pele.

– Tudo parece escuro demais em você! – exclamou, impaciente. – Tantas coisas boas nessa família, e nasce albina como o seu avô!

– Vovô era albino? – perguntei, surpresa. – Ninguém nunca me contou!

– Sim, sim, ele era. – respondeu, com um sorriso gentil. – Cancelei meus planos de lua-de-mel em Miami por causa dele!

Limitei-me a soltar um risinho. Era legal saber disso. Eu não era a aberração da família, afinal. Ou pelo menos, não era a única.

– Que tal esse? – ela me perguntou, de repente. Virei a cabeça lentamente para ver o que estava tentando me mostrar.

Era simplesmente o tecido mais bonito do mundo. Era delicado e diferente, brilhante. Parecia prateado, mas dependendo do ângulo sob o qual era observado, ou a luz que refletia, parecia azulado, esverdeado, até avermelhado.

– É perfeito! – conclui, e vovó sorriu, vitoriosa.

Sentamo-nos e começamos a pensar no modelo do vestido. Não podia ser exagerado, pois afinal, era apenas um baile. No entanto, não podia ser simples demais, porque era o meu primeiro baile. Eu devia parecer a princesa certa para o meu príncipe, mas não precisava gritar isso para todo mundo ouvir. Tinha de ser sutil.

Decidi por um vestido cuja saia alcançava meus joelhos, aberta e estufada como a de um vestido da década de sessenta. Ombros à mostra, decote em coração, pois eu não tinha lá tudo isso para preencher o bojo. Delicado e bonito.

Vovó começou a cortar o tecido, enquanto falava com a minha mãe, que pediu à Tiffany que trouxesse tia April para lá. Ela concordou e saiu, sem olhar pra trás. Percebi que aquela era a minha chance, talvez a única. O coração acelerou enquanto eu saía, justificando que precisava ir ao banheiro, e ia sorrateiramente atrás da minha prima.

Tiffany entrou em casa e fechou a porta. Eu a abri, passei e deixei encostada, para não fazer barulho. Subi a rampa – como tia April usava cadeira de rodas, as escadas da casa tinham sido trocadas por rampas – logo atrás dela, e esperei enquanto ela caminhava até o final do corredor estreito.

Respirei fundo, e agi.

Antes que ela pudesse bater à porta, como pretendia, ou chamar, ou fazer qualquer outra coisa, eu avancei no corredor e preendi seus braços para trás com o movimento de uma das mãos. Virei seu corpo na minha direção e tapei sua boca com a outra, e comecei a forçá-la a me seguir, enquanto procurava um cômodo.

Achei o banheiro, ao escancarar uma das portas. Teria que dar.

Sem dó, puxei Tiffany para mim e a coloquei contra a parede. De relance, pensei ter visto nossos reflexos no espelho – nossos reflexos antigos. Como se ali, fôssemos Irma e Dorothei não só por dentro, mas também por fora.

Ignorei essa pequena miragem, e comecei a dizer, baixinho, enquanto ela se debatia.

– Onde está a Tiffany? – mamãe me perguntou, quando eu cheguei no ateliê trazendo tia April. Pela primeira vez desde que

eu a conhecia, ela parecia feliz. E eu entendia o porquê.

– Preferiu ficar lá em cima. – respondi. Menti, para ser mais exata.

O negócio é que o efeito colateral do feitiço, além da linda marca de mão sobre o peito, era o cansaço. Tiffany estava esgotada depois de ter sido limpada de toda a sua magia. Eu havia terminado o que tinha de fazer e deixado que caísse, quase inconsciente, no chão do banheiro, enquanto ia pegar minha tia. Fosse satisfação, fosse Dorothi cada vez mais presente no meu eu, eu não estava me sentindo mal por isso.

Me sentei num dos pufes livres e sorri para mim mesma. O gosto da vitória podia não ser tão intenso como se eu a tivesse matado, mas certamente fazia com que eu me sentisse bem. Não só eu, mas Dorothi. E isso bastava.

– Não está meio tarde para sair de casa?

A pergunta surgida do nada naquela voz desinteressada me deu um susto tamanho que eu quase gritei. Olhei pra trás num salto, e dei de cara com Toy, me encarando nos seus grandes olhos amarelos felinos.

Já passava da uma da manhã, e eu tinha aula na manhã seguinte. Mesmo assim, eu tinha acabado de levantar e me trocar para sair. Às escondidas, claro. Ninguém poderia sonhar que eu estava saindo àquela hora, parecendo mais uma fugitiva.

A minha intenção era ir até a casa de Anne von Reese, invadir seu quarto e surpreendê-la quando o feitiço já estivesse em andamento. Claro que seria complicado, mas eu devia me aproveitar do fato de que eu era uma bruxa, afinal de contas.

Qual a dificuldade em abrir portas e caminhar em silêncio para alguém que conseguiu fazer uma porta de vidro explodir só por ter perdido o controle?

Nenhuma, eu esperava. Mas se eu fosse surpreendida por um humano da mesma forma como havia sido pelo meu próprio gato, eu realmente poderia ficar muito decepcionada comigo mesma.

– Eu tenho que ir, Toy. – sibilei pra ele. Qualquer mínimo barulho era demais àquela hora.

– Vai visitar quem? – perguntou-me, caminhando até mim com suas patas finas e fofas.

– Eleanor. Você vem?

– E quando eu não te acompanho?

Segurei o riso. Dorothei podia achar que ele era meio irritante, mas eu o achava hilário. Eu tinha certeza de que ninguém tinha um gato como aquele!

Toy me acompanhou enquanto eu saía furtivamente de casa, mais uma vez repassando o feitiço na minha cabeça. Tomei o cuidado de sair pela porta dos fundos, destrancando-a com o máximo de cuidado possível, girando o dedo em frente à fechadura. A parte legal de ser uma bruxa.

Estava congelando lá fora. Meu palpite é que, em pleno outono, a temperatura estava abaixo de zero. Andei rapidamente pelas ruas completamente vazias e silenciosas, com Toy correndo ao meu lado, enquanto tentava esquentar as mãos, atritando-as uma contra a outra.

Não foi difícil achar a casa de Anne. Eu me lembrava bem do caminho que eu e meus irmãos tínhamos feito naquela semana,

e não precisei tentar duas vezes. Achei a casa alaranjada e respirei fundo.

Era a hora da invasão.

– Toy, acha que pode descobrir o quarto dela pra mim? – perguntei, baixinho. Ele hesitou, olhando atentamente para a casa à sua frente.

– Vou tentar.

Esperei enquanto ele, agilmente, circundava a casa. Em algum ponto, achou um modo de subir e ficou caminhando graciosamente no parapeito das janelas. Então, voltou à parte de trás da casa e desceu para me encontrar.

– Primeira janela da frente. – me disse, por fim. – Seu lado esquerdo.

Olhei dele para a janela, sentindo o coração pulsar cada vez mais forte. Andei até a porta da frente e fiz com ela o mesmo que havia feito com a minha própria porta. Destranquei-a no maior silêncio que me foi permitido e entrei.

Andei pela casa bonita e bem arrumada como se cada passo fosse precioso. Fui rápida e sem fazer barulho até o andar de cima, onde andei em direção ao único lado que possuía duas portas ali. Abri a primeira à minha direita, cuja janela certamente corresponderia à primeira da minha esquerda do lado de fora. Ninguém me escutou.

Estava escuro lá dentro, mas eu não podia fazer nada. O único som era a minha própria respiração agitada, e o sono pesado de alguém, que suspirava e se mexia na cama. Eu devia estar no quarto certo. Tomei a liberdade – e o risco – de abrir um pouco a janela para iluminar o mínimo que fosse do cômodo, e só então

me certifiquei de que era mesmo o quarto de Anne que eu estava invadindo.

Acalmei meu coração com dois goles profundos de ar, mas sentia que lá dentro ainda havia algo vibrando de excitação. Algo que eu não podia conter. Dorothi poderia animar-se o quanto quisesse, desde que não me atrapalhasse. Não só por mim, fazia aquilo também por ela. Era a vida, a morte e os problemas vividos por *ela* que eu estava vingando, não por mim. Ela devia saber disso.

Entoei as primeiras palavras, as primeiras frases, e nada. Anne continuou dormindo. Mas de repente, como se soubesse o que eu faria a seguir, ela virou de barriga para cima, deixando os braços penderem ao lado do corpo. Perfeito. Com calma e sutileza, coloquei a mão sobre seu coração, enquanto continuava a entoar o encanto e a névoa azulada tornava-se cada vez mais densa.

Só então, Anne acordou.

Acordou, mas não emitiu som algum. Apenas abriu os olhos como se eu arrancasse um órgão dela a sangue frio, lágrimas escorrendo e encharcando seu rosto bonito. A boca que estava apenas semiaberta se escancarou como num grito que nunca saiu, e a cabeça foi se inclinando para trás, elevando seu peito, onde minha mão estava grudada.

Eu só podia imaginar a dor que aquilo lhe devia causar, e eu não conseguia sentir pena dela por isso. Como acontecera quando eu condenara Tiffany, fazer com que ela sofresse me deixava bem. Ela estava tendo o que merecia, afinal. Eu era um carrasco justo, ninguém podia negar.

Quando estava acabado, Anne despencou com um baque surdo sobre seu próprio colchão, os olhos ainda abertos olhando para o nada. Parecia louca ou algo pior. Seria triste se eu não achasse tão bem feito. Deixei a casa no mesmo cuidado e silêncio com o qual havia entrado e fui para casa, onde comemorei com Toy a minha vitória bebendo água, e então fui dormir.

Nem mesmo a exaustão na segunda-feira de manhã era capaz de apagar minha sensação de vitória. Nenhum sangue havia sido derramado, e três já estavam neutralizadas. Assim que Frida saísse do hospital com a filha, eu poderia cuidar de Nayse, e ela deixaria de ser uma preocupação para mim também.

Então, só restariam Jane e Cecily. Kathi e Megan. As duas piores de serem pegas.

Megan Goyle era um problema pela simples questão: ela era irmã de Sam. Pensar em qualquer coisa que pudesse atingi-lo de alguma forma me doía mais do que a possibilidade de deixá-las livres de punição. Eu não podia simplesmente fazer com ela o que havia feito com Anne. E se eu invadissem a casa numa madrugada e Sam acordasse por que estava com sede? E se ele me pegasse, ou flagrasse-nos enquanto eu fazia o feitiço, e descobrisse a verdade? O que eu faria?

Eu podia arriscar tudo, menos Sam. E eu só tinha aquela semana, se queria que o dia do baile realmente saísse melhor que o sonhado.

Passei a manhã toda pensando naquilo, sonolenta. Ned teve que me cutucar três vezes durante a aula de Trigonometria, porque eu havia pegado no sono. Yara fez o favor de me passar suas anotações, depois que eu contei a mentira ridícula de que meu irmão tinha passado mal a noite toda e não havia me deixado dormir. Considerando que eu tenho seis irmãos e não especifiquei qual deles não estava bem, eu tinha sido bem convincente.

Na terça, eu ainda não tinha solução. Tampouco na quarta, enquanto pensava e folheava os livros que Hugo me emprestara. De relance, vi Dorothi aparecendo no espelho.

– O que você está fazendo parada? – ela me perguntou, em seu melhor tom insolente. Eu não lhe dei atenção.

– Lendo. – respondi, com certa ironia. Ela bufou.

– Você está dando muita importância a este garoto Sam! – exclamou, cheia de desdém, e eu senti o estômago borbulhar de raiva pelo modo hediondo com que dizia o nome dele. – Faça o que tem de ser feito! Eu estou te deixando escolher, estou te deixando ser *boazinha*, Malena! O que mais você quer?

– Quero que você cale a boca e me deixe pensar!

– Falando sozinha, meu bem? – uma outra voz me perguntou, e eu fechei o livro automaticamente enquanto erguia o olhar para encontrar o da minha mãe.

– Não, eu... – pensei numa mentira rápida. – Estava falando com o gato.

Mamãe assentiu, franzindo a testa e sorrindo. Ela estava acostumada ao fato de eu ser estranha, mas nada nesse nível de anormalidade. Olhei para os lados, e vi que Toy não estava lá, justamente quando eu mais precisava dele. Gato idiota!

– Ele estava aqui, miando, há um minuto. – completei, com um sorriso amarelo. Mamãe suspirou e se aproximou.

– O que está lendo? – indagou, então, e eu empilhei os livros e os coloquei ao lado da cama, no chão, longe do seu alcance.

– Aqueles livros que o Hugo me emprestou, eu ainda não os devolvi.

– Certo... bem, filha, arrume-se, sim?

– Aonde nós vamos?

– Vamos até a casa da sua avó Dina, comemorar! – deu um sorriso e se virou pra sair do quarto. – Sua tia Frida e Linda saíram do hospital!

Assenti, calada, enquanto ela se retirava. Linda. Então esse era o novo nome de Nayse. Bonito. Combinava com ela. Nayse tinha sido a mais bonita de nós sete na outra vida, e certamente seria encantadora agora também, sendo filha de quem era.

Me troquei, animada. Mais uma bruxa para tirar da minha lista.

A comemoração era intensa quando chegamos à casa dos meus avós. Todos comemorando, todos felizes. Frida estava sentada com Linda em seus braços numa poltrona, Hugo de pé ao seu lado com um sorriso bobo na cara e várias pessoas em volta. Apenas nos olhamos quando cheguei, e ela se limitou a sorrir e assentir. Seria hoje, mas não agora.

Tiffany estava emburrada num canto da sala, sentada ao lado da mãe, que parecia mais jovem e mais contente do que nunca. Na minha mente, tentei recriar a possível infância de Irma em sua nova vida e os sofrimentos pelos quais minha tia teria passado. Não me surpreenderia se descobrisse que Tiffany era a causa de tia April estar na cadeira de rodas. Eu tinha mesmo feito um bem para humanidade ao drenar seus poderes. Ela sequer me olhou quando passei por ela.

Era quase dez horas da noite quando Frida se levantou e começou a subir as escadas em espiral, ainda com Linda nos braços. Ninguém, além de Hugo e eu, notou sua saída discreta, e eu fiz o possível para chamar o mínimo possível de atenção também, enquanto subia atrás dela. Depois de mim, veio Hugo,

e logo nós três – quatro, contando com a pequena Linda – estávamos reunidos no escritório do meu avô.

Os braços de Frida estavam trêmulos em volta da filha. Ela sabia bem a dor pela qual a pequena iria passar, e não queria isso. Não queria que um bebê tão frágil e tão pequeno sofresse. Eu não sabia os efeitos que o feitiço poderia causar numa recém-nascida prematura, mas não poderia adiar aquela atitude por muito mais tempo. Era agora ou nunca. Era a dor ou a morte.

– Faça. – Frida sussurrou, quando hesitei, parada de pé à sua frente.

Olhei bem para Linda. Estava sonolenta e mal abria os olhos. Era tão minúscula que poderia ser quebrada se alguém a pegasse sem o devido cuidado. Tremi só de pensar no que eu poderia causar ali, mas minha tia insistiu:

– Faça.

Bufei e esfreguei os olhos. Pus os cabelos quase brancos pra trás das orelhas e esfreguei as mãos antes de começar tudo de novo.

– Senhor das Almas... – comecei, e a magia correu pelas minhas veias.

Assisti novamente ao encantador, hipnotizante e doloroso processo da magia deixando um ser vivo, formando uma névoa sobre o mesmo, que se condensou em formato de bola. Linda resmungou e chorou baixinho. Não devia ser uma criança barulhenta, pensei, agradecida. Pus a mão o mais suavemente que pude sobre seu peito diminuto e torci para que não doesse. Rezei para que não doesse.

Então acabou, e ela estava marcada. Marcada e limpa. Marcada, limpa, cansada e, o mais importante, viva.

Respirei, aliviada, enquanto os deixava para trás. Agora que a parte fácil tinha sido concluída, eu podia realmente começar a quebrar a cabeça com a parte difícil.

E que Deus me ajudasse!

Baile

Quatro horas da tarde daquele sábado.

Mais três horas e Sam viria me buscar para irmos juntos ao Baile de Outono da escola, que arrecadava fundos para a formatura do último ano.

E eu estava ansiosa. Mais que ansiosa. Uma pilha de nervos.

Cada minuto parecia ser crucial, e eu não conseguia pensar em outra coisa além de tudo o que aquele baile significava, e como a noite não poderia sair do meu controle por nada. Talvez, se eu mantivesse a calma, nada desse errado.

Mas qual era a probabilidade de nada dar errado se, além de mim, havia ainda duas bruxas soltas com plenos poderes? E se ambas estudavam na mesma escola que eu, e logicamente iriam ao baile? Pior, como manter a calma sabendo que uma das bruxas fazia parte da família Goyle?

Eu queria me atirar dum penhasco numa hora dessas. Mas é claro que, se eu me atirasse de um, não iria ao baile com Sam. E deixaria a cidade entrar em colapso. E tudo que de ruim

acontecesse seria exclusivamente minha culpa, porque só eu posso impedir.

Nem morrer em paz eu posso.

Mamãe estava mais feliz do que eu, tagarelando sobre seus antigos namorados, e sobre os bailes do seu tempo e o que devia fazer com o meu cabelo. Às cinco horas, me colocou sentada numa cadeira em seu próprio quarto e começou a trabalhar, puxando meus fios. Eu estava pensativa demais para sequer sentir. Estava aflita.

Não escutei metade de tudo o que ela falou, mas suponho que tenha concordado com quase tudo. Era o que eu costumava fazer quando estava distraída demais pra prestar atenção, o que geralmente implicava em coisas desastrosas, tipo um penteado muito feio. Mas não importava muito. Não agora.

O que importava era aquela noite e só. O que aconteceria durante ela, se aconteceria alguma coisa. Se eu seria capaz de protegê-lo enquanto estivesse comigo. E se eu teria pelo menos uma noite humana após aqueles meses tão imprevisíveis.

Às seis da tarde, eu estava com cabelo e maquiagem prontos, e sequer tinha me olhado no espelho ainda. Mamãe disse que eu estava linda, papai me olhou com ciúmes, meus irmãos só queriam saber quem era meu acompanhante. E eu ali, alheia a tudo e qualquer coisa, num transe constante, calada e pensativa.

Eu precisava parar com isso antes que Sam chegasse. Eu tinha que ser uma garota perto dele, não um robô idiota!

Então, às sete...

Eu estava no sótão, e tinha acabado de colocar o meu vestido e calçar as sandálias. Me sentia alta e nervosa. Respirei fundo

várias vezes, tentando ignorar o fato de que até Toy me observava como se eu fosse uma peça estranha. Eu estava realmente perdida. Então, escutei a buzina.

Corri – do modo bizarro como uma garota de salto alto pode correr – até a janela ao lado da cama e olhei. Sam estava descendo de uma picape preta meio velha e suja, os faróis acesos iluminando a nossa rua vazia ao finalzinho do crepúsculo no horizonte. A campainha de casa soou e eu suspirei.

Era chegada a minha hora. Primeiro baile com o meu príncipe encantado, cercada por todas as bruxas malvadas. E a pior parte? Nada disso era um conto de fadas.

Peguei minha bolsinha prateada minúscula, que só tinha o meu celular e algum dinheiro dentro, e desci as escadas saltitando. O coração se inchou e começou a bater acelerado, do jeito como só fazia quando Sam estava por perto. O transe foi aos poucos se desfazendo para dar lugar à alegria iminente da sua chegada. Como eu conseguiria ficar preocupada, ansiosa e nervosa por qualquer outra razão quando ele estava por perto? Sam era como uma anestesia ambulante para mim: inibia tudo à minha volta, e só ele fazia efeito.

Meu pai abriu a porta, e Sam ergueu a cabeça e o olhar. Ambos para mim.

E ele estava perfeito, é claro.

Eu sempre achei estranho homem usando *smoking*. Deixava qualquer um parecendo um garçom, ou um pinguim, como costumavam dizer. Mas Sam Goyle, como sempre, era a diferença entre qualquer homem e o homem dos seus sonhos. Ele estava perfeito de terno e gravata, como se tivesse nascido

para usar somente roupa social. Tão lindo como ficava em qualquer outra roupa, os olhos verdes cintilando para mim.

Para mim. Eu era a droga da garota mais sortuda da Terra numa hora dessas, ainda que a minha sorte não fosse durar por muito mais do que uma noite. Se eu pensasse bem, uma noite podia ser tudo o que eu precisava. Eu só tinha que saber usá-la.

Fui ao encontro dele a passos curtos e lentos, sorrindo tanto que poderia rasgar os cantos da boca. Ele me entregou uma única margarida que, suspeitei, tinha sido tirada de algum canteiro no seu caminho para lá. Tomei-a para mim e a coloquei atrás da orelha. Ele riu, e meu pai pigarreou.

– Não volte tarde. – mandou, e eu assenti sem nem olhar na sua direção.

– Eu vou cuidar dela, senhor. – Sam disse, com um meio sorriso, e pareceu necessitar de todo o esforço do mundo para olhar para o meu pai.

Então, me estendeu a mão, e eu a peguei com um pequeno suspiro. Saímos, e papai fechou a porta.

– Você está linda. – me disse, então, e eu sorri, encabulada.

– Você também está. – afirmei, e ele abriu a porta do carro para mim. Me ajudou a entrar, e então deu a volta para assumir o volante.

Não conversamos muito no curto caminho até a OSD. Era estranho vê-lo dirigir, fazia com que parecesse muito mais velho do que eu. Embora a idade necessária para se tirar carteira de motorista nos Estados Unidos fosse de dezesseis anos, eu ainda não tinha a minha, e mesmo meus irmãos mais velhos que já tinham quase não dirigiam porque nenhum tinha carro próprio.

Eu estava tão acostumada a ver praticamente só meus pais dirigindo um carro que era no mínimo diferente ver Sam dirigindo um só seu.

Sam entrou no estacionamento da OSD, que antes eu nunca tinha visto alguém usar. Como a cidade era pequena, praticamente todo mundo ia a pé para a escola todos os dias, só optando por tirar o carro da garagem em caso de chuva matinal. Hoje, por causa do baile, o estacionamento estava lotado de carros que eu nunca me lembrava de ter visto, todos de modelo antigo e a maioria tão sujo quanto o que Sam dirigia.

Mais uma vez, ele abriu a porta pra mim, e não só me ajudou a descer como me ajudou a andar e manter o equilíbrio naquele terreno tão inconstante da escola. Seguimos o som e o fluxo de pessoas, todas se dirigindo para o refeitório e para a quadra coberta, ambos praticamente lado a lado.

Resolvemos seguir o grupo que ia ao refeitório, e adentramos um local completamente novo, então. As lambadas haviam sido substituídas por uma iluminação mais cálida e baixa, e as mesas riscadas e sujas haviam sido retiradas para dar lugar a mesas redondas, cobertas por toalhas brancas de renda e cercadas por seis cadeiras cobertas com tecido branco. O chão havia sido meticulosamente varrido e limpo, e agora parecia brilhar como novo. As paredes pareciam ter sido repintadas nas cores da escola, e tudo que se quisesse comer ou beber era servido nas mesas por garçons treinados.

Tão chique!

Sam e eu parecíamos brilhar como se estivéssemos cobertos de purpurina, pelo modo como todo mundo nos observou

quando chegamos. De braços dados, caminhamos por entre as mesas até chegar à mesa onde Yara estava sentada com Ned – eles haviam vindo juntos? – e as gêmeas Nelson. Jay vinha desfilando com as mãos no bolso, vindo do outro lado. Sam puxou uma cadeira para mim e eu me sentei ao lado de Yara.

– Malena, você tá um arraso! – ela exclamou para mim, e eu tive que rir. Era estranho ver Yara, sempre tão polida com tudo o que dizia, falando daquele jeito. Ela levou um gole de ponche à boca, e eu percebi que talvez pudesse conter álcool. Era uma boa explicação.

– Obrigada. – agradei, e pela primeira vez a observei atentamente.

Yara estava usando um vestido lilás reto, cuja saia ia até os pés, como todas as demais que ela costumava usar. Era todo bordado com pedrinhas peroladas, as mesmas que formavam as alças do vestido. Por cima dos ombros, um xale de tricô quase da mesma cor do vestido.

– Você também tá muito bonita. – afirmei, e ela sorriu daquele seu jeito único, colocando o cabelo preto pra trás das orelhas.

Era a primeira vez que eu a via de cabelos soltos e maquiada. O rosto de Yara era muito bonito, e a maquiagem, mesmo suave, realçava essa beleza. Seus cabelos grossos tinham sido penteados e alisados, e ela parecia muito mais mulher do que jamais parecera.

– Tá muito bonita mesmo. – insisti, e Ned assentiu, em concordância.

– Obrigado por isso! – ele disse. – Estou tentando convencê-la desde que chegamos.

– Vieram juntos? – perguntei, como quem não quer nada. A morena com traços hispânicos e o japonês de moicano não pareciam exatamente um bom par, mas ficavam melhores junto do que eu esperava. Yara deu de ombros.

– Sim. – Ned me respondeu, parecendo contente. – E Halley veio com Jay, e Hellen veio com o seu irmão Freddy.

– E onde está ele?

– Saiu um pouco antes de você chegar. É melhor ele não demorar, ou Hellen vai ter um piripaque.

Nós três demos risada, e eu olhei para as gêmeas, então. Ambas usavam os cabelos presos em coques altos e bem arrumados, mas Halley estava de vermelho e Hellen estava de rosa. Eu tinha aprendido a diferenciá-las muito bem de setembro para cá, e já não as confundia com a mesma frequência. Era ainda mais fácil saber quem era quem, pois, ainda que estivessem conversando, uma delas olhava para os lados a todo momento, procurando por alguém. Considerando que Jay estava bem atrás de mim conversando com Sam, aquela só podia ser a Hellen procurando pelo meu irmão.

Uma mão tocou meu ombro, e eu olhei para cima. Era Sam, me olhando meio sério, meio sorridente. Como se sorrisse com o olhar, de um jeito inexplicável e único. Um sorriso que era só para mim.

– Vamos dançar? – sugeri, e eu assenti, hipnotizada. Nem sabia dizer se estava sorrindo de volta ou não.

– Claro.

Aceitei sua mão e me levantei, acompanhando-o de braços no caminho do refeitório até a quadra, que agora era uma pista de

dança.

Não era mais um ginásio de esportes. Era uma enorme pista de dança com arquibancadas. No alto do teto, havia sido preso um globo de espelhos e várias estrelas de vidro, que refletiam e refratavam as luzes coloridas como prismas. Máquinas de bolhas e de fumaça estavam escondidas nos cantos, e não dava para ver o chão da quadra, devido à enorme e espessa camada de fumaça que o cobria, e várias bolhas de sabão minúsculas giravam pelo ginásio, para alegria geral. A mesa do DJ estava postada a um canto, entre a arquibancada frontal e a direita. As traves e cestas haviam sido retiradas, dando lugar a postes com caixas de luz e de som.

A música estava agitada, e a quadra estava cheia. Não só alunos, como ex-alunos e conhecidos e, eu suspeitava, até amigos das escolas de cidades vizinhas. O baile estava, basicamente, lotado. Oxford podia ser uma cidade tremendamente pequena e a OSD poderia ser uma escola do tamanho de um ovo, mas definitivamente aquele pessoal sabia como fazer uma festa.

Dancei, dancei e dancei. Me diverti e conheci um monte de gente. Sam me apresentou a um monte de amigos que, como eu suspeitava, tinham vindo de Winfield, e faziam parte do time contra qual a OSD havia jogado naquele final de semana em que eu estive apagada. Fingi que já os tinha visto e cumprimentei a todos com toda a educação que me cabia, tentando não ficar nervosa pelo que eles me faziam lembrar.

Também conheci alguns calouros e alguns veteranos que eu não conhecia. De relance, vi Eric passando com Anne. Ela não

parecia nada bem; pálida e cansada de uma forma que nem sua beleza nem a maquiagem poderiam esconder. Mas estava se esforçando, e eu sorri de prazer. Era divertido para mim.

O ritmo das músicas foi diminuindo gradualmente, até se transformar numa balada lenta e as luzes baixaram. Era um sonho encantado. Sam passou as mãos pela minha cintura e eu joguei os braços em torno do pescoço dele. O balanço suave parecia perfeito, a sincronia era praticamente inegável. Sem querer, encostamos a testa um no outro – eu estava apenas uns cinco centímetros mais baixa do que ele – e assim ficamos, dançando, juntos, perfeitos.

Era possível que meu coração parasse de bater por bater alegre demais? Dava pra morrer de tanta felicidade? Se pudesse, eu estava definitivamente contando os meus últimos segundos, e eu não me importava. Se era para morrer, eu estava no lugar que tinha pedido a Deus: no meu próprio conto de fadas, abraçada com o garoto que eu queria pra mim.

Sam se remexeu e eu levantei os meus olhos violeta pra encontrar suas imensas esmeraldas brilhantes. Eu sabia o que aquele olhar queria dizer. Respirei lenta e profundamente e fui ao encontro dele...

– Ai, caramba! – gritei, quando alguma coisa nos atingiu.

Não alguma coisa.

Alguém. De cabelos ruivos, alto e largo, e vermelho de raiva.

Patrick era tão adorável que tinha acabado de estragar o momento perfeito da minha vida. Muito obrigada. Agora eu quase tinha caído sob o seu peso – não caí graças ao meu príncipe, que me segurou – e o clima estava completamente

arruinado. Mais do que isso, todos estavam prestando atenção Após o meu grito.

Patrick se levantou e começou a andar a passos largos e pesados, e olhando mais adiante, vi a razão de ele ter caído. Estava brigando com alguém, um cara tão alto e tão largo quanto ele que eu não me lembrava de nunca ter visto na vida. Tinha sido empurrado, e agora ia revidar.

Várias meninas soltaram gritinhos, e o falatório inevitável começou a crescer antes de acontecer.

Então, Patrick chegou sem aviso e fechou o punho direito no nariz do outro rapaz. Mesmo com a música, era como se desse pra escutar o nariz se quebrando, e o cara caiu no chão com as duas mãos no rosto, sangue escorrendo entre os dedos. Fiz uma careta. Nojento.

As pessoas se afastaram e começaram a falar cada vez mais alto, comentar, agitar a briga, e nem Patrick nem o outro pararam por aí. Ele ameaçou revidar, e Patrick foi pra cima. Numa confusão de punhos e socos e uma massa enorme de dois garotos corpulentos, eles caíram no chão, se socando e berrando coisas incoerentes um para o outro. Todos na pista pararam, e começou a chegar mais e mais gente. Sam me abraçou pela cintura e eu escondi o rosto para não ver, embora fosse pior para nós, que estávamos logo ali, na primeira fila.

Em seguida, Sam me soltou abruptamente e eu vi Ned, Jay e outros garotos do nosso ano ultrapassando os curiosos e correndo com ele para o meio da briga, tentar apartá-los. Meus irmãos apareceram do nada também para ajudar, e Yara surgiu de repente, segurando minha mão com tanta força que chegava

a doer. Olhei para ela, e estava tão ou mais nervosa do que eu. Aquilo era horrível.

Com certo esforço, pois era como uma briga entre dois filhotes de elefante, os garotos conseguiram separá-los, e Sam pediu que eu esperasse um minuto. Ele e os outros arrastaram Patrick, irado e sangrando, em direção ao vestiário masculino, enquanto o outro se levantava, cambaleando, e ia em direção à saída do ginásio, para a quadra externa. Ninguém o ajudou. Todos ficaram pasmos e silenciosos por um segundo, até os murmúrios retornarem. Propositalmente ou não, o DJ colocou uma música mais agitada, e os ânimos foram, aos poucos, se acalmando.

Yara e eu fomos nos sentar na arquibancada, seguindo o exemplo de um monte de gente curiosa e fofoqueira. Ela sentou e mordeu o lábio inferior, enquanto mastigava a boca por dentro.

– Será que o Patrick tá legal? – me perguntou, meio retoricamente.

– Eu duvido. – respondi, simplesmente. Porque realmente duvidava. Não depois de ter se envolvido numa briga feia como aquela.

– Senhor, o que leva dois garotos a brigar? – Yara indagou então, a ninguém em especial, com um leve suspiro. – Pobres almas, pobres almas...

Não respondi. Bufei e controlei o impulso de esfregar as mãos no rosto, para não borrar a maquiagem. Tudo o que nós podíamos fazer agora era esperar.

Uma hora depois, eu e Yara ainda estávamos sentadas na arquibancada, dessa vez com a companhia das gêmeas. Halley e

Hellen não estavam ansiosas como nós duas. Elas estavam animadas, e comentando as possíveis causas da briga.

Eu não estava prestando atenção. Estava preocupada, porque aquela demora me deixava angustiada. Porque estava demorando tanto, afinal? Eles já tinham apartado a briga, e estavam num número muito grande. Qualquer um poderia ter levado o Patrick até o pronto-socorro, e lá o doutor X se viraria com ele, certo?

Onde eles estavam, então? Onde Sam estava?

Claro que eu sabia que a única razão de eu estar com o coração na mão não era a briga e, pelo menos em grande parte, não era devida ao estado do Patrick. Nada disso. Eu estava preocupada com Sam porque eu ainda não tinha terminado o serviço com as minhas irmãs, elas representavam perigo. Ponto.

Mas não ia acontecer nada, certo? Quero dizer, elas não poderiam simplesmente sequestrá-lo ali, no meio de toda aquela gente. Além do mais, o que elas ganhariam com isso? Cecily e Jane estavam sozinhas nessa vingança contra Oxford, o que significava que poderiam repartir o prêmio em partes maiores caso conseguissem de fato o que queriam. Eu tinha feito um favor a elas, se pararmos para pensar. Elas não precisavam de mim, e certamente não precisavam de Sam.

A menos que quisessem me parar por eu estar prestes a pegá-las, e soubessem que Sam era o caminho mais curto para me atingir. Não, nada disso. Ele estava bem, ele estava seguro e eu estava sendo paranoica.

– Olha, os garotos! – Yara exclamou, de súbito, então, e ficou de pé. Eu me levantei também, tão rápido que fiquei até meio

tonta.

Ned, Freddy e Jay vinham andando pela arquibancada na nossa direção. Tentei olhar mais adiante, mas eles estavam sós. Nada de Sam.

Ele estava com Patrick ainda, só isso. Certo?

– Como o Patrick está? – foi a primeira pergunta que Yara fez quando Ned, que vinha na frente, nos alcançou. Ele torceu o nariz e respirou fundo. O terno estava manchado de sangue em alguns pontos, e ele parecia cansado.

– Machucado. – respondeu, apenas. – Um monte de hematomas e uns dentes a menos. A briga foi bem feia.

Yara, Halle e Hellen começaram a fazer uma série de perguntas, então, mas nenhuma das respostas dadas respondia à única pergunta que eu tinha em mente:

– Cadê o Sam?

Todos me olharam quando proferi a pergunta em voz alta. Minha angústia devia ser bem forte para que todos pudessem sentir daquele jeito.

– A última vez que eu o vi foi dentro do vestiário. – Freddy respondeu, dando de ombros.

– Ele ajudou o Jay e os caras a levarem o Patrick para o pronto-socorro. – Ned completou, e eu olhei, ansiosa, para Jay. Ele me deu um sorriso tranquilizador.

– Ele foi comigo até lá, e na volta precisou ir para casa com a Megan. – afirmou, e meu mundo caiu. – Ele disse que voltava logo.

– Com a Megan? – indaguei. As gêmeas riram.

– Tá com ciúmes da irmã dele, Malena? – Halley perguntou, em voz alta, fazendo todo mundo rir.

– Qual é! – a irmã exclamou. Todos estavam rindo de mim e da minha cara enorme e cheia de medo e preocupação, mas eles não entendiam.

Eles não podiam entender!

De todas as pessoas no mundo, Megan era a última em que ele poderia ter confiado! E agora ele estava com ela, e algo muito mais forte do que a minha intuição berrava para mim que eles não tinham, de jeito nenhum, ido até sua casa para depois voltar. Sem essa!

Elas estavam com ele. Megan e Kathi. Cecily e Jane. As duas bruxas que eu não tinha tido oportunidade de neutralizar estavam me colocando contra a parede.

E eu ia ter que sair para enfrentá-las.

Sem dizer mais nada, marchei para fora da arquibancada, para fora do ginásio, para longe da OSD.

Refém

Andei rapidamente em direção ao estacionamento. O terreno incerto e as pedras me faziam vacilar, tropeçar. Caí duas vezes e esfolei os joelhos. Mal tinha alcançado metade do estacionamento e já tinha partido a alça de uma das sandálias. E tudo em mim doía.

Principalmente o coração.

Um vento de gelar os ossos bateu, fazendo com que eu começasse a tremer. Então, cheguei ao local onde nós havíamos estacionado ao chegar.

A picape ainda estava lá. Exatamente como Sam a tinha deixado. Toquei sua lataria e senti os olhos enchendo de lágrimas. As lágrimas começaram a correr, e eu não estava nem aí se o rímel estava escorrendo, ou se a minha cara fantasmagoricamente branca ia ficar toda manchada. Eu não ligava para mais nada.

Dei um tapa forte na carcaça do carro e levei a mão em punho à boca, mordendo-a com toda a força para não gritar. Mordi tanto que meus dentes afundaram na carne e eu comecei a sangrar, mas eu não sentia dor. Eu não sentia mais nada, só aquela agonia e o medo e a incerteza.

Comecei a andar em volta do carro, olhando, tateando. Mais de uma pessoa passou por mim, e se me viu, deve ter achado que eu estava completamente louca. Nem eu sabia o que eu estava procurando. Minha cabeça doía e Dorothi mandava uma sequência absurda de pensamentos pra mim, mas eu não

conseguia escutar nenhum deles de fato. Eu não estava prestando atenção. Eu estava procurando um sinal.

Afinal de contas, se elas o tinham pegado, queriam que eu fosse busca-lo. E para tal, eu precisaria de uma pista que me levasse até lá, como numa caça ao tesouro – a um tesouro vivo, no caso. Tinha que ter alguma coisa em algum lugar, e eu tinha que encontrar!

Quase caí mais uma vez e acabei me irritando. Arranquei as sandálias e diminuí vários centímetros, mas essa sequer foi a parte mais dura. Andar sobre o terreno de terra, com aquelas pedrinhas idiotas era muito pior. Meus pés, já cansados, estavam doendo ainda mais por isso, mas eu já estava ferrada mesmo. Não mudava nada me ferrar mais um pouco.

E então, eu vi. Grudado no para-brisa do carro, um bilhete escrito naquela caligrafia perfeita que eu reconheceria em qualquer lugar no mundo, sobre uma folha de papel meio amassada. Um bilhete para mim.

“Estamos te esperando onde tudo começou”.

Onde tudo começou... onde tudo começou...

Fui até o espelho retrovisor do motorista e dei uma pequena pancada com o salto da sandália que estava em minha mão. A rachadura não era perfeita, mas era boa o bastante pra fazer Dorothei aparecer, completamente furiosa.

– Deixe-me fazer isso! – ordenou, e eu balancei a cabeça de modo frenético.

– Onde tudo começou, Dorothei? – perguntei, a voz chorosa, saindo em soluços. Ela fez uma careta.

– Eu não vou te dizer nada, você vai estragar tudo! – exclamou, e eu perdi o controle.

– ONDE, DOROTHI? – berrei. E daí se alguém me visse ou me escutasse? As pessoas poderiam pegar fogo agora e eu deixaria todo mundo morrer se fosse preciso para salvar Sam.

– Você está na linha de pensamento correta.

– Pegar fogo?

– Quer que eu soletre pra você?

Bati o salto mais duas vezes e o espelho se quebrou em vários cacos. Ela desapareceu para dentro de mim, ainda provocando fortes dores na minha cabeça, mas eu não me importei. Usei meu próprio dedo pra abrir a porta da picape e fiz o mesmo na ignição.

O problema: eu não sabia dirigir. Nunca tinha dirigido na vida, nem mesmo com os meus pais. Eu não fazia a menor ideia de como pilotar um carro, e duvidava que mesmo minha magia fosse ser de grande ajuda agora. Eu simplesmente ia ter que me virar e torcer para não provocar um acidente dos feios.

Errei umas duas vezes antes de conseguir engatar a marcha à ré. Mais uma antes de conseguir engatar a primeira, e então simplesmente pisei no acelerador e fui embora.

O carro morreu no meio do caminho, e eu custei a fazê-lo entrar em movimento de novo. De carro, as ruas pareciam mais confusas para mim e eu custei a achar o caminho de volta para casa. De todos os lugares, elas tinham escolhido a frente da Casa Azul, a moradia da minha nova família, para fechar o cerco em torno de mim, só porque lá nós havíamos sido queimadas até a morte.

E também porque lá todas as profecias tinham sido feitas e cumpridas. Um lugar histórico na memória da nossa família bruxa, eu suponho. O pior dos lugares para mim.

Estacionei o carro, ou melhor, *parei* o carro logo no começo da nossa rua. Os faróis acesos – embora eu não fizesse ideia de como os havia acendido – iluminavam uma cena bizarra que me fez tremer dos pés à cabeça.

Sam. Amarrado num tronco de árvore, sobre uma pilha de palha e madeira seca. Traduzindo: Sam em uma fogueira.

Onde tudo começou. Céus, elas iam atear fogo ao meu Sam!

Desci do carro, bati a porta e corri, o máximo que meus pés descalços e machucados me permitiam correr, até onde ele estava amarrado. Era meio alto, mas eu conseguiria subir se fosse preciso. Eu faria qualquer coisa que eu precisasse fazer pra salvá-lo.

– Malena? – ele perguntou, quando me viu correndo. Eu ainda estava chorando como louca, e só podia imaginar a coisa linda que o meu rosto devia estar.

– Eu vou te soltar daí! – exclamei, aflita, e ele se remexeu com um esforço excessivo dentro das cordas. Parecia não respirar direito.

Tropecei quando comecei a subir no monte de madeira e palha seca, e escalei com uma dificuldade enorme até estar mais ou menos na sua altura, me segurando no tronco onde ele estava amarrado para não cair. O vestido lindo que minha avó tinha feito pra mim atrapalhava bastante aquela missão de salvamento.

– Malena, o que ta acontecendo? – Sam me perguntou, com uma mescla de medo e desespero na voz. Com as mãos, eu forcei um pouco as cordas, mas obviamente nada aconteceu. Eu era muito fraca, e minhas mãos estavam trêmulas. – A Megan me trouxe pra cá, e ela e a Kathi me amarraram e eu não estou entendendo nada!

– Me desculpe, me desculpe, foi tudo culpa minha! – implorei.
– Eu vou dar um jeito nisso, Sam, elas não vão te machucar de novo! Eu te juro, eu vou fazer elas pagarem, eu prometo!

– Você vai o quê?

– Eu vou matá-as, eu já devia ter...

– Malena!

Parei meu movimento desesperado e inútil para tentar soltá-lo e ofeguei, olhando nos seus olhos confusos, verdes e amedrontados. Sam tomou um gole doloroso de ar, como se precisasse de toda a força do mundo para fazê-lo, e torceu a boca.

– É da minha irmã que nós estamos falando, Malena! – exclamou, inconformado. – Você está dizendo que quer matar a minha irmã!

– Ela não é só a sua irmã, Sam! – contrapus, nervosa e angustiada. – Ela te prendeu aqui e ela vai te matar se eu não matá-la primeiro!

– Você tem ideia do absurdo que você está dizendo?

– Você não vai entender nada agora, Sam, mas eu posso te explicar tudo depois que isso acabar, ok?

– Depois que o quê acabar? Depois que você matar a minha irmã? É tão simples pra você?

Olhei no fundo dos seus olhos acusadores. Dorothi ainda tentava entrar, gritava dentro de mim, mas eu estava muito envolvida para permitir. Eu jamais conseguiria convencê-lo de que não, não era tão simples. Mas simplesmente teria que acontecer desta forma.

– Eu a amo, Malena. – Sam disse, então, e cortou meu coração. Ele era mesmo o garoto mais doce do mundo. Amava a irmã, ainda que ela o tivesse trazido praquela enrascada.

Tentei sorrir, mas o que saiu foi quase uma careta.

– E eu amo você. – declarei, com toda a sinceridade que pude. Seu olhar vacilou, e ele ficou boquiaberto. – Eu não posso deixar que fique assim porque eu amo você, Sam.

Ele não respondeu. Respirei fundo e deixei mais algumas lágrimas caírem, tentando focalizar minha magia para tirá-lo dali.

– Você vai me odiar pra sempre. – continuei. – E tudo bem pra mim. Desde que você esteja vivo.

Eu estava sentindo. A magia estava ali, e eu ia conseguir tirá-lo.

Se, e somente se, não tivesse sido interrompida e lançada para longe.

Foi tudo tão rápido que eu nem vi o que me atingiu, embora tivesse uma boa ideia. Uma força anormal vinda do nada simplesmente me pegou e me lançou pelo ar de encontro a um poste, onde eu bati e desabei no chão. Além dos pés e da cabeça, agora todo o resto do corpo doía. Eu não precisava de mais nada.

Abri os olhos a tempo de ver Kathi, em suas costumeiras roupas pretas e maquiagem pesada, e Megan, com um vestido

azul de festa, caminhando até o espaço que havia se aberto entre mim e Sam. Ambas sorriam com tamanho triunfo que me dava náuseas. Elas não haviam vencido. Não ainda.

Focalizei a magia e movimenteí o braço de uma só vez. Megan foi arrastada até cair, metros à frente, mas Kathi repeliu minha ação com a própria vontade. Repeliu e *riu*.

Tentei de novo. E mais uma vez. Megan se levantou, e eu fui obrigada a fazê-la voar pelos ares de novo, provocando uma exclamação meio alta demais de Sam e um grito agudo saído dela. Mas Kathi... nada poderia atingi-la. Nada que eu fizesse tinha efeito algum sobre ela. Era ela quem estava me segurando, e não o contrário.

– Quando você vai entender, Dorothi? – ela me perguntou, embora eu tivesse quase certeza de que ela sabia que quem estava no comando era eu. – Você não é nada perto de mim.

– Sua bruxa idiota e... – comecei a praguejar, mas Kathi me ergueu no ar e, de alguma forma, me pressionou de modo que todo o meu corpo doeu como se eu estivesse sendo esmagada sob uma baleia.

– Eu gosto de ser respeitada. – ela disse, então.

– Me solte, Jane! – gritei, e ela riu.

– Boa menina. – me deixou desabar no chão, e a queda foi pior que tudo; com o baque, parti o osso da perna esquerda, e berrei de dor. – Implore, Dorothi.

– Eu não vou implorar!

– Já está implorando!

– Você não vai me vencer!

– Eu já estou vencendo! – estalou os dedos e um clarão atingiu meus olhos.

Os abri, e vi que a fogueira sob Sam começava a pegar fogo. Tentei gritar, mas não saía. Cecily surgiu do nada, andando meio torta, para se juntar à irmã.

– O que vai ser, Dorothi? – Jane me perguntou, então. – Você ou o queridinho Sam?

E eu só tive um segundo para pensar em tudo. Eu sabia a resposta, é claro que sabia. Eu morreria por ele, preferia qualquer coisa a ver seu desespero naquela fogueira. Ele estava *queimando*. Eu não podia deixar que aquilo acontecesse.

– Leve a mim. – gritei, implorando.

Foi aí que a dor na minha cabeça serviu para alguma coisa e uma raiva descomunal me invadiu. Éramos Dorothi e eu gritando, de repente.

– Senhor de Todas as Almas, leve a mim e à minha magia em sacrifício! – berrei, a plenos pulmões, e senti todo o corpo tremer, a respiração ofegar, as feridas sangrarem. – Leve qualquer coisa de mim, mas mate essas duas desgraçadas!

E então, aconteceu.

Um clarão sobre mim, uma dor inexplicável. Gritos, meus e das minhas irmãs de alma, e outro, um pouco mais atrasado, de Sam.

E eu apaguei.

Acordei no que pareceram ser horas depois, com uma lambida fraca no meu rosto. Abri os olhos, assustada, e dei com Toy à

minha frente. Não havia mais nenhuma luz além do farol do carro, ainda ligado e ainda aceso.

– Cadê o Sam? – foi a primeira pergunta que fiz, preocupada, e me sentei. Péssima escolha. A perna quebrada latejou como nunca.

A fogueira estava apagada, o tronco que estava de pé tinha caído e não havia ninguém lá. Onde ele estava então?

– Ei, calma! – Sam exclamou, atrás de mim, e outra enorme pontada de dor quando me virei para vê-lo. Os olhos estavam inchados. Ele estivera chorando.

– Que bom que você está bem. – sussurrei, já começando a chorar também.

– Seu gato me soltou, depois que... – suspirou e esfregou os olhos. – Eu vou te levar pro hospital, tá bem?

– Não, Sam, minha casa é aqui na frente, eu vou ficar bem!

– Você quebrou a perna, Malena, e você está horrível! É claro que não vai ficar bem! Vamos.

Não discuti. Sam me pegou no colo e me levou até seu carro, sem me perguntar como o mesmo estava ligado se a chave ainda estava no bolso de sua calça. Toy subiu comigo e sentou-se no meu colo, calado demais. Suponho que esta parte Sam ainda não tinha conhecido.

– O que aconteceu com... as duas? – arrisquei-me a perguntar. Sam fungou, e eu não me atrevi a olhar para ele.

– Eu as coloquei aqui atrás. – respondeu. – Ainda não sei o que fazer com elas.

– Você não tem que fazer nada. – sussurrei. – Eu fiz isso, Sam.

Ele não respondeu. Imaginei que devia ser difícil para ele ainda estar ajudando a garota que tinha acabado de matar a irmã dele bem diante de seus olhos. Eu estava aliviada porque estava acabado, mas estava com nojo de mim e muito triste pelo Sam. Tudo o que eu queria era evitar que ele sofresse, e era exatamente isso que eu estava causando.

Eu tinha razão. Ele ia me odiar para sempre. Mas estava vivo, era o que importava. Eu o havia salvado.

Chegamos no hospital, e Sam me carregou para o pronto-socorro, onde o doutor X nos recebeu com uma exclamação horrorizada. Todas as enfermeiras de plantão pararam para olhar. Nós devíamos ser a dupla mais sensacional da noite, vestidos em trajes de gala e completamente destroçados.

O doutor X cuidou dos meus vários ferimentos nos pés e ao longo do corpo, causados pelas sucessivas quedas do salto alto, tirou radiografias da minha perna esquerda e a engessou quando ficou constatado que estava mesmo quebrada. Em seguida, cuidou de algumas queimaduras que Sam tinha recebido nas pernas, resultado da experiência na fogueira acesa.

– Afinal, o que houve com vocês hoje? – o doutor nos perguntou, enquanto fazia uma receita prescrevendo uns analgésicos para mim e uma pomada para as queimaduras sérias de Sam. – Primeiro o garoto ruivo chega todo quebrado, e agora vocês! O que houve naquele baile?

– Muita coisa. – murmurei.

E foi tudo que foi dito antes de irmos embora.

Sam me ajudou a subir no carro, entrou e ficou calado, olhos fechados, a cabeça inclinada para trás. Eu queria dizer alguma

coisa. Queria dizer um milhão de coisas, mas não conseguia pensar em nada para dizer. Nada bom o suficiente. Nada que jamais fosse fazê-lo me perdoar.

Então ligou o carro e começou a dirigir. No entanto, foi na direção oposta à que levava à minha casa. Não fiz nenhuma pergunta em voz alta, mas por dentro, eu me questionava para onde ele estava nos levando.

A resposta só veio quando, algum tempo mais tarde, estávamos à margem do rio Arkansas, no meio de lugar nenhum. Sam abriu a porta e desceu. Eu, com muito mais esforço, o imitei.

Manquei até ele, que estava de pé, olhando para o rio, pensativo. Não sabia com certeza aonde ele queria chegar com isso, mas tinha um palpite. Ele respirou fundo, e tentou sorrir para mim.

– Eu sinto muito, Sam. – eu disse a ele, as lágrimas já brotando e começando a sair. – Eu sinto muito mesmo!

– Vai passar, Malena. – afirmou, embora eu soubesse que ele não tinha certeza disso. – Você salvou minha vida, e eu te agradeço por isso. É só que...

Parou e deixou as palavras suspensas no ar. Eu sabia o que ele queria dizer. Que era difícil. Muito difícil. Eu sabia disso.

Só pude assistir enquanto Sam, chorando como nenhum homem deveria chorar, retirou primeiro o corpo inerte de Jane da caçamba e a levou até a beira do rio. Suspirou e a jogou como se fosse um saco de batatas, fazendo-a atingir o rio num ponto mais à frente e afundar até desaparecer.

Então tomou a irmã nos braços, e se deu um minuto para sentar com ela no colo e chorar. Chorou e murmurou coisas que eu não conseguia nem tinha vontade de ouvir. Tudo o que eu queria era consolá-lo, mas eu não seria hipócrita a esse ponto. Eu era a última fonte de consolo da qual ele precisava.

– Acha que algum dia ele vai me perdoar? – perguntei, baixinho, para Toy, quando o senti aos meus pés. Ele ronronou um pouco antes de responder:

– Talvez.

– Eu não tive escolha.

– Ele sabe. E eu duvido que te julgue, Malena. Sam só precisa de um tempo.

Assenti, calada. Era a única coisa da qual eu tinha certeza.

Sam jogou a irmã no rio e se esforçou para parar de chorar. Então secou o rosto com a manga da camisa e me chamou, tão baixo que era quase impossível de ouvir, para irmos embora.

– Como você está? – Toy me perguntou, quando chegamos em casa.

Sam havia nos trazido de volta no mais completo silêncio, e eu respeitei essa decisão. Era melhor assim, de qualquer jeito. Ele não queria nem precisava falar e eu não estava nem um pouco preparada para escutar as coisas que eu sabia que ele inevitavelmente viria a falar um dia. O silêncio era confortável e bem-vindo entre nós por enquanto.

Então, eu entrei em casa e subi o mais silenciosamente possível com a minha perna engessada. Demorei séculos para conseguir passar para o segundo andar, me apoiando no

corrimão pra pular degrau por degrau, e mais outra década pra subir do andar de cima até o sótão. Era mais que um alívio estar finalmente sentada na minha cama.

Quem sabe, se eu dormisse, eu iria acordar e descobrir que era um sonho, que sábado ainda não tinha chegado e que eu tinha mais uma chance? Se eu desse a sorte de isso acontecer, eu podia ter certeza de que faria tudo diferente. Não deixaria Sam acompanhar Patrick, para início de conversa. E, se eu o perdesse para Cecily e Jane de novo, pensaria num outro modo de resolver a história. Um modo que não terminasse em dois corpos estendidos no chão, e o ódio eterno de Sam por mim. Um modo pacífico.

Suspirei e virei a cabeça para o lado, na direção em que eu costumava deixar o espelho. Agora, além da rachadura central, havia muitos outros pontos rachados, e até pedaços de vidro faltando. Como aquilo havia acontecido? E por que Dorothei ainda não tinha aparecido para me dar uma bronca, ou os parabéns?

Estendi a mão para chamar o espelho. Nada aconteceu. Tentei focalizar o pensamento na ação, concentrar a vontade na magia, mas nada ainda. Eu nem sentia a minha magia.

Tinha dado certo, então. O feitiço, quero dizer. Numa loucura de última hora, o Senhor das Almas tinha realmente levado a minha magia em tributo, para executar o que eu era incapaz de fazer e matar as duas bruxas antes que elas me matassem. Olhei para as minhas mãos com estranheza. Era como se não me pertencessem, como se faltasse um pedaço de mim ali. Era estranho.

Usando o esforço bruto com o qual eu não estava mais habituada, me inclinei e puxei o espelho. Não era mais metade de mim. Era só eu, de ambos os lados rachados, como eu tinha esperado ver por tanto tempo. Mas agora, não era nada reconfortante.

– Eu não sei. – admiti para Toy, por fim. Ele miou e veio se deitar no meu colo, enquanto eu me controlava para não chorar.

– Eu realmente não sei.

– Vai ficar tudo bem você sabe. – ele me disse, numa tentativa de ser tranquilizador.

– Será?

– Tudo sempre fica bem, Malena. Toda dor sempre passa, e todo final é sempre um final feliz.

– Isso não é verdade.

– Eu sei. Mas só depende de você.

A Última Bruxa

– Você foi pra guerra ou pro baile? – Adam me perguntou, no domingo pela manhã.

Tinha sido realmente uma excelente ideia pedir ajuda para o primeiro que passasse no corredor depois que eu acordei. Adam tinha sido o sortudo, e estava me ajudando a descer as escadas, depois de ter me tirado do sótão no colo. Aquele gesso estava formigando, e eu só queria poder andar sozinha.

Se eu tivesse meus poderes, eu poderia pegar um dos livros de poções e procurar por alguma que curasse a minha perna

antes que qualquer um percebesse. Ou um feitiço que me fizesse levitar pelas escadas. Mas eu não tinha mais meus poderes.

Porque eu os tinha vendido ao Senhor de Todas as Almas, para que o mesmo matasse as duas últimas bruxas de pé. Eu, supostamente, seria a última bruxa viva, mas não era o caso. No final das contas, eu tinha conseguido o que queria de início: acabar com as bruxas de Oxford. Com *todas* elas.

– Foi só um acidente idiota. – murmurei, mal-humorada. Eu estava me sentindo um lixo. Mais que um lixo.

Então, chegamos à cozinha. Papai, mamãe, Colin, Bryan e Dylan já estavam de pé. Minha entrada triunfal, sendo carregada, somada à minha cara ainda suja de maquiagem borrada da noite anterior, minha perna engessada e meus cortes nos braços, para coroar, gerou em todos os presentes a mesma expressão incrédula que o varão da família carregava no rosto.

– Malena, o que foi que aconteceu? – mamãe quase gritou, com sua preocupação exagerada de sempre. Meu pai franziu a testa, e eu sabia que ele estava bravo.

– Algum problema com o garoto ontem, filha? – perguntou. Meus irmãos apenas mastigavam e me olhavam, pasmos e em silêncio.

Sim, vários problemas, pensei comigo mesma. Nenhum que o senhor vá compreender, infelizmente.

– Não, papai, Sam não teve nada a ver com isso. – menti, respirando fundo e me sentando numa cadeira livre ao lado de Bryan. Ele me sorriu meio torto.

– Então como você ficou desse jeito? – minha mãe insistiu, e a mentira saiu tão rápida e tão naturalmente que parecia ter sido

montada há muito tempo.

– Teve uma briga durante o baile, e na correria eu acabei tropeçando e quebrei a perna. – pelo menos a primeira parte era verdadeira! – Sam me levou até o pronto-socorro, e agora tá tudo bem.

– E esses cortes horrorosos?

– O chão da escola não é nenhuma maravilha.

Meus pais fizeram uma careta, mas engoliram a história. Parecia boa o bastante para eles, e uma vez que o boato da briga se espalhasse pela cidadezinha minúscula, não precisariam de nenhuma outra confirmação.

Por ora, eu só precisava respirar e me acalmar. O pior já tinha passado, eu insistia. Mas uma parte de mim ainda teimava que o pior ainda estava por vir. E no fundo, eu concordava inteiramente com isso.

Naquela madrugada, sonhei com a noite de sábado.

Sam ardia na fogueira, eu gritava, Jane e Cecily sorriam, malévolas e cruéis, comemorando sua vitória. Eu expunha meu sangue e gritava ao Senhor das Almas, e, dessa vez, via tudo acontecer. Eu via a luz em volta de mim como se assistisse à cena por um outro ângulo, e a minha magia se esvaindo, levando consigo as duas vidas mais próximas. Eu via Jane e Cecily, Kathi e Megan, agonizarem por um breve instante antes de caírem, mortas. Eu via o fogo se apagar e Toy soltar Sam, cujo desespero não era direcionado a mim, ou somente a mim.

Eu via Sam chorar sobre o corpo da irmã, e sua luta incessante para manter a calma. Observei enquanto carregava os dois

corpos inertes, como se ele fosse o assassino, e os guardava com todo o cuidado na mala do carro. Assisti ao momento em que eu despertei, desesperada, e vi Sam brigando com sua própria consciência a cada segundo que precisou me ajudar.

Era um filme horrível, medonho. Acordei agoniada na segunda-feira, suada e chorando. Precisei de muito esforço para me levantar e trocar de roupa para ir à escola – eu não tinha vontade. Duas alunas desaparecidas, mortas, por minha culpa, e o cara que eu amava incapaz de me olhar para o resto da vida.

Pela primeira vez desde que eu tinha chegado, quis desesperadamente voltar pra Oklahoma City, para o lugar onde eu era só uma albina sem amigos, com uma família anormalmente grande, irmãos mais velhos bonitos e pais ausentes. Pelo menos lá, eu não tinha do que fugir.

A escola estava aos cochichos quando cheguei, cedo demais, naquela manhã. Me sentei afastada do local de costume, optando pelo banco que ficava do lado de dentro do nosso prédio.

Estava ficando difícil não chorar. Agora que estava tudo acabado, eu estava longe de sentir alívio. Muitos erros tinham sido consertados, erros que sequer eram meus, a propósito; vidas tinham sido salvas; o futuro havia sido garantido para toda a cidade; e o pesadelo tinha finalmente chegado ao fim. No entanto, eu tinha matado, mentido, machucado pessoas e a mim mesma para que tudo isso acontecesse. E tinha conseguido fazer com que Sam me odiasse.

Realmente ótimo.

Consultei o relógio, e já estava subindo as escadas quando o sinal tocou. Entrei na sala e me sentei antes mesmo de o Prof. Timmy entrar em sala. Ninguém reparou que eu estava sentada ali. Se eu tivesse sorte, talvez tivesse voltado a ser o fantasma de sempre.

– Ei. – Ned sibilou para mim, após meia hora de aula, enquanto o professor passava a correção dos exercícios.

Olhei para ele com certo tom de indiferença, mas ela se dissolveu quando encontrei seus olhinhos puxados e preocupados. Ned era legal, e era meu amigo. Ele se preocupava comigo, e ele, assim como Yara, conseguia ver quando eu estava mal. Inclinei o canto da boca, como se fosse sorrir, mas as lágrimas se juntaram nos meus olhos.

– Você não está bem, né? – perguntou, com uma careta. Balancei a cabeça negativamente e pressionei os olhos com as mãos, para não deixar as lágrimas caírem.

Ned me deu um sorrisinho, e eu dei de ombros. Era muito gentil da parte dele não perguntar o que tinha acontecido – talvez ele também enxergasse que eu não queria falar e pronto. A preocupação de Ned era o que mais eu gostava nele. Yara teria sorte se as minhas expectativas sobre os dois após o baile se tornassem reais.

Desci para o almoço sozinha e calada, olhando para os meus próprios pés. O dia todo, não havia visto Jay, nem Sam, e fiz de tudo para não procurá-los. Seria pior. Fui obrigada a me sentar na mesa com o resto do pessoal, no entanto, mesmo tentando explicar que eu não queria companhia. Hellen me puxou e me fez sentar ao seu lado.

Em solidariedade, Yara se sentou ao meu lado e pegou minha mão com cuidado. Apertei a dela, e encontrei naquele pequeno gesto o mínimo de conforto que eu estava precisando. Ned se sentou ao lado dela, Halley se postou ao lado da irmã, e Patrick, com seu nariz engessado e ridículo, chegou algum tempo depois.

Me desliguei enquanto ele contava o motivo da briga de sábado. Eu não queria saber. Lembrar daquele dia só fazia piorar o meu estado, honestamente. Eu começava a suspeitar que teria pesadelos com o ocorrido todas as noites. No meio da narrativa, me levantei para ir ao banheiro, e Yara me acompanhou.

– Então... – murmurou, enquanto eu lavava o rosto. – Você está bem?

– Não. – admiti, com um suspiro. Senti o choro subindo pela garganta, e o engoli de volta.

– Alguma coisa a ver com sábado? – Yara insistiu, ainda em um tom muito baixo, cauteloso. Eu dei um risinho sem graça. Estava ficando cansada de mentir.

– É.

– Você e Sam brigaram?

– Não, é que... mais ou menos. Eu não sei, na verdade.

– Pode me contar o que aconteceu?

Olhei nos grandes olhos escuros de Yara. Eles estavam todos cheios de cuidado e preocupação. Eu tinha certeza de que, assim como Ned, ela entenderia se eu respondesse que não.

Exatamente por essa razão, ela assentiu quando eu fiquei calada por tempo demais. Ela sabia que eu não iria contar, e que eu tinha os meus motivos, respeitava essa decisão.

– Ouvi dizer que Megan Goyle está desaparecida. – ela disse, então, e não fazia ideia de como aquilo tinha piorado a minha situação. As lágrimas começaram a cair, então. – Eu acho estranho, porque você se lembra de sábado, não é? Ela estava com Sam. Você a viu quando foi atrás dele?

– Vi... – respondi, com a voz entrecortada. Yara não percebeu. Estava distraída, roendo a unha do polegar esquerdo.

– Eu imagino que Sam deve estar bem mal por isso. – continuou, me fazendo desejar ser surda. – Você devia procurá-lo... Malena?

Só então ela notou que eu estava chorando. Levou as mãos à boca, do mesmo modo como fizera quando acertara o estojo em mim no primeiro dia de aula, surpresa e envergonhada. Então me abraçou, e eu chorei no ombro dela.

Eu queria morrer. Só isso. Seria muito mais fácil.

A notícia do desaparecimento de Megan Goyle se espalhou da segunda-feira em diante como fogo em palha. Minha mãe me perguntou sobre isso quando cheguei da escola, e então meu pai comentou na hora do jantar. Na terça, todo mundo na escola só falava disso. Na quarta, os primeiros cartazes com a sua foto estampada começaram a aparecer, e na quinta já estavam por toda a cidade. Na sexta, seu desaparecimento foi tema para o noticiário local, abrangendo então, outras cidades em torno da pequena Oxford.

Mas eles nunca iriam encontrá-la, porque já era tarde e ela estava morta. Morta e jogada a muitos metros abaixo d'água.

Vi Sam algumas vezes na semana seguinte, um pouco mais animado e sorridente do que esperei vê-lo tão cedo. Contudo, ainda havia aquela sombra única em seu olhar, a sombra que eu havia plantado. Não sei se ele me viu. Se sim, é fato que não veio falar comigo. Nem ele, nem Jay vieram se sentar conosco à mesa do almoço durante mais aquela semana. Cada vez que ele passava, ou que seu nome era mencionado, eu tinha vontade de gritar.

Toy tentou me confortar durante toda aquela segunda semana, tal como Ned e Yara, durante as aulas. Na terça, percebi que estavam andando de mãos dadas, e uma minúscula fagulha de felicidade se acendeu dentro de mim. Não fiz perguntas, ou tampouco tive tempo para alimentar aquela chama. Sam passou pela mesa um minuto mais tarde.

Não teria volta. Eu sabia que não.

Segunda, terça, quarta, quinta.

Sexta, 31 de Outubro, Halloween.

As crianças foram à escola vestindo fantasias, a cidade estava decorada, e eu recebi de alguém um convite para uma festa naquela noite. Eu não estava nem um pouco animada para ir. Fui da escola para o hospital, e o doutor X tirou o meu gesso e concluiu que minha perna estava ótima. Era bom andar de novo. De lá, fui para casa e tornei a me enterrar no meu quarto. Estava ficando enjoativo.

À noite, as crianças mais corajosas se atreveram a chegar perto da famosa e assustadora – e agora habitada – Casa Azul e bateram à porta, para a alegria dos meus pais. Eles adoravam

Halloween, e tinham decorado toda a frente da mansão para esperar quem se atrevesse a chegar perto. Mamãe deu quantidades gordas de chocolates a eles, como pude ver da janela do sótão. Uma menina vestida de bruxinha olhou para cima e acenou quando me viu na janela.

Como o destino é irônico...!

Novembro veio, e começou a ficar realmente frio. As buscas por Megan Goyle continuavam, mas ninguém, exceto pelo pessoal da escola, falava sobre Kathi Jonas. Aparentemente, ninguém queria procurar por ela. Nunca parei para me perguntar se Kathi tinha ou não família; mesmo quando éramos supostamente amigas, nunca falamos sobre o assunto. Ao que tudo indicava, ou ela era completamente só, ou completamente ignorada, pois ninguém se preocupava com o seu sumiço.

E era melhor assim, pensei, com amargura. Se ninguém procurar por ela, vai ficar mais fácil fingir que eu não fui responsável por mais essa. É melhor assim.

Uma, duas, três semanas.

E nada.

Sam não havia me procurado, nem tornado a olhar pra mim. O namoro de Yara e Ned tornou-se oficial e público, e eu estava feliz, na medida em que meu coração permitia a entrada da felicidade, por eles. Eric e Anne von Reese terminaram o namoro, e Freddy começou a sair com Hellen. Halley e Jay, pelo visto, eram coisa do passado, pois ele também não tornou a aparecer entre nós.

Tudo o que eu queria era que ele viesse e falasse. Eu só queria conversar com Sam e escutar da boca dele que ele não me perdoava e nunca poderia perdoar, e me dissesse tudo o que estava pensando de mim agora. Eu queria pôr os pingos nos *is* e tentar achar um mínimo de tranquilidade, porque a cada dia, meu coração se rachava e perdia mais uma centelha. Estava doendo. E eu queria desesperadamente que a dor passasse.

Só isso.

E então, dezembro.

Começou com um vento frio e uma centena de provas de final de semestre, além do anúncio de outro baile para arrecadação de fundos. O Baile de Inverno (todos os bailes tinham temas climáticos ali?) seria realizado no dia vinte de dezembro, na escola, como o baile de outubro passado.

Outubro... parecia que tudo havia se passado há um segundo, e ao mesmo tempo há uma década. Eu adoraria dizer que quase não me lembrava, mas não era verdade. Eu me lembrava de tudo com detalhes, como se tivesse acabado de entrar em casa com a perna engessada e o coração em frangalhos.

Começou a nevar logo na primeira semana, um pouquinho num dia, um pouco na noite seguinte, nada em excesso. No entanto, as temperaturas já estavam bastante baixas. Enquanto eu só pensava nas férias que estavam por vir e em passar nas provas finais daquele semestre, todo mundo só falava no tal baile.

– Você tem que ir! – Halley exclamou, quando eu disse que não iria.

– Todo mundo vai ao baile, Malena! – a gêmea insistiu.

– Eu não tenho nem par para vir ao baile, gente. – contrapuso, desanimada, remexendo meu chá, que estava fervendo.

– Venha sem par, ora essa!

– Ou então venha com um dos seus irmãos! Você tem cinco para escolher, pelo amor de Deus!

Olhei pra Ned e Yara, de mãos dadas ao meu lado, em busca de apoio. Ned deu de ombros, e Yara sorriu pra mim.

– Elas têm razão. – declarou ela, para o meu desespero. – Você tem andado muito triste, Malena. Venha, e se não quiser ficar, é só ir embora. Prometo que ninguém vai te segurar.

As gêmeas concordaram em coro, e eu balancei a cabeça. Suspirei e acabei concordando, sem a menor animação ou vontade. Tudo o que eu teria de fazer era vir, ficar um tempinho e ir embora. Simples assim.

Não preparei vestido, cabelo ou maquiagem dessa vez. Quando o dia do baile chegou, vesti uma calça jeans, uma bota de couro bem grosso, uma blusa de lã de gola alta e um sobretudo, pra aguentar o frio que estava fazendo lá fora. Meus irmãos riram de mim quando eu desci pra ir com eles, porque eles estavam de smoking e eu vestia roupas casuais. Mamãe brigou comigo e tentou me persuadir, mas eu não lhe dei atenção e simplesmente fui embora, com Eric, que era o mais velho, dirigindo a van.

Antes de irmos, passamos na frente de um sobrado em reforma, onde Freddy desceu para chamar Hellen. Halley acenou da janela, e, já dentro do carro, Hellen me explicou que ela estava esperando por Jay, que seria seu acompanhante de novo

naquela noite. Uma rua antes da escola, Eric estacionou e desceu para buscar uma garota do último ano cujo nome eu não sabia, mas que era muito bonita, com seus cabelos ruivos e olhos amendoados.

A OSD estava belíssima, como em outubro passado, no último baile. Caminhei pelo estacionamento com muito mais tranqüilidade quanto ao frio que qualquer outra pessoa ali, e muito menos atenção. As lembranças que eu tinha eram horríveis. Me arrependi de pronto de ter concordado com aquela ideia ridícula.

Encontrei com Ned e Yara na quadra, que estava arrumada quase do mesmo modo que da última vez. A diferença era que, no lugar das estrelas, haviam flocos de neve feitos de vidro. O efeito era o mesmo, tão bonito e hipnotizante quanto da primeira vez que eu havia visto, embora eu não tivesse razão para apreciar nada dessa vez.

Tudo parecia sem cor e sem vida. Eu estava ali apenas em corpo, porque minha mente vagava há muitos quilômetros dali, perdida no meio de lugar nenhum. Que droga, eu repetia para mim mesma, enquanto fazia de conta que estava me divertindo. Que droga, que droga, que droga!

– Vou buscar um ponche. – gritei então, por cima da música. Eu estava ali há meia hora, e doída para ir embora. Meu casal de amigos concordou, e eu lhes dei as costas, me sentindo uma estranha desarrumada no meio de tanta gente vestida em trajes de gala.

Andei, desatenta, pelo refeitório, mas não peguei bebida nenhuma. Simplesmente sentei numa cadeira, debrucei sobre a

mesa e afundei o rosto nos braços, deixando algumas lágrimas caírem.

Amanhã de manhã, eu ia pedir aos meus pais para me levarem de volta pra Oklahoma. Eu ia morar sozinha, ou ia me mudar para algum internato. Eu ia pra qualquer lugar longe de Oxford. Não dava mais pra viver daquele jeito. Eu estava acabada, minha história com Sam estava acabada e a minha felicidade tinha ido pro esgoto. Era o fim de Malena Gördon, e por esta razão, não faria diferença onde eu estaria. Eu só queria estar a quilômetros dali.

– Acho que você não está vestida de acordo com a etiqueta de bailes.

Levantei a cabeça num átimo, com o coração na mão e a boca semiaberta.

Senhor Jesus, meu Deus, todos os Santos e Anjos e todo mundo mais que morar no Céu. Eu tinha morrido? Ou aquilo era mesmo verdade?

– Sam? – murmurei incrédula.

Ele estava ali, bem diante dos meus olhos. Vestido de terno e gravata, com os cabelos perfeitamente penteados meio de lado, os olhos verdes cintilantes e um meio sorriso que não era nem irônico nem ressentido. Era simplesmente seu sorriso de sempre. O sorriso que *me* pertencia.

– Oi, Malena. – ele disse, então, e eu senti vontade de gritar, chorar, sorrir, pular, comemorar. Tudo ao mesmo tempo, sem pausas para recuperar o fôlego.

– O-o-oi. – gaguejei, e coloquei o cabelo para trás da orelha, piscando forte várias vezes para me certificar de que não, eu não

estava dormindo.

– Será que a gente pode conversar?

– Você quer conversar?

– Quero.

– Eh... claro.

Engoli em seco. Depois de quase dois meses inteiros, ele queria conversar. Eu tinha esperado aquele momento por semanas, com a certeza de todas as palavras que eu iria escutar, e agora que a hora tinha chegado, eu não sabia de mais nada. Muito menos o que deveria esperar.

Sam levantou e me estendeu a mão. Ainda sem acreditar, eu a aceitei, sentindo o coração palpitar dolorosa e alegremente a cada segundo, mais e mais forte. Ele me levou até o lado de fora, na quadra externa, onde o vento estava frio, porém suportável sob as minhas camadas de roupas. Nos sentamos na arquibancada e ficamos em silêncio, um esperando o outro começar a falar.

– Como estão as coisas? – perguntei, de repente, tirando a voz sabe-se lá de onde.

– Ah... – murmurou – Você sabe...

Não, eu não sabia. E era melhor que eu continuasse sem saber.

– E com você? – indagou, em seguida, e eu tentei sorrir.

– Não muito melhores. – respondi, e nós dois soltamos risinhos que mais pareciam muxoxos.

– Malena, eu... – começou a dizer, e meu coração acelerou. – Eu vi muita coisa naquela noite. Você sabe o que eu quero dizer.

Fogo que vêm do nada, pessoas voando, ossos se partindo, eu gritando um feitiço instantâneo e virando uma bola de luz que viria a matar duas garotas? Sim, eu sabia.

– Eu queria que você me explicasse o que aconteceu. – continuou. – Bem, não só o que aconteceu, mas... tudo.

– Tudo? – insisti, com uma careta. *Tudo* era muita informação.

– Vocês se chamavam por nomes diferentes, vocês estavam se atacando... – bufou. – Eu quero saber por que, entende? Quero saber de onde isso veio.

– Eu te conto, se é isso que você quer ouvir. Mas eu preciso saber que você tem certeza de que está preparado para aceitar qualquer coisa que eu te disser.

– Eu estou.

Respirei fundo e esfreguei os olhos.

– Ótimo. – sussurrei.

Por onde eu iria começar? Era coisa demais para contar de uma vez, e detalhes em excesso para que a história fosse resumida. Eu duvidava que ele fosse acreditar, mas se era isso que Sam queria...

– Os nomes que você escutou eram os nossos nomes. – comecei. – É uma coisa complicada. Aqueles eram os nossos nomes numa vida passada.

– Vida passada? – Sam repetiu, hesitante, e torceu o nariz.

– É. – concordei. – Há uns cem anos, nós todas éramos irmãs. E bem, éramos... – olhei pra ele e lambi os lábios antes de terminar a frase. Era pior se dita em voz alta. – E éramos bruxas.

Sam não disse nada, mas franziu a testa. Eu ainda não sabia se aquele era um bom ou mau sinal.

– E não éramos só nós três. Nós éramos sete. – prossegui, então. – Anne von Reese, minha prima Tiffany, minha tia Frida e a filhinha recém-nascida dela também eram nossas irmãs nessa outra vida. Nós todas morávamos naquela Casa Azul, sabe, onde eu estou morando agora. E o problema é que, há cem anos, todas elas me traíram, e eu jurei vingança.

Era estranho falar em nome de Dorothi, mas agora eu entendia o que era sermos uma de novo. E era ótimo daquele jeito!

– Então, fiz um feitiço pra retornar como a sétima filha de um casal proveniente da cidade, e dei um jeito pra mandar todas nós pra fogueira. – pra não dizer “matei duas pessoas e as expus em praça pública, e então todas fomos assadas até morrer”, que seria a versão mais verdadeira. – Lá, as outras seis armaram uma profecia, que dizia que todas iríamos reencarnar e nos juntar aqui em Oxford para nos vingar dos descendentes daquele povo que tinha nos queimado.

– Certo... – Sam assentiu, coçando a cabeça.

– É, eu sei que parece absurdo! – suspirei, e fui em frente. – Só que, quando eu nasci, eu não me lembrava de nada disso, e elas sim. Eu descobri tudo depois de chegar em Oxford, no dia do seu jogo, lembra? Nos últimos meses, eu meio que dividi meu corpo com esse meu outro eu. É uma história complicada. – bufei. – Foi ela, Dorothi, meu eu de cem anos atrás, que me mostrou tudo o que tinha acontecido, e então eu tive de tomar partido da vingança dela.

“E ao mesmo tempo, não era só uma vingança. Se eu conseguisse parar as outras seis, Oxford não iria sofrer nenhum

dano. Só que pra isso, eu aparentemente teria que matar todas elas". Sam ergueu as sobrancelhas nessa parte, impressionado. Eu fiz uma careta e fui em frente: "Felizmente, eu descobri um jeito de tirar a magia delas, só que eu teria que chegar perto demais pra isso. Eu consegui neutralizar quatro delas à tempo, mas Cecily e Jane, que eram sua irmã e Kathi, acabaram sendo mais rápidas do que eu.

"Elas te pegaram pra conseguir chegar até mim, Sam. E elas conseguiram. Quando eu cheguei lá, eu só pensava que você estava preso por minha causa, pela minha incompetência, e eu não sei se você entende quando eu digo que elas realmente teriam te matado se eu não tivesse feito nada!" – Respirei profundamente e passei os dedos pelos fios finos e claríssimos do meu cabelo. "Eu te juro que eu não teria feito nada se eu tivesse opção, mas eu não tinha. Tudo o que eu fiz não foi por mim, não foi por vingança, foi pra te proteger. E eu paguei um preço por isso."

Sam ficou quieto por uns instantes, e eu respirei fundo outra vez, fechando os olhos.

– Que preço? – me perguntou.

– A magia se foi. – respondi.

– Toda?

– É o que parece.

Ficamos calados por mais uns segundos, e eu assisti minha própria respiração formar uma nuvem no ar gelado. Não conseguia olhar para ele.

– O que mais?

Lentamente, girei a cabeça para encontrar o seu olhar. Estava sério e penetrante.

– Perdi você. – afirmei.

E para minha surpresa, ele sorriu.

– Não perdeu. – Sam declarou, fazendo meu coração parar de bater por um segundo. – Nunca vai perder.

Abri a boca para tentar dizer alguma coisa, mas nada saiu além de um gaguejar estúpido. Sam riu da minha cara, e eu, inevitavelmente, o acompanhei, dando a primeira risada em meses.

E Sam foi chegando mais perto, e mais perto. Logo, eu já sentia sua respiração na minha pele, seus cílios batendo junto com os meus.

– Eu te amo, Malena Gordon. – sussurrou, com um último sorriso.

E então me beijou, me pegando de surpresa e acelerando meu coração a mil quilômetros por hora.

Lá dentro, o globo de espelhos explodiu, fazendo todo mundo gritar.

O CORAÇÃO DA MAGIA

Doce Rotina de Cada Dia

Eu corria acelerada, o mais rápido que meu longo vestido de festa me permitia. Lágrimas escorriam pelo meu rosto e borravam a minha visão. Eu só conseguia enxergar, no fim de uma ruela deserta, uma enorme cortina de fumaça seguida do que parecia ser um paredão de fogo. Eu não o via, mas ouvia seus gritos: Sam estava lá. Meu Sam. Eu quase conseguia sentir o fogo consumindo sua pele, a dor inexplicável atingindo seus membros.

Tentei me forçar a correr mais rápido, mas tropecei por causa do salto idiota que eu tinha inventado de usar. Salto, vestido longo, penteado, maquiagem; se eu soubesse que teria que lutar contra bruxas naquela noite, teria vestido algo mais confortável. Mas agora não dava tempo. Arranquei as sandálias o mais rápido que pude e tentei abrir um rasgo no vestido que me permitisse correr mais

rápido. Então o ouvi gritar, chamar meu nome. Tornei a correr como se a minha vida dependesse disso.

Eu estava alcançando. Estava cada vez mais perto. Eu já conseguia enxergar Sam, num ponto mais alto, amarrado numa tora de madeira, quase sendo alcançado pelo fogo. Meus joelhos estremeçeram como se fossem feitos de gelatina, mas eu não podia parar. Tentei acelerar, mas uma barreira invisível me deteve. Eu gritei em desespero, mas algo pareceu travar minha garganta. E então eu as avistei.

Kathi Jonas e Megan Goyle. Minhas irmãs de alma, também conhecidas como Jane e Cecily Von Evans, aquelas malditas. Elas riam abertamente para mim, e Megan lançava rápidos olhares de desdém para seu irmão Sam, preso na fogueira. Como ela podia fazer isso com ele? Mais importante, por que ele? Se queriam a mim, por que não vieram me pegar? Sam não precisava estar envolvido.

Continuei me debatendo contra a parede invisível, tentando contorná-la. A cada choque, eu era lançada alguns centímetros para trás. Seja lá qual feitiço fosse aquele, era dos bons. Eu berrava a plenos pulmões, mas nada saía. Eu me recusava a sair dali sem lutar. Elas não iam levar o meu Sam!

Finalmente, então, consegui gritar. Minha voz saiu em palavras incompreensíveis, gritos assustadores, porém eficazes. De imediato, algo aconteceu: eu despenquei no chão, exausta, mas meus olhos estavam bem abertos. Vi a parede invisível se dissolver numa camada de poeira, e vi Kathi e Megan morrerem bem diante de mim, suas vidas sendo sugadas junto com toda a magia em meio a um redemoinho de luz branca que cortava a noite. Eu as ouvi gritar e implorar e sofrer, mas eu não consegui sentir pena.

Breu. O fogo se apagou com outra onda de luz, e Toy, saído do nada, escalou a fogueira e usou suas unhas para libertar Sam, que mesmo estando muito machucado, veio trôpego até mim. Imaginei que ele fosse me agradecer, ver se eu estava bem, me perguntar o que tinha acontecido. Ao invés disso, ele se abaixou e me olhou como se eu fosse um monstro.

Completamente merecido, imagino. Eu tinha mesmo matado a irmã dele. Mas doía, de qualquer maneira.

- Por que você fez isso, Malena? – ele me perguntou, e essa pergunta se repetia inúmeras vezes, como se houvesse um eco sem fim. Todo o

cenário se dissolvia e se transformava num nada negro, onde estávamos eu e ele apenas, o som batendo nas paredes invisíveis, voltando pra mim.

Eu tentava responder. Gritava. E não saía som da minha boca.

E então, vindas do nada, Megan e Kathi reapareceram, caminhando lentamente. Os rostos sem expressão, a pele pálida e de aparência gélida, os vestidos rasgados e cheios de sangue, inúmeras marcas ao longo do corpo como se tivessem sido chicoteadas. Tentei agarrar a mão de Sam, para ao mesmo tempo protegê-lo e pedir ajuda, mas, para a minha surpresa, ele soltou minha mão com uma expressão quase de nojo. Se levantou e se afastou de mim, dando espaço para que Megan e Kathi me alcançassem.

Mais rápido agora, elas vêm até mim,

Vieram me buscar, vieram me buscar. Elas vieram me buscar pra me levar pro inferno.

Como alguém pode ser condenada por tentar salvar uma vida?

Como eu poderia não ser condenada por tirar duas vidas pra que isso acontecesse?

Talvez eu mereça ir pro inferno.

Grito quando suas mãos frias e podres me alcançam, e então acordo, só pra descobrir que é madrugada de novo.

Sonhar com a mesma coisa durante aproximados 60 dias não é brincadeira.

Suspirei de alívio e pus a mão sobre a testa suada. Ouvei o som do telefone, mas ele não estava em nenhum lugar que eu conseguisse ver. O toque estridente do meu celular tinha sido o meu bote de salvação todas as manhãs nos últimos dois meses. Não fosse por ele, eu descobriria exatamente que tipo de vingança Kathi e Megan tinham preparado para mim. Mesmo que só nos meus sonhos.

Então Toy saltou sobre a minha cama, carregando meu celular na boca, fazendo com que ele parecesse extremamente canino. Meu gato preto falante deixou-o sobre a minha barriga, completamente babado, e deu um miado engraçado. Preferi não comentar o quanto

ele se parecia com um cachorro naquele exato momento. Poderia deixá-lo ofendido.

- Ele me acordou também. – ele disse, sem animação – É o Sam.

- Você lê? – perguntei com um bocejo, depois de limpar o visor e ver que ele estava certo.

- Não, eu apenas tive tempo pra memorizar que a primeira ligação do dia é sempre a dele.

Era verdade. Desde que eu e Sam tínhamos começado a namorar, ele me ligava todos os dias de manhã. Mesmo quando era sábado, como hoje. Toy reclamava o tempo todo, dizendo que aquelas ligações completamente desnecessárias serviam apenas para acordá-lo de uma boa soneca. Eu achava o máximo.

- Oi, amor. – atendi, tentando não parecer completamente cansada. Parecia que um trator tinha passado sobre mim durante a noite.

- Oi, Lena! – Sam exclamou, todo animado, me chamando pelo apelido que tinha adotado pra mim – Bom dia!

- Bom dia, Sam. – dei um sorriso largo só de escutar sua voz – Me acordou, sabia?

- Eu ligo especialmente pra ter esse prazer!

- Obrigada por isso.

- Minha mãe quer saber se você virá aqui hoje. Pra almoçar.

Fiquei com a boca aberta por uns instantes, sem saber o que dizer. Passei a mão nos meus longos e escorridos cabelos quase brancos, ainda tentando encontrar uma resposta que Sam obviamente sabia que eu viria a dar. A Sra. Goyle queria me conhecer desde que Sam havia falado sobre mim pela primeira vez, mas eu ainda não tinha coragem suficiente para encará-la.

- Sam, você sabe que eu não *posso* ir aí. – eu disse, com cautela, enfatizando bem o fato de que eu simplesmente *não podia*.

- Para com isso, Malena. – Sam disse, parecendo chateado. Há dias ele tentava me convencer a ir até lá. E há dias eu estava tentando enrolá-lo com todo tipo de desculpa possível.

- Você não sabe como é, ok? – bufei e engoli o choro que estava vindo – Como você acha que eu vou poder olhar pra sua mãe depois de... – ter matado sua irmã – Tudo?

- Ela não sabe de nada.

- Mas eu sei, e isso é suficiente pra que seja horrível.

- O que eu devo dizer a ela?

- Qualquer coisa.

Sam ficou mudo do outro lado. Toy lambeu a pata e eu vi que seu olhar me reprovava. Bufe.

- Desculpe. – murmurei – Eu só preciso de tempo.

- Eu entendo, Lena. – ouvi-o suspirando – O tempo da minha mãe já acabou. Ela está bem agora. Você sabe que quando estiver pronta, vai ficar tudo bem.

- Sei, claro.

“Como você consegue ser tão legal comigo depois disso?”, eu tinha vontade de perguntar. “Eu matei a sua irmã”. A calma de Sam pra lidar com um assunto que ainda me corroia e sua capacidade de me namorar mesmo sabendo que eu tinha destruído parte de sua família eram coisas que eu simplesmente não compreendia. Como alguém podia ser tão bom a ponto de perdoar e ainda amar uma pessoa que tinha feito algo tão ruim quanto o que eu tinha feito?

Mas eu não falei nada. Trocamos mais algumas palavras e eu desliguei, com o coração agoniado. Olhei em volta, pousando meu olhar no canto escuro do sótão onde ficava o baú da família von Evans. Eu não tinha coragem de mexer em nada, como se qualquer mudança sequer na cãoição daqueles itens abrisse feridas do tamanho de caminhões. Por isso, os livros e diários de bruxa estavam jogados exatamente como da última vez em que haviam sido usados. O espelho de moldura dourada, antigo, quebrado e manchado, continuava apoiado na parede ao lado da minha cama, esperando pra ser usado. Toy era a única herança de Dorothi que não me dava vontade de vomitar.

Principalmente, meu lado bruxa continuava intocado. Adormecido. Eu nem sabia se ele ainda estava lá depois das coisas que haviam acontecido e do feitiço que eu havia proferido. Eu me sacrifiquei pra matar duas bruxas e salvar o garoto dos meus sonhos, e não estava especialmente preocupada nem arrependida quanto a isso. Tinha sido a melhor e mais

sábia escolha da minha vida. Ainda assim, não ter mais minha magia era completamente incômodo.

Sem mais a facilidade de fechar portas que esqueceu abertas só de olhar pra elas. Sem puxar as coisas pra si, sem fazer o que quiser com tudo à sua volta. Porém, sem explodir nada acidentalmente e tudo isso. E mais importante, sem Dorothi dividindo minha vida e meus pensamentos comigo. Tentava me lembrar do enorme inconveniente que era ter minha antepassada bruxa vivendo na minha cabeça comigo, me aporrinhando toda vez que ela começava a reclamar da minha condição de humana comum. Era algo de que eu realmente não sentia falta.

Me levantei, troquei de roupa e pus um pouco de comida para Toy. Coloquei o celular sobre a cômoda, calcei os chinelos e desci do sótão. A luz do dia que iluminava o corredor machucou meus olhos, sensíveis demais, e eu os cobri com a palma da mão enquanto descia.

Na cozinha, minha mãe, Milla, meu pai, Dave, e meus irmãos Colin, Dylan e Adam já estavam tomando café. Dei um bom dia desanimado e peguei o leite na geladeira.

Apesar de o inverno já estar no final, ainda fazia frio em Oxford. Naquele sábado, fui com Toy até a loja de animais, onde ele escolheu sua ração e paquerou uma gata de outra mulher. Ri disso enquanto íamos pra casa, e Toy me disse que, quando se é um gato falante com séculos de idade, se aprende a apreciar as coisas boas da vida.

Não discuti depois dessa.

- Não vai ver Sam hoje? – ele me perguntou, quando já estávamos de volta no sótão. Eu peguei o livro de química e meu caderno.

- Prova na segunda-feira! – justifiquei, e Toy fez algo que parecia um ronronar irritado.

- Você está fugindo dele, Malena, admita!

- Estou. – fiz beicinho e abandonei o livro – Você me entende, não é? Por favor, de todos no mundo, me entenda!

- Eu não entendo. – Toy subiu na minha cama e deitou sobre o meu travesseiro, olhando de um jeito curioso pro meu abajur de panda – Você age como se qualquer um soubesse que matou a menina Megan só de olhar pra você. O que não é verdade. Você disfarça muito bem.

- Cale essa boca! – exclamei, com medo de que alguém o tivesse escutado – Eu deveria fazer um feitiço pra cortar fora essa sua língua comprida!

- Você não tem mais magia.

- Obrigada por me lembrar disso, Toy! Muito esclarecedor!

Abri o livro e comecei a ler. Fiz umas anotações de fórmulas aqui e ali, tentando me concentrar. Era difícil. A menção ao ocorrido me dava arrepios na espinha, revirava meu estômago, e me fazia lembrar dos meus pesadelos. Eu odiava a sensação de impotência que aquilo me trazia.

- Se serve de consolo, você matou duas bruxas que queriam escravizar a cidade e matar seu namorado. – Toy disse, de repente. Automaticamente, mexi a mão, como se fosse segurar seu focinho, mas nada aconteceu. Teria funcionado perfeitamente bem se eu fosse bruxa. Não era mais o caso.

- Esqueça isso. – pedi, com a voz cansada. Mas nem eu conseguia esquecer.

Vinte minutos inteiros se passaram, e eu ainda estava na primeira página. Era óbvio que eu não ia conseguir estudar daquele jeito.

- Eu tenho uma teoria. – Toy afirmou então, vindo até mim. Pulou sobre o meu livro e ali se sentou, me encarando com seus grandes olhos amarelos.

- Só fale se for uma teoria química. – resmunguei, me sentindo uma completa fracassada.

- Acho que você não perdeu seus poderes. – insistiu o gato, e eu fiz uma careta.

- Toy, preste bastante atenção porque só vou fazer isso uma vez, ok?

Ergui a mão e me concentrei, buscando a magia que não estava ali e tentei mover alguma coisa. Um livro, um fio de cabelo, qualquer coisa. Nada aconteceu.

- Viu só? – tirei-o de cima do livro e espanei os pêlos – Eu não sou mais uma bruxa, Toy. Felizmente.

- Não finja que está feliz com isso. É deprimente.

- Me deixe estudar!

Toy miou e deitou-se aos meus pés. Ficou calado, e eu tentei estudar pela hora seguinte, avançando as páginas sem me lembrar do que havia lido nas linhas anteriores. Era simplesmente impossível me manter sã com tudo me fazendo lembrar dos meus piores pesadelos a cada momento.

O pior de tudo era admitir que Toy tinha razão. Era mesmo deprimente o modo como eu tentava fingir que adorava voltar a ser só mais um ser humano limitado. Eu estava me enganando, ou tentando me enganar. Por mais de 15 anos, eu tinha me acostumado a ser a menina estranha. Durante meses, eu tinha aceitado e aprendido a lidar com o fato de eu ser uma bruxa. E agora, eu só me sentia comum.

Comum porque todo mundo em Oxford já tinha se acostumado comigo, e ninguém mais me olhava de maneira diferente só por ser albina. Comum porque eu era mais uma garota na minúscula OSD me esforçando pras provas finais, me desdobrando entre as dúvidas de faculdade e meu namorado perfeito.

Comum porque eu não era mais uma bruxa, não tinha mais que salvar uma cidade inteira – por menor que ela fosse – não destruía coisas sem intenção quando estava irritada demais, não movia nada com a mente, não podia fazer feitiços, não tinha toda aquela emoção de viver sempre no risco e não tinha mais nada de excitante na minha vida.

Obviamente, eu sabia que estava sendo ridícula e egoísta. Quero dizer, qualquer um adoraria um pouco de paz após todas as coisas insanas que haviam acontecido, certo? Qual era o sentido de querer mais problemas depois de ter assassinado duas pessoas por algo que só tinha te feito mal? Eu devia estar completamente feliz agora! Mas não podia, porque eu sentia falta de tudo, mesmo da parte ruim. Até de discutir comigo mesma em frente a um espelho quebrado, e de saber que eu tinha um lado ruim escondido em mim. Eu sentia falta porque era o que me fazia sentir especial, diferente de um jeito só meu.

Malena, Malena, em que você estava pensando?

Eram mais ou menos nove da noite, e eu não fazia a menor idéia do que eu estava fazendo com meu material de química, quando o

celular tocou e me deu um susto. O achei debaixo do travesseiro e atendi, já sabendo quem era.

- Oi, Sam. – disse, de pronto.

Mas não era Sam do outro lado da linha.

- Malena, eu acho que deveríamos nos ver. – disse minha tia Frida, do outro lado da linha.

- Eu estou ótima, tia, e você? – soltei, petulante. Não era a primeira vez que minha tia me ligava num sábado à noite.

Na verdade, ela vinha me ligando todo sábado à noite nos últimos meses, sempre pra dizer que queria me ver. Eu sempre fugia. Não nos víamos desde o batizado de Linda, pouco depois do Ano Novo. Na ocasião, eu fiz de tudo pra sair da festinha o mais rapidamente possível, fazendo de tudo para não ser pega desprevenida.

- Malena, eu estou falando sério. – suspirou – Eu estou ótima. Mas estou preocupada com você.

- Eu agradeço, mas não é necessário. – afirmei, em tom de quem dá por encerrado o assunto.

- Dorothei, será que pode me escutar?

Aquilo era novo. Em todas as ligações, minha tia nunca tinha me chamado pelo meu nome de bruxa. Ela sempre me tratava como sobrinha, não como irmã. Ser chamada pelo meu outro nome me fez estremecer.

- Zethi, seja razoável. – pedi, com o tom que costumava usar quando era Dorothei falando, e não eu. O tipo de conversa mudava, o vocabulário, e até disso eu sentia falta. Quando era Dorothei, a Dorothei de verdade, quem estava falando, soava confiante e natural. Quando eu tentava imitar, parecia uma menininha de dez anos mostrando o que aprendeu na escola.

- Eu estou preocupada com você! – ela insistiu – Preocupada porque você está fechada pra mim depois das coisas que aconteceram. Você acha que eu não vejo, que eu não ouço o quanto está diferente?

- Quem está fofocando pelas minhas costas?

- Venha até aqui e falamos disso.

Claro. Como se ela fosse barganhar aquilo comigo quando tudo o que eu queria era não lembrar.

- Boa noite. – declarei.

E desliguei. O telefone, dessa vez, pra ter certeza de que não voltaria a ser incomodada.

Mas evidentemente fui incomodada. Por mim mesma. Porque desligar o telefone não impediu que eu dormisse e sonhasse o mesmo pesadelo de novo.

Eu não gostava daquela rotina.

Fiz meu caminho de sempre até a ODS na segunda-feira, acompanhada como sempre por Eric e Freddy, que iam na frente, chutando os últimos resquícios de neve e falando de pessoas que eu não conhecia muito bem. Eu estava exausta, tinha uma prova e nenhuma perspectiva de me dar bem no dia.

A vida estava chata, era verdade. Mas talvez fosse melhor assim. Eu podia dar atenção à minha família, aos meus amigos. Podia me preocupar com coisas maiores no tempo certo, podia viver sem o risco iminente de ser morta ou ameaçada por quem fosse. Eu estava bem daquele jeito, não estava?

A que eu estava querendo enganar?

Cheguei na escola e quase fui atropelada no estacionamento ao passar distraída demais. O motorista – um cara do último ano, pelo que eu podia me lembrar – buzinou e me mandou sair da frente. Meu coração acelerou, e eu sabia que aquela seria possivelmente a maior emoção que eu teria no dia. E nos próximos.

Atravessei o estacionamento lotado de pedrinhas da ODS em direção aos prédios pequenos e suficientes pra população tão limitada da nossa escola. Ali na frente, exatamente como no primeiro dia de aula em que eu havia levado um estojo nas costas sem querer, estavam Haley e Hellen Nelson, as gêmeas mais parecidas e cômicas do mundo; Yara de los Angeles, minha melhor amiga e fiel religiosa; Ned Lee, o chinês que eu mais gostava no mundo; e o meu Sam.

Sam, como em todas as manhãs, foi o primeiro a me receber, com o seu abraço apertado e o beijo que ainda me fazia ter vontade de pular de alegria. Eu ainda me sentia como se o estivesse vendo pela primeira vez. O frio na barriga não tinha desaparecido, nem aquela sensação de que o mundo explodiria em cores de tanta felicidade que eu sentia por estar com ele.

Dei um oi rápido pra todo mundo, observando Yara e Ned conversarem. Estava perdida em pensamentos nostálgicos quando *ela* chegou.

Liu Schieng Chuan. A pessoa com quem eu tinha tido que me acostumar nas últimas duas semanas. Uma chinesa um pouco menor do que eu, que ia pra escola com penteados estranhos e botas de combate. Suas roupas me lembravam de Kathi – mas eu evitava fazer essa comparação pra não começar a chorar onde estivesse. Preferia pensar que Liu era uma peça única.

No entanto, havia alguma coisa sobre Liu que me incomodava. Eu não sabia dizer exatamente o que era. Ela não era nova na cidade – eu nunca tinha prestado atenção especial a ela por não termos nenhuma aula juntas, mas, por ela ser do mesmo ano que eu, já sabia que ela existia. Mas ela tinha se aproximado de maneira tão repentina de Ned, e olhava a todos nós de maneira tão estranha...

Bufoei. Devia ser só coisa da minha cabeça. Eu estava desconfiada dela pura e simplesmente porque a sua intromissão na vida dos meus amigos estava fazendo a Yara sofrer, e eu a odiava por isso. Ned não percebia, mas eu – e todo mundo – via o sorriso maldoso que ela lançava pra minha amiga quando os dois estavam juntos, como se ela tivesse algum tipo de qualidade superior que a tornava muito melhor que Yara, e portanto merecedora de Ned. Uma necessidade de fazê-la sentir inveja pelo que lhe tinha sido roubado. Quando a vi chegar perto de Ned e lhe dar um grande beijo na boca, só pude imaginar o que Yara estava sentindo. Ela e Ned não haviam dado certo: um mês depois de terem começado a sair juntos, terminaram. A amizade ia bem, mas eu sabia, mesmo que ela não me dissesse, que ainda gostava dele. E ele agora estava com Liu.

Discretamente, Yara tirou seu time de campo e veio até mim e Sam. Usava a mesma saia que ia até os pés, e os cabelos negros presos numa trança que caia infinitamente pelas costas. Completamente diferente de Liu, com seu cabelo escorrido preto rabiscado de azul e vermelho em mais

de um ponto, suas roupas coloridas desengonçadas e seu jeito meio punk de ser.

Sem dúvidas sobre a minha preferência!

- Tudo bem? – perguntei a Yara, indicando Ned com a cabeça.
- Eu estou ótima. – ela me respondeu, mas eu sabia que não era verdade. Eu só não ia dizer isso a ela.
- Vai me ajudar a estudar hoje, então? – indaguei, só pra mudar de assunto. Yara fez uma careta.
- Tem *mesmo* que ser na sua casa? – quis saber, e eu rolei os olhos. Ela ainda tinha medo da Casa Azul. Todo mundo tinha medo, ainda que estivesse habitada e perfeitamente segura (pelo menos até onde as pessoas tinham conhecimento) desde que nós chegamos. Divaguei por um instante pras lembranças daquele passado tão distante, me perdendo nas imagens da minha outra vida. Retomei o foco antes que me perdesse por completo.
- Não faz o menor sentido você ter medo, ok? – afirmei, sorrindo. Yara tentou sorrir também, mas não deu muito certo – Eu te protejo! Olhei por um mísero segundo pra Sam. Ele sorria com a compreensão que só ele poderia me dedicar.
- Tudo bem. – Yara respondeu, sorrindo sinceramente – Você tem razão. Eu estou sendo boba.
- Claro que está!

Então o sinal tocou, anunciando o início do martírio. Me despedi de Sam e segui ao lado de Yara para o meu prédio.

A OSD já era quase que uma segunda casa pra mim. Eu já conhecia cada prédio e cada funcionário, já reconhecia rostos e lembrava nomes, cumprimentava pessoas aleatoriamente no caminho pra sala de aula. O difícil era passar pelos corredores, onde as fotos de Megan Goyle e Kathi Jonas me lembravam da assassina que eu era. Talvez fosse por causa daqueles cartazes de desaparecidas, do eterno sofrimento das mães, da persistência em encontrar suas filhas que eu sabia que nunca voltariam pra casa, que eu não conseguia esquecer. Todos os dias, os olhos nas fotos me encaravam com ares de acusação, e a minha culpa nunca diminuía. Como sempre, fingi ignorar, e entrei na sala de aula.

Me sentei no meu lugar de sempre, atrás de Yara e ao lado de Ned, agradecendo a Deus – ou ao Senhor das Almas, como ensinava meu lado bruxo – por não ter que agüentar a nova namorada dele por pelo menos duas aulas. Meu estado de felicidade não durou muito

mais tempo, quando me lembrei que era aula de matemática e estremeci. Eu já teria repetido naquela matéria se Ned não me ajudasse tanto quanto podia.

Aparentemente, aquela ajuda não era o suficiente. Porque, quando o Prof. Timmy me entregou a minha prova corrigida, o "D" estava em vermelho, circulado e gritante.

- Ótimo. – murmurei. Naquela prova, eu tinha passado metade do tempo pensando no meu pesadelo de sempre, e a outra metade tentando colar de Ned. Não tinha tido muito sucesso.

Eu não fazia idéia do que faria pra recuperar aquela nota. *Aquelas*, eu deveria dizer. Aquele era o meu segundo D, seguido de um C- e um C+. Isso sem contar que a primeira prova do semestre tinha sido um fiasco: eu tirei um E. Definitivamente, eu era a aluna mais fracassada daquela sala.

Pra não dizer a mais miserável.

As aulas se arrastaram até a hora do almoço. Minha prova no segundo tempo foi um pouco melhor do que eu esperava que fosse. Foi um alívio imensurável deixar a sala de aula e ir até o refeitório, onde Sam já estava me esperando, com um sorriso no rosto e os braços abertos pra me receber.

Eu não agüentaria um só segundo se não fosse por ele, disso eu tinha certeza.

Me sentei entre ele e Halley. Ela, pra variar, cochichava com sua irmã gêmea, Hellen. Ao lado de Hellen, Patrick copiava a lição de casa que Yara tinha feito, e ao lado de Yara estava Ned, seguido de Liu. A decisão de deixá-la sentar na nossa mesa tinha muito mais a ver com a nossa amizade por ele do que com aceitarmos ela. Liu não fazia o menor esforço em ser simpática e não tinha o menor interesse em ser nossa amiga. Pra mim, ela só não tinha levado Ned pra se sentar na sua antiga mesa (junto com outros punks da escola) porque ali era o melhor lugar para forçar Yara a observar a relação dos dois.

Eu estava pensando num modo de tirar minha melhor amiga da posição de dor em que ela se encontrava quando Halley finalmente pareceu notar que a mesa estava cheia e resolveu expandir sua

conversa. Ela parou de falar, os lábios unidos numa linha fina, então sorriu com excitação.

Qual seria a fofoca da vez?

- Nossa mãe... – ok, essa era nova – Contou uma coisa IN-CRÍ-VEL pra gente!

As gêmeas tinham pego essa mania de separar as palavras em sílabas quando queriam enfatizar alguma coisa, nos últimos tempos. Me irritava mais do que a mania de completarem as frases uma da outra só pra me deixar confusa.

- Parece que tem um grupo de ciganos vindo pra cá! – Hellen exclamou, como se fosse a notícia do ano – Ciganos! Dá pra acreditar?

- Minha mãe disse que teve um grupo pequeno deles há uns vinte anos atrás. – Liu falou, do nada. Era novidade que ela opinasse nas fofocas que as gêmeas Nelson sempre contavam durante a hora do almoço – Com seus panos coloridos e música e dança. Ela achava bonito.

- Meu pai se lembra deles também. – Yara falou, apressadamente, e eu fiquei ainda mais surpresa em perceber que ela só estava falando porque Liu tinha dito algo primeiro – Disse que eles eram malignos, que assaltavam as lojas, assustavam as crianças, como demônios. Meu pai disse que não duvidava nada que fossem bruxos ou algo do tipo, aparecendo e sumindo sempre do nada.

Meu cérebro ficou alerta num segundo quando ela disse a palavra “bruxos”. Sam apertou minha mão, entendendo meu pequeno pânico, e então eu relaxei. Quero dizer, qual era a possibilidade de haverem mais bruxos do que eu já conhecia? Éramos uma espécie bem rara, pelo que as lembranças de Dorothei me diziam.

Seguiu-se uma enorme discussão sobre a tal índole cigana, onde Liu e Yara, como era de se esperar, lideravam os dois lados extremos. Eu preferi simplesmente não me meter. Eram apenas superstições de um velho religioso. Yara era bem convencida de tudo que seu pai pregava e ensinava, mas eu sabia que aquilo era pura besteira. Eram apenas

ciganos. Iam chegar, acampar por um tempo, e ir embora. Nada com que eu precisasse realmente me preocupar.